FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 29 DE FEVEREIRO DE 1968

ANO 47.º — NÚMERO 16 [illegible] 4

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX. 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O SEBASTIANISMO E NÓS

1 — GÉNESE DO MITO

por JOEL SERRÃO

COUBE a Oliveira Martins o ensejo de na sua História de Portugal **(1879) ter chamado a atenção para o significado do sebastianismo no fenómeno histórico português moderno. Interpretando-o como «uma prova póstuma da nacionalidade», caracteriza-o por este modo: «A alma lusitana, ingénua na sua candidez — tombado agora por terra o edifício imperial, desconjuntado e condenado**

(Continua na 8.ª página)

A TENTATIVA FALHADA DE REDUZIR AO SILÊNCIO A CRÍTICA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Como ontem dissemos, sem dar margem a dúvidas, a propósito da tentativa da «Cineasso» de reduzir ao silêncio o exercício da crítica cinematográfica do «Diário de Lisboa», o leitor não deixará de encontrar no jornal «aquilo que procura, o que espera de nós que é, acima de tudo, a independência e a insubmissão a interesses. O que o leitor não encontrará é a hipoteca dessa independência».

Uma carta de «Filmes Castelo Lopes»

Que a crítica cinematográfica do «Diário de Lisboa» — para além de pontos de vista e critérios sempre discutíveis — é exercida pelos que dela estão encarregados com equilíbrio e sentido relativo de valores prova-o o interesse dos leitores e, até, a atitude de algumas empresas cinematográficas. Como exemplo se transcreve a carta que, há breves dias, recebemos da firma «Filmes Castello Lopes, Lda.»:

«Cumpre-nos agradecer o destaque e os termos da crítica ao filme que neste momento apresentamos no Cinema Condes, «Uma Noite na Ópera», com os Irmãos Marx.

Temos o prazer de verificar que o «Diário de Lisboa», através da sua secção de crítica cinematográfica, não deixou de sublinhar, merecidamente, o

(Continua na ultima página)

Chris Barnard e Shumway avistaram-se em Stanford

PROF. BARNARD

DR. SHUMWAY

STANFORD (California), 29 — (A. N. I.) — O prof. Christian Barnard, no posseguimento da sua visita aos Estados Unidos, deslocou-se ontem ao Centro Médico da Universidade de Stanford, onde conversou demoradamente com o dr. Norman Shumway, outro pioneiro das transplantações de coração.

Não foi, revelada a natureza da conversa. Shumway chefiou a equipa cirurgica que colocou o coração de uma mulher em Mike Kasperak, a 6 de Janeiro deste ano, no hospital de Stanford. Kasperak morreu quinze dias depois, com uma hemorragia interna.

Barnard passou a tarde quase toda no Centro Médico de Stanford e teve também demoradas trocas de impressões com o dr. Bonald Harrion, que foi o cardiologista de Kasperak, e com outros membros da equipa de Shumway.

O cirurgião sul-africano, que está a participar numa conferência de cardiologia em San Francisco, visitou todas as dependências do Centro Médico e os laboratórios do serviço de cirurgia cardiovascular.

Nota do dia

NA BASE DA CONFIANÇA

A voz autorizada do adido cultural do Brasil, dr. Ottó Lara Resende, fez-se ouvir ontem por intermédio do «Diário de Lisboa» na apreciação de diversos aspectos relativos às relações luso-brasileiras. Nessa declaração há dois tópicos: a novidade de que vai ser criado um Instituto Brasileiro de Cultura como ponto de partida para um intercâmbio mais fecundo entre os dois países e a vincada suposição de que o acordo cultural, assinado em 7 de Setembro do ano findo, deve ser ratificado até ao fim de Abril próximo. É um passo importante para a efectivação de um instrumento diplomático que pode ser de primordial importância na materialização dos anseios daqueles que, dos dois lados do Atlântico, se sentem presos a preocupações paralelas. Não nos iludamos, todavia, com o grau de eficiência que se pode atingir. Foi o próprio dr. Lara Resende que apropriadamente advertiu: «O Acordo pode ficar no papel, ser letra morta ou, pelo contrário, ser um grande passo em frente. Tudo dependerá de se criarem ou não, de ambos os lados, os instrumentos necessários para a sua realização efectiva. O acordo serve apenas para balizar os caminhos». Com efeito, é agradável que se rejeitam as declarações de amizade e os propósitos de colaboração. Mas tudo isso será vazio de conteúdo se não se traçar e executar um programa ousado de realizações que dêem materialização a textos capazes de ser, aliás, da melhor inspiração. Antes do mais é preciso tudo fazer para bem nos conhecermos. Conhecer é ir ver, é estar presente, é contactar, é dialogar. Precisamos não só de ter confiança mas também de certificá-la e fortalecê-la em termos de não nos parecer necessário esconder o que nos pareçam as nossas fragilidades. Estamos em família, não é? Quem melhor do que o Brasil desculpará os nossos pontos fracos e até gostaria de nos ajudar a corrigi-los? E quem melhor do que nós ao Brasil?

PROIBIDA A ENTRADA NA ÍNDIA

A ASIÁTICOS COM PASSAPORTE BRITÂNICO

NOVA DELHI, 29 — (R.) — A Índia proibiu hoje a entrada de cidadãos asiáticos com passaporte britânico e reserva-se o direito de estudar a livre entrada de outros indivíduos da Comunidade Britânica.

Esta comunicação foi feita em ambas as Câmaras do Parlamento.

A comunicação foi quase simultânea á aprovação do projecto de lei pela Câmara dos Comuns britânica, restringindo a imigração. Esta medida afectará milhares de indianos que vivem no Quénia e que poderiam agora querer regressar á Índia.

MAIS EMIGRANTES A CAMINHO DE LONDRES

NAIROBI, 29 — (R.) — Partiu ás primeiras horas de hoje um avião britânico, em voo especial, provávelmente com os ultimos asiáticos do Quénia a entrar em Inglaterra, antes da entrada em vigor da nova lei relativa á imigração.

MAO TSÉ TUNG CRITICADO PELO RUSSO SUSLOV NA REUNIÃO DE BUDAPESTE

MOSCOVO, 29 — (R.) — Mikhail Suslov, chefe da delegação soviética á conferência comunista de Budapeste, acusou Mao Tsé Tung, chefe do Partido Comunista chinês, de ser surdo á linguagem do comunismo.

Segundo anunciou a Tass, Suslov, discursando em apoio de uma conferência comunista mundial de alto nível, no fim deste ano, declarou em Budapeste que a China estava empenhada numa campanha de difamação contra essa reunião.

A agência noticiosa soviética divulgou o texto do discurso proferido anteontem por Suslov perante os delegados que assistem á conferência de Budapeste, no qual acusou o grupo de Mao Tsé Tung de manifestar «mais uma vez a sua recusa em cooperar com os partidos comunistas, para solucionar as tarefas do nosso movimento...»

Suslov prosseguiu: «Este acto de desafio é a prova da completa surdez do grupo de Mao Tsé Tung á linguagem do internacionalismo proletário utilizada pelos comunistas».

Suslov disse ainda que a delegação soviética pretendia que a conferência aprovasse resoluções especiais sobre a questão do Vietnam e sobre a de intensificar a luta pela paz.

A União Soviética — acrescentou — acharia também util considerar a questão de acelerar, por meio de coexistência pacífica, a luta para evitar uma guerra termonuclear.

«GUERRA DE NERVOS» DO VIETCONG À VOLTA DE SAIGÃO

SAIGÃO, 29 — (F. P.) — Os «vietcongs» mantiveram a sua «guerra dos nervos» e os seus bombardeamentos á volta da capital sul-vietnamiana. Foram encontrados panfletos em diversos bairros populosos de Saigão, anunciando que seria lançado novo ataque dentro de 24 horas. O dispositivo de segurança nestes bairros foi reforçado durante a noite. Esta, porém, não foi mais agitada que as anteriores.

Sessenta obuses de 82 mm, caíram, pelas 20 horas, no posto de comando de um regimento governamental, perto de Bien Hoa. Ficaram feridos cinco civis. As per-

(Continua na 13.ª página)

HOJE — 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

UM MORTO E CINCO FERIDOS

Ao amanhecer saíram de um baile de Carnaval, nas Caldas da Rainha, para ir ver nascer o sol á Foz do Arelho. Eram dois casais e meteram-se num automóvel conduzido pelo sr. Joaquim José de Sousa Elias, de 40 anos, das Caldas, morador na Beira, Moçambique, e agora em férias. Com ele a esposa, D. Maria Helena Rosendo Gomes da Silva Elias, a filha do casal, Maria Helena, de 11 anos, o sr. Carlos Manuel Panjágua Feteiro, de 35 anos, empregado da Cidla, em Loures, e esposa D. Maria Lisete, de 31 anos, e o filho Carlos Manuel, de 14 anos. Não se sabe porquê; mas pouco depois, o carro embatia violentamente numa árvore. Morreu logo o condutor e as outras pessoas todas feridas deram entrada no hospital do Montepio, nas Caldas da Rainha tendo a esposa do condutor e a filha dado depois entrada num hospital de Lisboa.

A CRIANÇA ASFIXIADA

Carlos Alberto Nogueira da Silva, de 18 meses, estava em casa da avó. Tem-te não cais nas pernas andava o petiz pela casa fora e foi tirar de uma saca uns feijões que, é claro, engoliu como fazem todas as crianças. Asfixiado o pobrezinho foi levado de Xiolo, concelho da Maia, onde vivia, ao Hospital de Santo António. Mas lá morreu asfixiado o pequeno Carlos Alberto Nogueira da Silva.

NA ESTAÇÃO DO MINDELO

Um combóio da linha da Póvoa, perto da estação do Mindelo, colheu e matou a sr.ª Emília da Conceição, de 33 anos, que vivia com seus pais, na Senhora da Hora. Dava ela indícios de alienação mental. Também na mesma estação, ontem, uma automotora, ao entrar nas agulhas, colheu o proprietário sr. José Bento de Sousa Dias, de 53 anos. Ia a atravessar a linha, na passagem de nível e foi a morte...

TRACTOR DE MORTE

Estava escorregadio o pavimento e o reboque de um tractor, guiado pelo sr. Henrique Custódio Peralta, de 27 anos, voltou-se. Nele seguiam vinte trabalhadores, na maioria mulheres. Feridas ficaram nove pessoas; e Deolinda Carreira Gonçalves, de 18 anos, na acidente perdeu a vida. Nascera em Lamarosa, concelho de Coruche. O desastre verificou-se quando o reboque seguia para a fábrica de concentrados Compal, perto de Almeirim.

O VINHO EM EXCESSO

O vinho tem de ser como o sal. Com conta, peso e medida. Ontem, em Odivelas, esteve Augusto Tavares Salgado, de 35 anos, natural de Guimarães, numa taberna a beber-lhe á larga. Um copo puxa outro e emborcou nada menos de 40 copos de vinho. Sentiu-se mal disposto é claro. Depois saiu o pobre servente de pedreiro, a cambalear. Horas depois, a G. N. R. encontrou-o na rua, inanimado. Chegou morto ao Hospital de Santa Maria.

O CAÇADOR DE PATOS

Foi em Alcains. Desde sexta-feira que a povoação viveu horas de ansiedade. O sr. António Lourenço Pires Escudeiro, de 31 anos, casado, funcionário dos C. T. T., havia ido á caça dos patos, numa barragem perto. Ouviram-se tiros e, a nado, o sr. António Escudeiro foi buscar o pato abatido. Talvez por congestão afundou-se. No povo deram o alarme e chamaram-se os bombeiros de Castelo Branco. Buscas e mais buscas e vieram depois os homens-rãs das Forças Armadas que conseguiram trazer o corpo á superfície.

DE REGRESSO

A Lisboa, regressou o dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, que havia ido á Holanda a convite do príncipe Bernardo, presidente da Fundação Europeia de Cultura, para uma reunião em que foram tratados diversos problemas, mas sobretudo o tema geral: «O ano dois mil».

DESCARRILOU UM COMBOIO PERTO DE SETUBAL REGISTANDO-SE APENAS ESTRAGOS NA LINHA FÉRREA

SETÚBAL, 29 — Esta manhã, pouco depois das sete horas, deu-se, perto desta cidade, o descarrilamento de um comboio, formado pela locomotiva e três carruagens.

O desastre, que não teve consequências de maior, além de ter originado transtornos de tráfego, deu-se na estação de Praias-Sado. A composição vinha do Barreiro para esta estação quando, por motivos ainda não apurados, a composição saiu da linha. Nem a máquina nem as carruagens ficaram danificadas, pois a composição entrara já em manobras, na estação, a pequena velocidade. Os únicos prejuízos verificaram-se na linha férrea, que ficou danificada numa extensão de cerca de trinta metros. Daí resultou ter ficado interrompida a circulação, durante parte do dia, tendo-se feito transbordos de passageiros dos comboios que seguiam do Barreiro para Faro, a automotora de Sines para o Barreiro e Lisboa tendo o «rápido» do Barreiro para Vila Real de Santo António sido encaminhado pela linha do Sul.

Não se registaram desastres pessoais e os poucos passageiros que seguiam no comboio sinistrado quase nem deram pelo sinistro.

Um comboio de socorro foi enviado para o local, procedendo durante toda a manhã ás manobras de carrilamento.

A SITUAÇÃO DOS VETERINÁRIOS FOI HOJE VENTILADA NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Na Assembleia Nacional prosseguiu, esta tarde, o debate sobre as Contas Gerais do Estado, tendo usado da palavra os deputados rev. Barros Duarte (Timor) e eng. Sousa Magalhães (Porto).

Antes da «Ordem do Dia», o sr. eng. André Navarro (Lisboa) teceu algumas considerações sobre a expansão do mundo comunista, analisando alguns aspectos da presente situação internacional.

Seguidamente, o sr. dr. Santos Bessa (Coimbra) chamou a atenção para o uso e abuso de pesticidas na agricultura, «o que concorre para afectar a saúde da comunidade».

● «Está a extinguir-se no País a classe dos veterinários» — disse o deputado Lopes Frazão

Usando da palavra, o deputado Teófilo Lopes Frazão, numa intervenção sobre veterinários municipais, afirmou que a situação destes «era, sem sombra de exagero, angustiosa e insustentável».

— Têm sido muitas, e até opostas nos seus critérios — disse —, as soluções apontadas para resolver essa situação caótica, testemunho da queda acentuada de uma classe, hoje em franca tendência para a extinção, e de que a vida económica nacional tem tanta necessidade pela exigência de uma pecuária que se precisa seja altamente qualificada, o que nunca será possível sem técnica e sem investigação».

— Se continuarmos — prosseguiu — com a nossa veterinária marasmada, tal como se encontra, ou temos mesmo que passar sem ela, o que por inconcepção não me parece possível, ou, então, ver-nos-emos obrigados a recorrer a técnicos estrangeiros, o que afinal já hoje se vai vendo, infelizmente, com frequência, e isto tão-só por serem cada vez menos os técnicos nacionais. Além disso, a nossa formação profissional tem sido extremamente precária, sem a conveniente qualificação para uma cobertura perfeita, conducente a uma assistência efectiva e a uma investigação aprofundada e intensa. A humildade do exercício, por humilde a matéria sobre que é executado, e a sua extrema rudeza, isso aliado a uma baixa remuneração são motivos de nenhuma atracção sobre a nossa juventude estudantil em busca de uma carreira. Assim é que de uma média anual de 33,1 diplomados, baixou-se para a de 11,5, de 1956 a 1966, e, nos dois ultimos anos, essa média diminuiu ainda mais, caindo para 7. O que são 7 veterinários licenciados por ano?

Finalmente, o deputado Horácio Silva (Angola) ocupou-se do povoamento ultramarino.

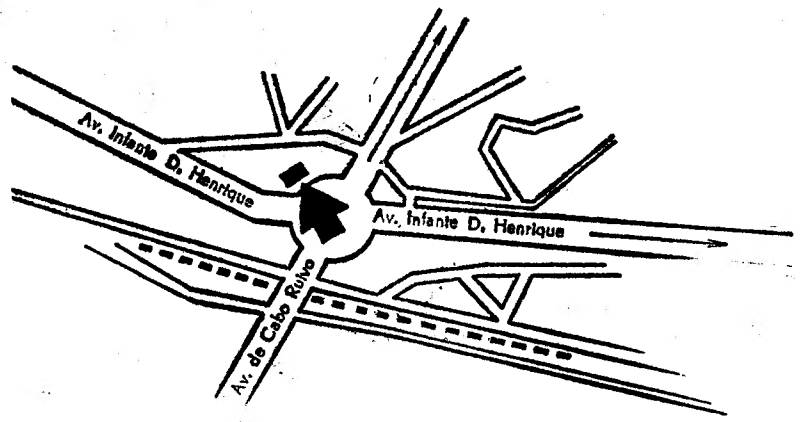
FORA DO BULÍCIO DA CIDADE

CUF - S.P.P. | A2

em Cabo Ruivo

o seu auto-banco realiza, as seguintes operações:

abertura de conta; compra e venda de moeda estrangeira; recepção de propostas e pagamento de letras; recepção de correio; recepção de depósitos; pagamento de cheques das dependências urbanas de Lisboa.



1843

BANCO TOTTA-ALIANÇA

UM BANCO NOVO COM MAIS DE CEM ANOS DE EXPERIÊNCIA

Foi hoje a enterrar no cemitério da Guia o dr. Melo Furtado

No cemitério da Guia, em Cascais, foi autopsiado, esta manhã, o corpo do dr. Melo Furtado, conhecido professor do Ensino Técnico, falecido como oportunamente noticiámos, junto dos «courts» de ténis do Estoril, em consequência de uma crise cardíaca.

Assistiu á autópsia o sr. dr. José António de Matos Ratinho, subdelegado de Saúde de Cascais.

De tarde, após missa de corpo presente, efectuou-se, no cemitério acima mencionado, o funeral daquele que foi sempre um professor estimado e competente.

RECTÂNGULOS DA VIDA

POR MARIA JUDITE DE CARVALHO

AINDA O DOUTOR BARNARD

Desde Gagarine, o primeiro e único dos astronautas que conheceu um certo êxito pessoal, e de Kennedy, o primeiro presidente jovem dos E. U., que não surgia no mundo um homem-vedeta com a fascinação do doutor Barnard. Numa hipotética competição, o próprio Gagarine (nem vale a pena falar do presidente) seria, claro está, preterido, até porque o cosmos, sim senhor, é muito bonito ir até lá, muito apaixonante, mas fica longe como tudo, e o coração, esse está aqui dentro do nosso peito, e quando ameaça parar, adeus vida.

O que mais impressiona no doutor Chris Barnard é o forte contraste entre o seu físico de jogador de ténis (não sei porquê mas acho que ele deve jogar o ténis), o seu sorriso aberto de actor de cinema que acaba de receber o «oscar» pela melhor interpretação masculina do ano, o seu ar totalmente satisfeito consigo próprio, a sua qualidade de cientista de primeira plana e as declarações de puro humor negro que alegremente lança ao publico.

Claro que, para utilidade dos homens, os animais (macacos, cães ou cobaias), sempre têm sido e serão os grandes sacrificados. Mas arrepia um pouco, digam o que disserem, aquela história do cão do doutor Barnard, que tem duas cabeças, come com ambas e ladra com ambas. Ora nós gostamos de aproveitar os benefícios da ciência, mas não de saber como se chega aos grandes êxitos. Preferimos não acreditar em coisas dessas, até porque acreditar nelas nos cria problemas e nos causa arrepios. Dizemos que não pode ser, que são histórias, coisas que se inventam.

O doutor Barnard, talvez porque é a um tempo um homem com o dom da simpatia, um homem excepcional e um actor nato, pode dizer as coisas como elas são. Se tivermos pesadelos é connosco, lava daí as mãos.

Naturalmente queríamos uns cérebros novinhos em folha e deixar todos os problemas técnicos e morais aos médicos. Nada mau.

Oras digam-me...

— Costuma tomar precauções com o gás?

Mais duas pessoas morreram vitimas de imprevidência com gás. Mas o que mataria: o gás ou a falta de cuidado na sua utilização? Pergunta a que cada um dará a resposta que entender mais oportuna. Entretanto, a questão que pusemos foi outra, embora intimamente ligada a este assunto.

● *O sr. Luís Pereira Mateus, vendedor, afirmou-nos:*

— Sempre que nos vamos deitar verificamos se as torneiras do fogão e do esquentador estão fechadas. Além disso desligamos o contador.

— Então, nunca teve nenhum acidente com gás?

— Só uma vez notei na casa de banho um cheiro muito intenso, mandei vir o piquete da Companhia, mas não havia nada. É preciso ter muito cuidado...

● *Por fim, António Dias Lourenço, empregado bancário, respondeu-nos:*

— Moro fora de Lisboa (na Amadora) e lá não temos gás da companhia. Mas em minha casa utiliza-se do outro, no fogão e nos esquentadores. O único cuidado que temos é nunca pôr os esquentadores no quarto de banho — o que jugo ser a principal causa dos desastres.

— Quanto ao fogão?

— Não cozinho, não sei. Nem por brincadeira cozinho. Se acho que é desprimoroso? Não. Mas não tenho jeito. Nunca experimentei.

— Então como sabe que não tem jeito?

O nosso interlocutor riu-se, e seguiu o seu caminho...

● *Sim... disse-nos vagamente, sorrindo, Angela Maria Oliveira, empregada dos C. T. T.*

— Parece que não está muito convencida...

Ainda não é dona de casa?

— Não. Mas sei que á noite se fecha sempre o contador. Durante o dia não sei.

— ?

—Penso que o gás não é perigoso. Basta um pouco de cautela.

Rafael doente

MAR DA PRATA, 29 — (F. P.) — O popular cantor espanhol Rafael teve de interromper a sua actuação, por se sentir subitamente afectado nas cordas vocais.

A empresa devolveu ao publico o dinheiro dos bilhetes. O médico recomendou a Rafael completo repouso, mas negou-se a especificar a gravidade da afecção.

O Presidente da República condecorou hoje individualidades que o acompanharam na visita à Guiné e a Cabo Verde

O Chefe do Estado e sua esposa ofereceram hoje um almoço, no Palácio de Belém, á comitiva que os acompanhou na sua recente viagem á Guiné e a Cabo Verde. Estiveram presentes a sr.ª D. Maria Natália Rodrigues Thomaz e os srs. prof. dr. Joaquim da Silva Cunha e esposa, dr. César Moreira Baptista, contra-almirante Henrique Tenreiro e esposa, dr. Emílio Patrício, comodoro dr. José Galvão Rocha e esposa, dr. Nuno Matias Ferreira e esposa, dr. Jorge de Melo e esposa, dr. D. Caetano Maria de Lancastre, dr. Carlos Ary dos Santos, capitão-de-fragata Mário Esteves Brinca, dr. António Joaquim da Fonseca, dr. José Alberto Pereira Monteiro, major João Carlos de Oliveira Marinho Falcão, 1.º tenente César Leal Coelho, comandante Manuel António Bio, tenente-coronel Freitas do Amaral e comandante Benvindo da Fonseca.

Após o almoço, o Chefe do Estado, na Sala Luís XV, procedeu á entrega e imposição das insignias das várias Ordens com que dicidiu distinguir algumas individualidades presentes ao almoço. Com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, foi condecorado o sr. prof. dr. Silva e Cunha; com a comenda de Sant'Iago da Espada, o dr. César Moreira Baptista; com a comenda de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, o comodoro médico dr. Galvão Rocha; com as comendas da Ordem Militar de Cristo, os srs. dr. Nuno Ferreira, capitão-de-fragata Esteves Brinca e comandante Manuel António Biser; e com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique os srs. dr. D. Caetano de Lancastre, dr. Pereira Monteiro, major Marinha Falcão, dr. António Joaquim da Fonseca e capitão-tenente César Coelho.

Ao fim da tarde, o sr. almirante Américo Thomaz deu uma recepção em honra dos representantes da Imprensa que o acompanharam na sua recente viagem á Guiné e a Cabo Verde.

Ofício ao «Diário de Lisboa»

O sr. Presidente da República, através de um ofício dirigido ao nosso director pelo sr. subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, dr. Paulo Rodrigues, significou-nos o seu muito apreço pela forma como os orgãos da Imprensa «cumpriram a sua relevante missão, prestando alto serviço ao País mediante uma completa informação acerca da visita presidencial à Guiné e a Cabo Verde».

Teatro dos Estudantes

Os ensaios do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra recomeçam na segunda-feira, ás 17 horas, nos Gerais, sob a orientação do director artístico daquele prestigioso organismo, sr. prof. dr. Paulo Quintela.

BARNARD FALA DE BARNARD

BEIRA, 29 — (L.) — «Há muitas Marias na Terra» — eis o significado do gesto com que o eng. Christian Barnard, funcionário do Trans Zambezia Railway, sul-africano como o famoso cirurgião seu homónimo, acolheu os jornalistas desta cidade, onde actualmente se encontra, atraídos pela curiosa coincidência.

O engenheiro, que acrescentou que nenhum parentesco o liga ao famoso professor do Hospital de Groote Schuur, disse, a propósito de certas críticas formuladas contra o cirurgião: «Há alguns anos atrás, quando se efectuou o primeira operação ao apêndice, também se gerou uma crítica igualmente baseada numa possível precocidade da intervenção. Todavia, essa operação é hoje levada a efeito com pleno êxito, até por médicos pouco experientes».

PRINCIPIOU O II CURSO DE ACTUALIZAÇÃO DE CIÊNCAS NATURAIS

● Cerca de 200 professores inscritos

Com uma lição teórica, proferida pelo prof. dr. Torre de Assunção, principiou esta manhã, na Faculdade de Ciências de Lisboa, o II Curso de Actualização em Ciências Naturais, no qual se encontra inscrito o elevado e significativo numero de aproximadamente 200 professores do ensino secundário. A tarde houve outra lição teórica, dada pelo prof. dr. Miguel Pereira Coutinho, seguindo-se sessões práticas.

O curso, promovido pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, com a colaboração do Liceu Normal Pedro Nunes, decorrerá até ao próximo dia 3 de Março, e nele são versados todos os 5 anos das Ciências Naturais, ao contrário do primeiro curso, que se efectuou em Outubro de 1966 e versou apenas as Ciências Geológicas. As lições teóricas de amanhã serão proferidas pelos profs. drs. Carlos Teixeira e Baeta Neves, seguindo-se, como acontecerá habitualmente, sessões práticas.

QUEM PERDEU

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): uma pasta com livros, dois porta-moedas com dinheiro, uma aliança de ouro, uma nota do Banco de Portugal, uma mala de senhora, carteiras com documentos dos srs. António Luís Neves, António Simões e José Joaquim Santos, os bilhetes de identidade dos srs. Miguel Estêvão da Silva e José da Ponte Barbosa e da sr.ª D. Odete Pereira Morais, um livro de estudo, uma sombrinha e uma capa, um gorro em lã, um lenço de pescoço, um casaco de fazenda, rolos de pano, um tampão e um aro de rodas de automóveis e argolas com chaves.

«CELEIRO»
SUPERMERCADOS
CONVIDAM OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES A EXPERIMENTAREM O PALADAR DO FAMOSO BACALHAU INGLÊS (TERRA NOVA)
EM EXPOSIÇÃO NAS SUAS MONTRAS A PARTIR DE HOJE
67, RUA 1.º DE DEZEMBRO, 83
39, RUA DO CARMO, 41
20, LARGO DO CARVÁRIO, 23

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

MARIA VITÓRIA

Só até domingo
«Pão, pão... Queijo, queijo»

As representações da popular revista «Pão, Pão... Queijo, Queijo» findam impreterivelmente no domingo, visto aquele espectáculo iniciar na segunda-feira, em Setubal, uma digressão pela província. «Pão, Pão... Queijo, Queijo» foi considerada a melhor revista do ano, pelo que recebeu, muito justamente, o «Prémio da Imprensa».

TEATRO VILLARET

Em 5.ª semana
«Um anjo de chapéu de palha»

É uma divertida comédia o espectáculo que, há cinco semanas, se representa, com lotações esgotadas, no palco do Villaret. Henrique Santana é o protagonista, coadjuvado brilhantemente por Irene Isidro, Maria Helena e um excepcional elenco de figuras das mais destacadas no nosso meio teatral. Hoje e todos os noites, ás 21 e 45.

MONUMENTAL

«Duas pernas... um milhão»
um sucesso que regressa

A superprodução musical «Duas pernas... Um milhão» que regressou a Lisboa e se representa agora no palco do Monumental, é um espectáculo divertidissimo, com Camilo de Oliveira, Nicolau Breyner, Io Apolloni e um elenco extraordinário de «estrelas» do nosso teatro. Hoje e todas as noites, ás 20 e 45 e 23 horas.

GILBERT BÉCAUD NA R. T. P.

A R. T. P. apresenta hoje, ás 22 e 25, um grande espectáculo com Gilbert Bécaud.

Neste *show*, além de Gilbert Bécaud, actuam artistas de grande renome, destacando-se, pelo êxito que tem alcançado na Europa, o brasileiro João Gilberto.

VARIEDADES

«Pois, pois...»
ou o triunfo de Solnado

Raul Solnado continua a provocar todas as noites uma torrente de gargalhadas entre o publico que assiste á magnifica super-revista «Pois, Pois...», no Variedades, ás 20 e 45 e ás 23 horas.

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «Viver para viver».
Título original — «Vivre pour vivre».
Produção — Francesa.
Realização — Claude Lelouch.
Intérpretes — Yves Montand, Anna Girardot e Candice Bergen.
Género — Drama.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Color de Luxo.
Classificação — 17 anos.

TRINDADE
— E. N. A. I. —
O. F. N. P. apresenta
HOJE, ás 21.45, A COMÉDIA
«Cautela, Libertino!»
de LUIGI PIRANDELLO
(ADULTOS)

TEATRO Telef. 36 17 40
MARIA VITÓRIA
Adultos
HOJE: às 20.45 e 23 h.
Só até domingo
Lisboa pode aplaudir
A FAMOSA REVISTA
PÃO, PÃO.. QUEIJO. QUEIJO

com a graça e o talento dos queridos artistas
● SALVADOR
● VIANA
a Vénus loira da Europa
AFRICA PRATS
● MARIEMA
«Prémio de Imprensa» como a actriz do ano»
● MAX
● ANITA
● DORA LEAL
● VICTOR MENDES
AFRICA PRATS: uma escultura autêntica!
e o sensacional AUTOMÓVEL VOADOR
ATENÇÃO
2.ª e 3.ª-feira em SETÚBAL
4.ª-feira no MONTIJO
6.ª-feira, 8, no PORTO

UM ACONTECIMENTO DE VERDADEIRO CINEMA!
LINO VENTURA
PAUL MEURISSE
RAYMOND PELLEGRIN
Não é uma crítica aos métodos de investigação –
– é uma reportagem arrasante de um ajuste de contas sem mercê!
Realização de JEAN-PIERRE MELVILLE
Adultos
Argumento de JOSE GIOVANNI
FILMES CASTELLO LOPES apresenta
AMANHÃ
NOITE DE GRANDE ESTREIA
NOS CINEMAS
CONDES
e
MUNDIAL

TEATRO Telef 32 60 37
VARIEDADES
Adultos
HOJE: Às 20.45 e 23 HORAS
RIR A BANDEIRAS DESPREGADAS COM
RAUL SOLNADO
o fabuloso da gargalhada «PRÉMIO DE IMPRENSA» como actor do ano graças à maravilhosa interpretação em
«PINGUINHAS»
NA SUPER-REVISTA
POIS, POIS...
com
IVONE SILVA
BARROSO ● CORTEZ
NICHOLSON ● CLARISSE
a voz diferente de MARIA TERESA QUINTA
o «ballet» inglês The Santyago Dancer's
a plástica impressionante da atracção brasileira
WANDA MORENO

★ SOLNADO: que rico «caminho»...
UM VULCÃO DE RISOTA!

NUMA DAS ZONAS MAIS MISTERIOSAS DO MUNDO, UMA AVENTURA FABULOSA QUE ARREBATARÁ O PÚBLICO!
PERIGO DE MORTE EM BEIRUTE
COM O GRANDE
FREDERICK STAFFORD
GENEVIEVE CLUNY ● CHRIS MORELANDE
SCOPE COLORIDO 17 ANOS
AMANHÃ ESTREIA ALTAMENTE EMOTIVA

POLITEAMA

CAPITÓLIO
Tel. 32 03 79
Amanhã, 6.ª-feira, às 21.45 h.
A LOCOMOTIVA
de A. Roussin
apresentando COSTINHA
ao lado de
AMÉLIA REY COLAÇO
e com um categorizado elenco
— SÁBADO, AS 16 HORAS —
Por exigência do público, última representação de
«A VOLÚPIA DA HONRA»
— A preços reduzidos —

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se no RESTAURANTE REGIONAL, no CAFÉ CONCHADA, no CAFÉ A BRASILEIRA, na PASTELARIA IMPÉRIO e no CAFÉ RITZ.

SINTRA ESPERA-O
Para sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

«OS PESCADORES DE PÉROLAS»
NO SÃO CARLOS
POR UM GRANDE ELENCO

Na sexta-feira, ás 21 e 15, prossegue a temporada de ópera do Teatro Nacional de São Carlos, cantando-se «Os Pescadores de Pérolas», interpretada por um elenço de grande classe — Christiane Eda Pierre, Alain Vanzo, Gabriel Bacquier e Marc Vento — e dirigida pelo distinto maestro Edmond Carrière.

Christiane Eda Pierre — que em épocas anteriores conquistou grande sucesso entre nós, tendo ficado inesquecível a sua actuação em «Os Contos de Hoffmann» — Alain Vanzo e Gabriel Bacquier — dois grandes cantores que o nosso publico tantas vezes tem aplaudido — e Marc Vento são artistas de grande prestígio internacional e que ocupam lugares de particular destaque na cena lírica europeia. A encenação foi confiada a uma grande artista: a cantora Denise Duval que o publico de Lisboa tantas vezes aplaudiu.

No espectáculo colaboram ainda a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, o Coro do Teatro de S. Carlos ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali e os Bailados do S. N. I. dirigidos por Margarida de Abreu e Fernando Lima. Cenários de mestre Alfredo Furiga.

O espectáculo repete-se no domingo, em Tarde Cultural.

Abre na terça-feira a temporada do Coliseu

À semelhança do que tem acontecido nos ultimos anos, o Teatro Nacional de São Carlos, em colaboração com a F.N.A.T., vai realizar no Coliseu dos Recreios mais uma grandiosa temporada popular de ópera apresentando naquela sala popular de tão brilhantes tradições líricas os mesmos espectáculos da temporada do São Carlos. Dá-se assim continuidade a uma obra de cultura e divulgação musical que desde há anos o Teatro de São Carlos vem realizando.

A temporada popular do Coliseu terá início na terça-feira e apresentará uma série de óperas de agrado geral: «Os Pescadores de Pérolas», de Bizet (terça-feira); «Simão Boccanegra», de Verdi (20 de Março); «Maria de Rohan», de Donizzetti (26 de Março); «Traviata», de Verdi (2 de Abril); «Tosca», de Puccini (9 de Abril) e «O Guarany», de Carlos Gomes (22 de Abril).

Trata-se de uma programação que inclui obras que o grande publico aprecia particularmente e que vai proporcionar-lhe ouvir cantores de prestígio internacional entre os quais destacamos: Renata Scotto, Christiane Eda Pierre, Gabriel Bacquier, Alain Vanzo, Marc Vento, Gian Giacomo Guelfi, Luigi Roni, Ludmilla Bakocevic, Armando Guerreiro, Giancarlo Luccardi, Flaviono Labó, Giorgio Giorgietti, Ottavio Garaventa, Pedro Stomper, Diva Pieranti, Pulo Fortes, etc. Ao mesmo tempo poderá o publico apreciar a arte de maestros como: Edmond Carrière, Oliveiro de Fabritiis, Arturo Basile e Silva Pereira. Todos os espectáculos têm início ás 21 e 15.

Prevenção Rodoviária Portuguesa

Amanhã, ás 11 horas, decorre na Prevenção Rodoviária Portuguesa, Rua Rosa Araujo, 12, 4.º, uma reunião em que será dado a conhecer aos órgãos de informação o plano de actividades da associação para o corrente ano. Será feita referência também aos trabalhos preparatórios da representação do nosso País na VI Taça Escolar Internacional.

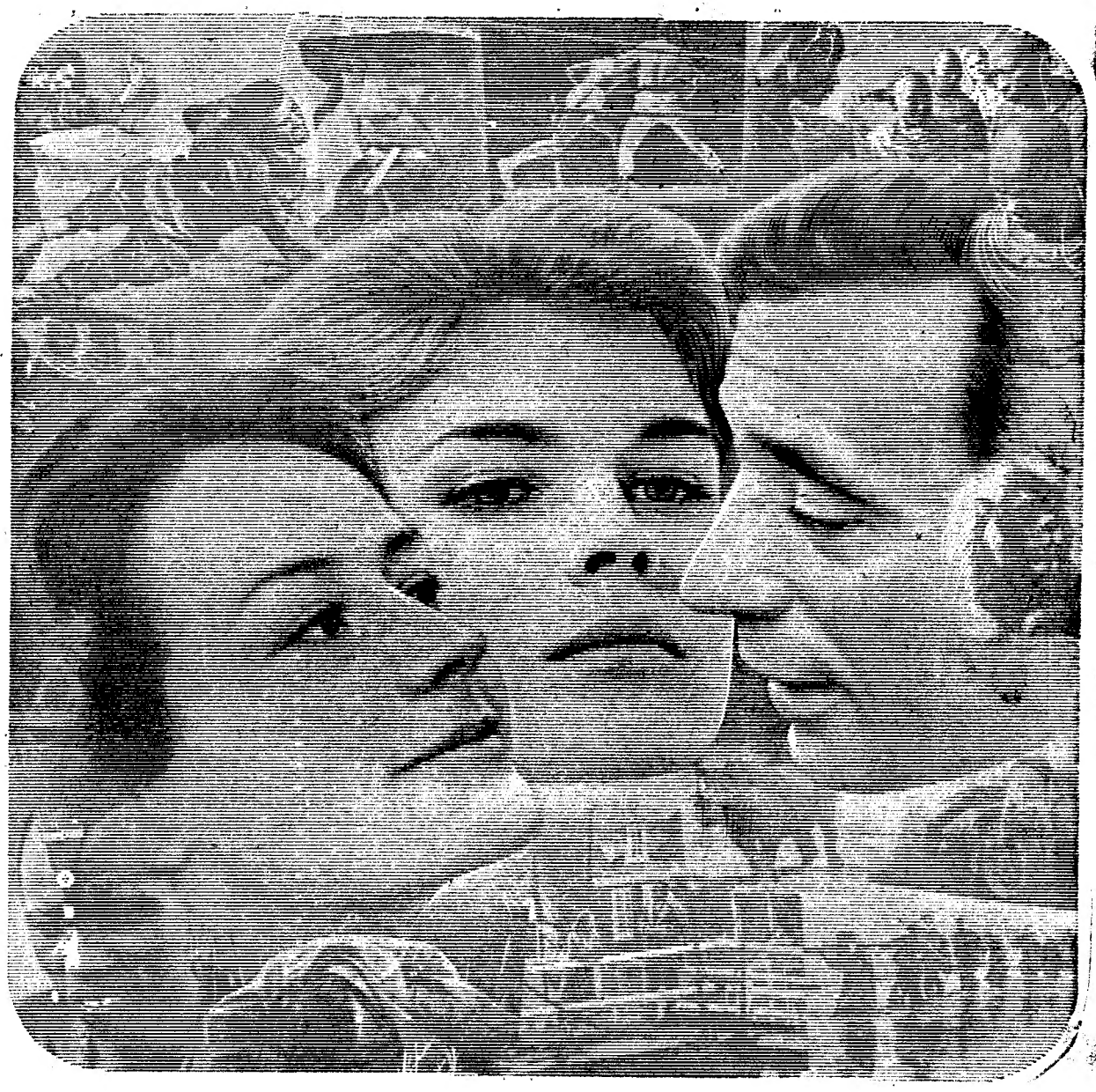
VIDA RELIGIOSA

Conferências no Colégio do Coração de Maria

Hoje, ás 21 e 30, no auditório do Colégio do Coração de Maria, Avenida Manuel da Maia, 2, o rev. dr. João de Sousa, professor do Seminário dos Olivais, fará a primeira de duas conferências sobre o tema «Fé porquê?». A segunda decorrerá no dia 7. No fim das conferências haverá diálogo entre o orador e a assistência.

GRANDE PRÉMIO DO CINEMA FRANCÊS
GLOBO DE OURO — Associação da Imprensa de Hollywood

DEPOIS DE "UM HOMEM E UMA MULHER," O NOVO FILME DE CLAUDE LELOUCH



VIVER PARA VIVER
(VIVRE POUR VIVRE)
COM
YVES MONTAND
ANNIE GIRARDOT / CANDICE BERGEN
num filme de
CLAUDE LELOUCH
COM IRENE TUNC / UTA TAEGER / JEAN COLLOMB / ANOUK FERJAC / MÚSICA: FRANCIS LAI
PRODUÇÃO DE ALEXANDRE MNOUCHKINE & GEORGES DANCIGER / COLOR by DELUXE
UNITED ARTISTS

RANK FILMES

HOJE SENSACIONAL ESTREIA AS 21.30 NO CINEMA SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

Adultos

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

«FRENTE A FRENTE» — «Era uma vez um crítico de televisão...» Fora as histórias da carochinha! Bem, era uma vez, eu. Eu que virava e revirava o programa de televisão e esfregava as mãos enquanto pensava: «Pensas que não tens nada para dizer? Pois desengana-te! Vem aí o «Frente a Frente» que é tradicionalmente, uma rubrica que dá pano para mangas, mesmo que as mangas sejam de quimono!»

Fiquei tranquilo.

Afinal. Afinal o «Frente a Frente»... Afinal, que desilusão! É certo que, por via de regra, os toureiros são pessoas de poucas palavras e é verdade que o dom de falar, sendo próprio dos homens não está equitativamente distribuido. Mas não cuido agora de falar bem ou falar mal. Cuido de dizer ou não dizer alguma coisa que mereça ser dita.

Gosto, já repararam, de contar alguma coisa do que se passa na televisão para assim alguns dos meus leitores não morrerem totalmente ignorantes. No caso especial de José Julio, vejo-me muito embaraçado. Procuro reunir os pedacinhos de memória como quem busca reconstruir o jarrão partido em mil migalhinhas. É trabalho para Hércules.

(Devo dizer que escrevo esta crónica acompanhado pela cigarra arranhante dos meus arranhados nervos, da banda gasta da «Noite de Cinema». A fita corre, mas eu não vejo. Minto! Às vezes levanto os olhos. Agora, por exemplo, no momento em que fito a fita, o Jackie Cooper diz á rapariga: «É maravilhoso isto de ser eu o preferido, havendo tantos milhares de rapazes...» Vá. Portem-se bem. Não se estejam a sorrir. Haverá, desde o princípio do mundo, alguém que não tenha pensado (ou dito) as mesmas palavras?)

José Julio foi sincero: está metido numa grande confusão. O medo, antes de entrar na praça... «Toureio é coisa que se sente...» O medo, percebem, logo que se sente o oiro e a seda nas pernas... É um medo que eu gosto de sofrer...

O medo isto, o medo aquilo, aliás os toureiros gostam muito de falar dos seus medos, e o Mensurado começa a sentir o chão a fugir debaixo dos pés, que diabo, não se pode passar a vida a falar da mesma coisa! Entrevistador e entrevistado hesitam. Sofrem horrivelmente. Até que tomba do céu a tourada á portuguesa...

Aí se manifesta ainda mais a confusão de José Julio. O «matador» nunca entra a matar. Ele é apologista da tourada á portuguesa, claro, é a toirada da sua terra. Mas na toirada á portuguesa o «matador» é apenas uma figura mais, enquanto na toirada á espanhola... Claro, ele é partidário da toirada á portuguesa, porque. Mas o toureiro a pé não é protegido, quer dizer, não está apoiado. Isto assim não é carne nem peixe. Claro, apologista da toirada á portuguesa.

Por que se fez toureiro? Os toureiros são todos românticos. **Dá-nos tanto prazer, é quase como quem canta o fado...** O pai de José Julio morreu tinha ele três anos e o pai nunca chegou a ser o toureiro que sonhou ser, de maneira que ele, José Julio, sente que ser ele o toureiro que o pai não chegou a ser é uma forma de o **vingar**, de o realizar, uma lágrima começa a bailar nos olhos do toureiro e a câmara discretamente, pudicamente afasta-se.

O arrastar do tempo na praça, os toiros não deverem ser manipulados.

Mensurado, atabalhoadamente, volta aos medos (que tendência para o papão!) e não sei quê o que sente antes de entrar na praça e José Julio, que já tinha dito tudo sobre o assunto.

Não querem ver? (Olhem, na fita o Cooper diz que tem o pai doente, prestes a morrer, mas os médicos afirmam que ainda pode durar uns 60 dias! Socorro! Não será o Kildare?)

matador, e o Mensurado, entrevistador, falaram, falaram — e no fim eu é que fiquei derreado, moído, massacrado dos hiatos, dos silêncios, daquele ambiente pesado de claro-escuro, ambiente tétrico de subterrâneo. Frazão, por favor mande arranjar outro cenário, de mau teatro estamos nós fartos!

«Frente a Frente» — uma desilusão á nossa frente O falhanço de José Julio como entrevistado só terá comparação no dia em que Mensurado resolver tourear. Esperemos que, nesse dia, por vingança, as câmaras da televisão estejam presentes. — M. C.

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: «Dr. Kildare»**
Na série «Dr. Kildare», principia, hoje, um novo argumento, que será apresentado em dois episódios, e que tem como intérpretes os artistas Richard Chamberlain e Raymond Massey.

● **Às 22 e 55: Variedades**
O programa de variedades desta noite é preenchido com a actuação do cançonetista francês Gilbert Bécaud, num programa da televisão alemã.

Vida musical

História da música no Orfeão Universitário do Porto

A quinta lição de História da Música, da série que o prof. Filipe Pires pronuncia no Orfeão Universitário do Porto, sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, decorre amanhã, ás 21 e 30, com o tema «O estilo barroco e as suas formas musicais».

Pelo Quarteto de Instrumentos Antigos

A Associação de Belas-Artes de Cascais promove no sábado, ás 22 horas, na Junta de Turismo da Costa do Sol, o quarto concerto da temporada, com o Quarteto de Instrumentos Antigos do Conservatório Nacional, constituído por Maria Malafaia, Lídia de Carvalho, Francois Broos e Isaura Pavia de Magalhães.

Concerto na delegação da Pró-Arte em Aveiro

A delegação da Pró-Arte em Aveiro promove amanhã o primeiro concerto desta temporada. O programa está inteiramente a cargo do «Quarteto de Instrumentos Antigos do Conservatório Nacional», de que fazem parte os professores Maria Malafaia (cravo), Isaura Pavia de Magalhães (viola de Gamba), Lídia de Carvalho (quintão) e François Broos (viola d'amor).

Manuel José Silva Loureiro

Para assinalar o seu recente regresso da Guiné, onde esteve em serviço militar, realizou-se um almoço de homenagem ao sr. Manuel José Silva Loureiro.

Vários oradores saudaram o homenageado e enalteceram a sua conduta e a de seu irmão José Manuel, ainda em serviço militar na Guiné, assim como a de todos os que defendem a Pátria.

O pai do homenageado, sr. dr. Manuel Rodrigues Loureiro, agradeceu o testemunho de amizade e apreço prestado a seus filhos e afirmou que a reunião devia ser dedicada, no espírito dos presentes, a todos os portugueses que cumprem o seu dever lutando pela honra e pela sobrevivência da Nação, afirmando a vitalidade do Portugal de hoje, e ás suas famílias.

O sr. Manuel José Silva Loureiro também agradeceu, manifestando quanto o sensibilizava o carinho de que o rodeavam os seus familiares e amigos. A noiva do homenageado, sr.ª D. Maria Teresa Matta, foi igualmente saudada pela assistência como símbolo da digna e patriótica atitude que têm assumido as mulheres portuguesas.

O Teatro Nacional estreia amanhã «A Locomotiva» com Amélia Rey Colaço

A companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, apresenta amanhã, em estreia no Capitólio, mais um original da presente temporada.

Trata-se de «A Locomotiva», de André Roussin que Olavo d'Eça Leal traduziu para português. A peça francesa sucede, no cartaz do Capitólio ao original de Pirandello com o qual o Teatro Nacional de D. Maria II se associou às comemorações do centenário do nascimento do grande autor italiano.

«A Locomotiva» tem a recomendá-la o facto de ter sido propositadamente escrita para uma grande actriz, que a criou em Paris, onde a peça fez uma carreira de três anos. Em Lisboa esse papel vai ser defendido por Amélia Rey Colaço, que nele terá certamente, mais uma das grandes criações da sua gloriosa carreira

Mas não é menos verdade que a réplica lhe vai ser dada por um outro grande nome da nossa cena,

AMÉLIA REY COLAÇO
uma grande actriz
para uma grande criação

Costinha, que pela primeira vez trabalha, como artista convidado, na companhia de Amélia Rey Colaço.

Além destes intérpretes temos Ana de Sá e Filipe La Féria, dois estreantes a primeira galardoada com a melhor classificação do ano passado, nos exames finais de Arte de Representar, o segundo saído das lides da Casa da Comédia. Há ainda uma bela oportunidade para Hermínia Tojal, igualmente começada na Casa da Comédia e mais tarde no Teatro da Trindade. O outro papel de «A Locomotiva» é desempenhado por Pedro Lemos, um competentíssimo homem de teatro, que dirigiu os ensaios e é o autor da encenação.

A partir de amanhã, pois, o Teatro Capitólio apresentará um espectáculo que se poderá transformar num grande cartaz popular da temporada

Fornecimento de: VIATURAS (para passageiros e carga)
Concurso Público n.º 28/68

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Rua das Trinas, 49 — Lisboa, onde se encontram patentes as condições do concurso, recebem-se as propostas para o fornecimento em referência.

NO TEATRO MONUMENTAL
VASCO MORGADO apresenta
HOJE, 2 sessões às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

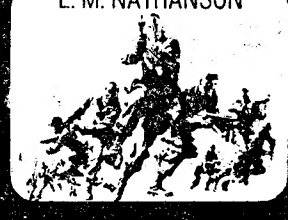
DUAS HORAS DE RISO TOTAL
COM
CAMILO DE OLIVEIRA

UM ÊXITO QUE CONTINUA NO CARTAZ COM AS MAIS LINDAS MULHERES! A MAIS BELA MÚSICA! E LINDAS CANÇÕES

APENAS ALGUNS DIAS
MAIS DO QUE UMA REVISTA:
um elenco de estrelas
NICOLAU BREYNER | MARIA ADELINA
YOLA ● ANTÓNIO ANJOS ● MARIA LAURENT ● LINDA SILVA ● ALBERTO VILAR ● LURDES LIMA ● GUIDA MARIA ● COSTA VAZ ● ANTÓNIO BARRA ● ALICE CARLA
colaboração especial
IO APOLONI | LUIS TITO
[illegible]DÁVEL «BALLET»
constituido por 20 bailarinos e bailarinas
coreografia de FERNANDO D'AZEVEDO
LAURA ALVES em «A FLOR DO CACTO»
HOJE, no Rosa Damasceno de Santarém; AMANHÃ, em T. Vedras: Sábado, no Cartaxo; Domingo, em Peniche; 2.ª-Feira, no Bombarral; 3.ª e 4.ª, em Caldas da Rainha. ADULTOS.

se o filme o entusiasmou...

lerá o livro ávidamente
Doze Indomáveis Patifes
POR
E. M. NATHANSON



PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º — LISBOA

ALÔ!... ALÔ!... TODA A GAMA DE
ELECTRO DOMÉSTICOS
a preços sensacionais:
Av. Almirante Reis, 172-A
IMPERLUZ

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

Título — «Sete Contra o Mundo» («Sette Schilavi Contro il Mondo»)
Realizador — Michele Lupo, 1966
Intérpretes—Roger Brown, Gordon Mitchell, Scilla Gabel.

Este não é um filme importante. «Sete Contra o Mundo» nada mais pretende do que atingir a mediania divertida de um espectáculo de pancadaria ritmada, construído na base dos usuais *peplums* italianos. Posto isto, situado o filme dentro dos seus limites, despido de toda e qualquer pretensão, é chegada a altura de se dizer tratar-se de uma paródia bem humorada, na linha do seu predecessor imediato, devido a mesma equipa (e que, como já vai sendo regra ora, em certa medida, melhor do que esta continuação um pouco apressada). Referimo-nos a «Sete Contra Todos», estreado em 1966, no Avis.

Cada vez mais desacreditado, o *peplum* (filme histórico baseado em temas mitológicos ou *clássicos*, tratados em estilo de série Z) já não convence nem as plateias ingénuas dos cinemas populares (que os trocam ávidamente por espionites ou *westerns* rodados nas mesmas circunstancias e igualmente em Itália. A força do uso de *clichés*, das repetições, da degradação continua, os heróis lendários (essa fauna que vai de Maciste a Hércules, de Sandokan a Ulisses, de Sansão a Tauro, ou do Cavaleiro Mascarado a Zorro ou Espartaco) tiveram de trocar as tunicas romanas ou os farrapilhos de escravos pela estrela de *xerife* ou pela mulher jamesbondiana dos congéneres.

Pois «Sete Contra Todos» (e os mesmo *Sete*, agora «Contra o Mundo»), sem entrar abertamente pela via (necessária) da desmistificação de um género (de largas e graves repercussões nas camadas populares), conseguia equilibrar a sátira e a aventura, proporcionando duas horas de agradável distracção. Sete magníficos acrobatas encarregavam-se dos *numeros* (o que continuam a fazer da mesma forma, neste prolongamento), preenchendo um *écran* de cinemascope com «os mais sensacionais arraiais de pancadaria dos ultimos tempos». Ao falarmos de «pancadaria» e de «arraiais», estamos a falar mesmo de pancadaria e mesmo de arraiais, o mesmo é dizer que se afasta todo o sadismo doentio e a violência gratuita muito em voga.

Junte-se ainda um ritmo de acção constante, *espectacular*, uma movimentação condizente, um fio de intriga que nada tem a ver com as mil e uma imbecilidades postas a circular impunemente (sempre no mesmo género de filmes); acrescente-se um relativo bom gosto, e teremos dito tudo. Ou quase, já que, convém reafirmar duas ideias essenciais: a) que «Sete Contra Todos» era superior a estes «Sete *(Escravos)* Contra o Mundo»; b) que este é um tipo de filmes de características definidas e que só integrado dentro dessa produção é que esta obra de Michele Lupo merece as referências atrás expendidas. — *L. A.*

• NO EUROPA

Título: «Duelo em Diablo»
Realizador: Ralph Nelson
Intérpretes: James Gamer, Sidney Poitier, Bibi Andersson, Dennis Weaver, Bill Travers, William Redfield e John Hoyt

Algo de novo em «western» é proeza reservada a dois ou três mestres — e, mesmo assim, de longe em longe. Não é para todos. A crónica do oeste americano está contada e recontada em Cinema. Mas um «western» é uma película de aventuras, e a aventura é um sonho longínquo do homem comum. Por isso, não é crível que a saga dos soldados das pradarias que tornaram possível os Estados Unidos deixe de ter os seus cronistas da câmara de filmar: as multidões gostam de imaginar-se a cavalo, á desfilada por montes e vales, protegendo diligências, e carros de munições ou comboios pioneiros. Ou, quem sabe, na pele de um grande chefe de figura direita, que comanda, com um gesto, centenas de índios emplumados...

Com a dificuldade de fazer algo de novo, encontra-se neste «Duelo em Diablo» o realizador Ralph Nelson e quase meia duzia de artistas de bom gosto, que já aplaudimos noutras tantas películas. Que temos, desta vez? Uma epopeia com alguns laivos de comédia — pelo menos, o publico ri-se —, com muitas cenas de realismo (que, embora de estúdio, podem provocar alguns calafrios em pé). Ao espectador habitual de cinema é um pouco difícil de entender um Sidney Poitier de casaca azulada e de pistola á cinta, no papel de um ex-sargento tornado negociante próspero de cavalos e outras mercadorias, capaz de domar cavalos ao mesmo tempo que a coluna de soldados inexperientes progride em direcção ao objectivo. Sente-se que o actor está deslocado, que não é ele, apesar da sua naturalidade nalgumas cenas. Dos outros intérpretes ingredientes do caldo, pode dizer-se que têm misturado o sal necessário para que o prato não seja insosso.

O argumento de Marvin H. Albert e Michael M. Grilikhes não contém grandes novidades, mas está bem urdido e adapta-se a uma certa linguagem cinematográfica — exactamente aquela que diz alguma coisa a quem gosta de sentir-se comandante de patrulha ou grande chefe. Na plateia... — *L. D.*

• NO OLÍMPIA

Título — «Guerreiros do Sahara»
Realizador — James Reed, 1965
Intérpretes — George Mikell, Pamela Tudor, etc.

No Olímpia, perante o publico costumado, mais um programa de aventuras se estreou na passada segunda-feira. «Guerreiros do Sahara», uma realização de James Reed, conta-nos uma história desinteressante, passada no deserto de Sahara (uma evidência lapaliciana), entre os ataques dos árabes e a traição de um branco, enfim, com muita acção, muitos tiros, incoerência, pancadaria, fancaria, areia e óleo, e mais areia, e areia, muita areia, e algum sangue, um certo suor, etc., etc.

A publicidade afiança que se trata de «um ambiente apaixonante», onde «três homens e uma rapariga guiados no traiçoeiro deserto por uma personagem misteriosa caminham sempre avante para o desconhecido, na companhia do espectro da morte!» E' isso! Isso mesmo!... «O filme das aventuras incríveis!»

• NO IMPÉRIO

Título — «Kwaidan»
Realizador — Masaki Kobayashi, 1965
Intérpretes — Rentaro Mikuni, Michiyo Aratma, Tassuya Nakadai.

Anteestreado durante a semana de cinema japonês organizada pelo cinema S. Luiz em fins de 1967, «Kwaidan» acaba finalmente de ser posto á disposição de todo o publico. Adaptado de quatro contos do escritor inglês Lafcadio Hearn, «Kwaidan» surge-nos como obra de excepção na filmografia de Masaki Kobayashi, autor tido por muitos (em França, por exemplo, onde a sua carreira é relativamente bem conhecida) como um artista essencialmente político, enfrentando polémicamente os problemas do seu tempo e do seu país (ainda que por vezes o tenha feito *actualizando* determinados temas medievais relativos á época feudalista do Japão-samurai — caminho de que certamente os espectadores portugueses recordarão «Hara-kiri»). Visto por este prisma, «Kwaidan» surpreende. Surpreenderá ainda mais sabermo-lo extraído de quatro contos de um escritor ocidental, emigrado para o Japão, onde assimilou costumes, história e mentalidade, ali morrendo em 1904, depois de ter assumido o nome de Yakumo Koisumi. De facto a película de Kobayashi mantém o dilema levantado pelo próprio Lafcadio: ser demasiado ocidental para ser tido como genuinamente japonês e pressentir-se demasiado nipónico para se saber ocidental. Longe da constatação surgir como uma crítica ao filme, o *mistério* deste carácter híbrido mais lhe adensa a própria essência: *um maravilhoso, fantástico e poético* de qualidade invulgar e de ressonancias que, se atingem o inquietante, não deixam, contudo, de permitir um fascínio e uma beleza extraordinários.

Agrupando quatro episódios, quatro histórias fantásticas, resolutamente *surreais*, quer pelo ambiente, em que se inscrevem, quer ainda pelo tipo de imagética que nelas se reflecte, «Kwaidan» demonstra uma sensibilidade e um apuramento estilístico de um verdadeiro mestre.

Vejamos sucintamente os temas centrais dos quatro contos:

a) *Numa Chávena de Chá* (de todos o mais fraco e menos logrado, cinematográficamente): fala-nos de um samurai (Kannai) que ao beber chá vê reflectir-se no fundo da chávena o rosto de um homem. Essa aparição vai-se multiplicando até se tornar obsessiva. A razão das visões é deixada em suspenso. Sabe-se que aquele é um conto não concluído pelo seu autor e quando o editor vai a casa dele buscar o original, não o encontra, acabando por ver reflectir-se no fundo de um recipiente o rosto do escritor desaparecido.

b) *A Senhora Yuki* ou *A Mulher de Neve* (este episódio e o seguinte parecem-nos as duas obras-primas de «Kwaidan»): conta-nos a história de dois lenhadores que no Inverno andam a apanhar lenha quando são surpreendidos por uma tempestade de neve. Então, Minokichi vê, estupefacto, o companheiro ser levado por *uma mulher de neve* que o mata com o seu sopro gelado. Quando se abeira, por sua vez, de Minokichi, e em virtude da mocidade e beleza daquele, poupa-o da morte, desde que ele não conte a ninguém aquela estranha visão. Durante muitos anos vive Minokichi feliz, acabando por casar com uma estrangeira de quem tem filhos, até que, um dia, ao contar-lhe o episódio, a mulher se revela como sendo a própria *mulher de neve* e desaparece...

c) *A Lenda de Hoichi, sem Orelhas:* igualmente admirável é esta história de Hoichi, um tocador de viola cego, que é escolhido, em virtude das suas qualidades extraordinárias, para ir cantar, todas as noites, a lenda do clã Heike, a uma estranha assembleia (que virá a saber-se ser afinal do proprio clã, desaparecido há séculos...). O episódio inicia-se com uma notável sequência da batalha naval onde o clã Heike havia sido derrotado pelo de Kensi. A reconstituição feita simultaneamente através de pinturas da época e por imagens interpretadas por actores, adquire uma unidade de ambiente e de tom conseguida pela utilização de fundos cénicos (inclusivamente céus, nuvens, mares) e de nevoeiros coloridos que resultam de forma magnífica.

d) *A Ilusão* ou *A Reconciliação:* finalmente este episódio trata de um amor: um samurai caído em desgraça, resolve trocar a mulher que o ama, pela aventura do poder, casando para tanto com a filha de um nobre que se vem a revelar egoísta e insuportável. O jovem samurai arrepende-se então da sua desmedida ambição, regressa e vai encontrar a primeira mulher, entre as ruínas da casa. Deitam-se e, na manhã seguinte, apercebe-se de que esteve a dormir com um esqueleto...

«Kwaidan» desenvolve, assim, com inteira propriedade, uma das vias possíveis de um cinema de raiz fantástica, que tem na literatura o equivalente em Poe, Lautreamont, Kafka ou Lovecraft. E' um cinema e uma literatura que se encontram radicados em pesadelos e obsessões que, apesar de todo o seu carácter fantástico e maravilhoso, não deixam de pertencer ao mundo (ou mundos) do homem e da sua imaginação.

Concluindo, poderemos afirmar «Kwaidan» uma *obra-prima*, e como tal considerá-la de imprescindível visão para o espectador atento aos multiplos aspectos do cinema contemporaneo.

LAURO ANTÓNIO

MASAKI KOBAYASHI

Nasceu no Japão, em Hokkaido, a 4 de Fevereiro de 1916. Em 1941 entra para o cinema como assistente de Kinoshita, trabalhando nos estudios de Shoshiku. Em 1952 estreia-se na realização do filme de fundo «Musuku no Seishum» («A Juventude dos Filhos»). Daí para diante dirigiu «Magokoro» («Sinceridade», 1953); «Kabe Atuskihea» («O Quarto das Paredes Espessas», 1954); «Kono Iroi Sola no do Kokani» («Em Qualquer Lugar Sob o Céu Imenso», 1955); «Ningen no Joken» («A Condição Humana», 1959-1961, constituído por três partes, num total de oito horas de projecção: «Já não Existem Grandes Amores», «O Caminho para a Eternidade» e «A Prece do Soldado»); «Karami» («A Herança», 1962); «Seppuku» («Hara-kiri», 1963), e «Kwaidan», 1965.

Autor de méritos reconhecidos, um dos mais importantes cineastas vivos do Japão, Kobayashi caracteriza-se pela veemência polémica do seu cinema, de que em Portugal se conhece um exemplo (para além de «Kwaidan»): «Hara-kiri», violenta denuncia de uma época feudalista do Japão, tida vulgarmente como exemplar (no mesmo sentido da cavalaria medieval no Ocidente), e que Kobayashi vem desnudar na sua torpeza e miséria encapotadas.

Dizem os leitores...

À SAÍDA DA ESTAÇÃO DO ROSSIO...

Recebemos do sr. Álvaro Serrão da Veiga, da Amadora, a seguinte carta que publicamos para conhecimento das entidades interessadas:

«Para os que se servem dos comboios da linha de Sintra diàriamente (e o signatário utiliza-os há mais de 20 anos) para se deslocarem a Lisboa, onde estão empregados, não é novidade saber-se que estão sujeitos a arrelias, por se servirem dos mesmos. Os comboios não circulam segundo os horários previstos, as carruagens apresentam-se sujas e os funcionários nem sempre estão prontos a informar convenientemente. Há, também, que recear as decisões que tomam nos momentos em que os passageiros são vítimas de situações, que não desejam e, que resultam, principalmente, de determinações da C. P. que já não se ajustam ao ritmo do tempo.

«Nalgumas carruagens estão afixados entre outros dizeres, o seguinte: «Se entrar e sair das carruagens ràpidamente terá viagens cada vez menos demoradas e verá os horários cumpridos». Este condicionalismo, para o cumprimento dos horários, faz-nos sorrir. Como exemplo: será por os passageiros não entrarem e sairem ràpidamente das carruagens que o comboio com paragem na Amadora e partida às 8 e 49 (raro é o dia que tal ocorre, seguindo muitas vezes à sua frente a composição cuja circulação tem início nesta estação e partida às 8 e 58) chega e não é exagero dizer sempre atrasado ao Rossio?

«A C. P. não basta que os bilhetes sejam revisados durante a viagem. É obrigatória a sua entrega, e os passes devem ser mostrados aos funcionários que estão junto às saídas da estação do Rossio e pelos quais os passageiros se esgueiram entre meias portas abertas. Foi por isso, que há dias, por só ter aberto a carteira, para mostrar o passe, a três passos de um dos referidos empregados, e por este não concordar com esta atitude e, por a essa distância não o distinguir bem, provocou a intervenção de um dos agentes da P. S. P., ali de serviço, para que eu voltasse atrás e lho mostrasse novamente.

«Porque há-de a C. P. exigir a entrega dos bilhetes e a apresentação dos passes se os mesmos já foram revisados? Porque não estão completamente abertas as portas da estação do Rossio, se isso poderia contribuir para o escoamento mais rápido dos passageiros que ali se comprimem? Não teríamos assim viagens menos demoradas? Não se evitariam, também, as situações desagradáveis como a que me atingiu? Que sensação experimentará um ex-passageiro da linha de Sintra, que passe a utilizar a do Estoril, no primeiro dia da sua chegada à estação do Cais do Sodré? Bem andam necessitados de paz os que viajam na linha de Sintra!»

A FICHA NÃO DÁ ACESSO AO SERVIÇO DE URGÊNCIA

«Tenho um netinho com 3 anos que sofre de asma brônquica. No passado dia 23 teve um acesso que muito me assustou e como a médica assistente tinha ido ver um doentinho, não esperei e recorri ao Hospital da Estefânia, que, desde a minha mocidade, ouvi dizer que era para as crianças, e qual não foi o meu espanto por não me quererem ver o menino, pois não pertenço áquela área, porque moro em Alvalade e pertenço a Santa Maria. Em casos de urgência estará certo? O mais interessante é que quando eu disse que o menino já tinha ficha, foi-me respondido que para consulta podia lá ir, mas para serviço de banco não. — *Rita Matos — Lisboa.*»

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO PROF. POMERAT na Sociedade de Ciências Veterinárias

Amanhã, pelas 21 e 30 horas, na sede da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, a sr.ª dr.ª Maria Teresa Furtado Dias, Chefe de Serviço do Laboratório de Patologia Experimental do Instituto Português de Oncologia, falará sobre o prof. Charles Marck Pomerat, evocandoa a figura de homem e de cientista do saudoso sócio correspondente estrangeiro e membro de honra daquela Sociedade.

Nessa sessão será descerrado pela oradora o retrato do prof. Pomerat.

Morreu queimada uma criança de 2 anos

OLIVEIRA DE FRADES, 29 — Maria do Rosário Lopes da Silva, de 2 anos de idade, filha de Camilo Ferreira da Silva, de Travanca, freguesia desta vila, estando, com outra criança, á lareira, para se defender do frio, tanto se aproximou do lume que este pegou-se-lhe ao vestido e a queimou de tal maneira que ela faleceu poucas horas depois.

PROVA DE SABRE NA ACADEMIA MILITAR

Raliza-se no próximo dia 2 de Março, pelas 15 horas, no ginásio da Academia Militar, uma prova de sabre para disputa da «Taça Académica Militar», instituída pela Sala de Armas daquele estabelecimento de ensino.

OS HOQUISTAS DO F. C. PORTO NO FUNCHAL

FUNCHAL, 28 (L.) — De acordo com as negociações efectuadas para as transferências dos hoquistas Ricardo e Castro, do Clube Sport Marítimo para o Futebol Clube do Porto, os dirigentes dos dois clubes vão, brevemente, entrar em contacto a fim de tentarem chegar a um acordo quanto á deslocação da turma principal de hóquei em patins do F. C. Porto á Madeira.

Ao que parece, as diligências efectuadas até agora prevêm a deslocação dos nortenhos ao Funchal, onde realizarão dois jogos com a turma do Marítimo, para depois da realização do Campeonato do Mundo da modalidade.

No CARREGADO o DIARIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

O SEBASTIANISMO E NÓS

(Continuação da 1.ª página)

o sistema de ideias patrióticas que desde o século XVI tinha dado vida à Nação — rebentava em soluços, buscando no seio da Natureza, onde se acolhia, uma salvação que não podia esperar mais das ideias, dos sistemas, dos heróis, nem dos reis em quem tinha confiado por dois séculos. A obra temerária dos homens caía por terra; e o povo, abandonado e perdido, abraçava-se à Natureza, fazendo do lendário D. Sebastião um génio, um espírito — e da sua história um mito».

Desde então, bem se pode afirmar que o sebastianismo ou, mais generalizadamente, o fenómeno messianista em Portugal, não deixou de estar no horizonte da nossa cultura, como uma preocupação, por vezes, quase obsidiante. Na esteira de Oliveira Martins, mas guinando para outro rumo, Sampaio Bruno em O Encoberto **(1904) carreou importantes achegas, especialmente de natureza bibliográfica, para o esclarecimento do problema; Lúcio de Azevedo delineou a origem e a evolução do mito (1918) e António Sérgio, quase no início da sua doutrinação pedagógica e cívica, contestou boa parte dos assertos do autor da** História de Portugal **e buscou equacionar o problema de outro jeito. Segundo ele, o sebastianismo, em vez de mergulhar as raízes num hipotético «espírito rácico português», teria sido «um fenómeno social e intelectual», cujo condicionalismo se reduziria, ao cabo, à «existência do cristão novo, comprimido, ansioso de redenção», responsável pelo fenómeno pròpriamente messianista, o qual foi adoptado, com feição própria, pelo povo português em dadas condições da sua história: a iminência da perda da independência nacional, a morte de D. Sebastião. «Essas condições», afirmou o ensaísta, «vêm a resumir-se, para falar como os teólogos, numa consciência de «queda», acompanhada da da falta de verdadeira independência; com a persistência de tais condições, vemos seguir paralelamente a da tradição do bandarrismo». E concluía: «O messianismo terá vida (ou poderá tê-la) enquanto se impuser a este povo, para comparar e contrapor à sua efémera grandeza o espectáculo persistente da sua lúgubre decadência».**

Entrementes, o mito sebastianista ou o do Quinto Império vicejava, como que remoçado pela alquimia da estese literária, nas hostes de poetas, tais como António Nobre, Teixeira de Pascoais e Fernando Pessoa, entre outros. A *Mensagem*, único livro poético de Pessoa, publicado em sua vida data de 1934, e radica no «nacionalismo místico, sebastianismo racional» que, a par de muitas outras coisas menos inocentes, também o autor ensaiou.

A duração histórica do mito, conquanto sujeito a metamorfoses e ressurgências epocais, permitiu que um historiador como João Lúcio de Azevedo fosse levado a concluir que o sebastianismo, «nascido da dor, nutrindo-se da esperança, é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparável da alma portuguesa».

Posto desta maneira o problema, a quem o estude com o cunho da objectividade, logo se lhe depararão as dificuldades de toda a espécie que ele implica. Mais uma razão, alegariamos, para que busquemos equacioná-lo na esperança de cingirmos — ou de darmos um passo nesse sentido — o esquivo fenómeno, tão característico da vida portuguesa, a partir de meados do século XVI.

NEM só o povo hispânico do século XVI prestava tento às profecias antigas e coevas: elas lavravam também para além dos Pirenéus, como o ilustra o caso de Nostradamus (1503-1566).

Em Castela, as profecias atribuídas a S. Isidoro de Sevilha (século VII) assim como as suas paráfrases quinhentistas de Rocacelsa e de Pedro de Frias eram escutadas pelo povo inerme de então, num frémito de vaga esperança. Quando, pois, de 1530 a 1540, o sapateiro de Trancoso, Gonçalo Anes, conhecido pelo Bandarra, **após longas e continuadas leituras da Bíblia, improvisa as suas** Trovas, **que tanta fortuna viriam a ter, o que aí se verifica é tão-só mais um caso de profetismo, ao nível popular, perfeitamente natural na ambiência mental da centúria, cujas raízes mais fundas ou mais próximas são conhecidas: a tradição bíblica pela convergência das vias cristã e judaica; o exacerbamento do messianismo judaico ante as condições adversas criadas na Península pela política anti-hebraica de Espanha e Portugal; a criação castelhana do mito do** Encoberto **após o esmagamento das** Germanias **de Valência (1519-1522) e do seu chefe, Vicente Péris, o que, no contexto da história social hispânica, consagra a vitória da aristocracia sobre a incipiente burguesia e o povo miúdo de então, tema a que reverteremos.**

Com efeito, as *Trovas* circularam em cópias manuscritas, primeiramente, entre os cristãos-novos de Trancoso, de Lisboa e, por fim, de todo o Reino, que nelas entreviam uma mística que era sua. Os hebreus tornaram-se nos seus mais ardentes propagandistas, o que explica a intervenção do Tribunal do Santo Ofício (1540) que proibiu as profecias, pelo que nelas haveria de judaísmo larvar, e condenou o seu humilde autor a não mais escrever, nem ler, nem divulgar matérias tocantes à Bíblia.

Mas que profetizava, afinal, o vidente popular? Numa linguagem impregnada de reminiscências bíblicas, vaticina, ao fim e ao cabo, o surto

Desse bom Rei Encoberto

que porá termo à injustiça e aos desaguisados do Mundo, o qual, imperador dos outros reis.

Tirará toda a Erronia,
Fará Paz em todo o Mundo.

Era, na verdade, a ressurgência em terras de Portugal do mito judaico do Quinto Império, ao nível da mente de quem o entrevia e propunha. Em si mesmo, facto sem consequências apreensíveis, que, segundo toda a verosimilhança, nem sequer terá sido singular. Assim teria pensado a Inquisição que recambiou o profeta popular para a sua tripeça, sem prestar mais atenção ao caso.

Simplesmente, as circunstâncias nacionais, a partir dos meados do século — a viragem da estrutura (1545-1552), a morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir (1578) e a anexação de Portugal pela Espanha — ascenderam, das cinzas em que jazia, a esperança mística da revelação do Encoberto.

É que o Encoberto era, afinal, o jovem rei, sumido nas plagas marroquinas! As *Trovas*, mais ou menos popularizadas, com a sua linguagem de teor anfibológico, à maravilha de adaptavam aos anseios daqueles que queriam travar acontecimentos que, de outra forma, se diriam inelutáveis...

O Prior do Crato fora derrotado, como fora definitivamente dominada «aquella canalla», nos termos de Faria e Sousa, «que seguia a D. António, i atropellando toda la razon i toda la orden se acabaran de confundir, i en Santarém le saludáram Rey»; Mateus Álvares, filho de um pedreiro, que se fez passar por D. Sebastião redivivo, fora esmagado às portas de Lisboa, na Ericeira, à frente dos seus passante de mil «súbditos» por «quatrocentos soldados castelhanos bem armados para fazer a diligência» (1585); não tivera consequências de maior o D. Sebastião de Penamacor (1584) e Marco Túlio, o aventureiro calabrês... Pois não lhe prestou vassalagem total o desenganado D. João de Castro, esse que, na expressão de Oliveira Martins, se tornaria no S. Paulo da «religião» sebastianista?

INCANSÀVELMENTE, nas agruras do exílio e da miséria, D. João de Castro estuda as Trovas, **interpreta-as com fina casuística, ajeita-as ao seu sonho de desesperado: o Bandarra previra não só a catástrofe mas também a salvação. É que D. Sebastião não morrera nem poderia ter morrido! Era o pobrezinho do calabrês perseguido, naturalmente, pelos grandes da Terra, ciosos do milagre que tal sobrevivência já representava e das proezas que o «Rei» teria de levar avante... É um sonho espantoso pela intensidade e pela duração, documentado pelas páginas que incessantemente escreveu (conservadas na Biblioteca Nacional), das quais se deu a lume, por falta de pecúnia,** o Discurso da Vida do Sempre Benvindo e Aparecido Rei Dom Sebastião (...) e a Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso.

Com a sua morte, o sonho sebastianista de D. Sebastião pròpriamente dito, em sua pessoa redivivo, desvanece-se aos poucos.

Mas eis que, em 1624, Manuel Bocarro publica Anacephaleosis da Monarquia Lusitana, **logo apreendida, e perseguido o autor. É que, bem consideradas as coisas, o Encoberto seria, afinal, o duque D. Teodósio, da poderosa Casa de Bragança! Depois, falecido o duque, sem que tivesse havido ensejo para que se descobrisse como quem era, as trovas do Bandarra, bem interpretadas, o que anunciavam, isso sim, era o fim do domínio castelhano e a entronização do restaurador D. João IV!**

Segundo assevera João Lúcio de Azevedo, que vimos seguindo, então, «as Trovas **eram livro que em cópias manuscritas andava em mãos de tôda a gente, lido, relido, decorado e discutido». Eram como que a consagração sobrenatural dos feitos da Restauração: pois no dia da aclamação de D. João IV, não estivera exposta na Sé, como se de um santo se tratasse, a imagem do Bandarra?**

JOEL SERRÃO

CEDE-SE

MELHOR POSIÇÃO EM GARAGEM COM STAND DE EXPOSIÇÃO E OFICINAS EM ÓPTIMO LOCAL

CARTA A S. 1007, HAVAS, RUA ÁUREA, 242 — LISBOA

Necrologia

FALECIMENTOS

Mons. Miguel de Oliveira

Mons. Miguel de Oliveira

Foi trasladado, esta manhã, para a igreja da Anunciada, o corpo de mons. Miguel de Oliveira, jornalista e historiador, que ontem faleceu na sua residência, na Praça José Fontana, 11, 4.º, dt.º.

Exercendo o múnus e o jornalismo com a mesma noção de sacerdócio, espírito de justiça e ampla compreensão, no que respeita á actividade jornalística tinha um elevado sentido da sua verdadeira missão e da dignificadora camaradagem. Foi um intelectual de esclarecida e robusta cultura, de inteligência brilhante, que exerceu acção valiosa ao serviço da Igreja, na redacção do nosso prezado colega «Novidades», a qual por largos anos chefiou, assinalando-se, também, os méritos como historiador, na qual avultam os seus trabalhos relativos á história da Igreja em Portugal. Pode apontar-se como exemplar a sua vida de sacerdote e escritor, a cujos deveres sacrificou, mesmo, os últimos tempos da sua vida, atormentada pela doença que o vitimou. E era, acima de tudo, um homem de carácter.

Mons. Miguel de Oliveira, que contava 70 anos e era natural de Válega (Ovar), completou o curso no Seminário dos Carvalhos, em 1917, dedicando-se ao professorado. Para não se ausentar do País, recusou honroso convite para frequentar em Roma a Universidade Gregoriana, e foi nomeado professor do Seminário de Preparatórios, que, então, funcionava no Paço Episcopal da Torre de Marca, e do Seminário de Vilar, onde prelecionou até 1925, quando empreendeu a sua primeira viagem á Terra Santa.

Evidenciando o seu valor em brilhantes colaborações na Imprensa regional, o falecido bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, convidou-o para a chefia da Redacção de «Novidades», função que exerceu, desde 1925, por alguns anos. Desenvolveu, também, a sua actividade na secção editorial da União Gráfica, ao mesmo tempo que continuava como redactor do jornal.

Da obra de historiador assinalam-se «História da Igreja» (1938), com quatro edições, a primeira das quais suscitou polémica crítica; «História Eclesiástica de Portugal» (1940), distinguida com o Prémio Alexandre Herculano nos concursos literários do Secretariado da Propaganda Nacional; «Epigrafia Cristã em Portugal» (1941); «Ouriique em Espanha — Nova solução de um velho problema» (1945).

(Continua na 21.ª página)

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO

Carruagem directa de 2.ª classe de Vila Real de Santo António a Hendaia, às 4.as-feiras, no período de 3 de Janeiro a 10 de Abril.

A fim de melhorar o transporte de passageiros procedentes do Sul do País com destino a França e além, a C. P. estabelece às 4.as feiras, no período de 3 de Janeiro a 10 de Abril, uma carruagem directa, sem transbordo, de Vila Real de Santo António a Hendaia com o seguinte horário:

Vila Real de Santo António	p.	21.45 h
Olhão	p.	23.04 h
Faro	p.	23.23 h
Loulé	p.	23.45 h
Albufeira	p.	0.08 h
	c.	0.15 h
Tunes	p.	0.25 h
Odemira	p.	1.44 h
Funcheira	p.	2.50 h
Castro Verde	p.	3.12 h
Beja	p.	4.01 h
Cuba	p.	4.15 h
Viana do Alentejo	p.	4.44 h
Casa Branca	p.	5.06 h
Torre da Gadanha	p.	5.26 h
Vendas Novas	p.	6.05 h
Coruche	p.	7.00 h
Hendaia	c.	6.10 h

Em três linhas

O coronel Joaquim António Rocha foi reconduzido no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Leiria.

///

O dr. António Correia de Barros, professor efectivo do Liceu Nacional de Setúbal, foi nomeado para exercer, em comissão de serviço, a funções de adjunto do provedor da Casa Pia de Lisboa, vago em virtude da exoneração concedida ao dr. Miguel de Sá da Bandeira.

///

Foi prorrogado, até 31 de Dezembro deste ano, o prazo para conclusão das obras do conjunto restaurante-bar e instalações de praia artificial e de desportos náuticos a levar a efeito pela Junta de Turismo do Furadouro na ria de Aveiro (praia do Areinho).

///

Foi mandada extinguir a instituição de assistência particular denominada «Comissão de Beneficência da Freguesia das Mercês», de Lisboa.

///

O rev.º padre dr. Manuel Luís foi contratado para exercer o lugar de assistente religioso do Instituto de S. Domingos de Benfica.

///

O dr. Carlos Manuel Jardim da Costa Mota foi contratado para o lugar de médico da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

NOTÍCIAS DE AVEIRO

A urbanização citadina

AVEIRO, 29 — Continua a dar-se execução ao Plano Director de Urbanização da Cidade, pelo menos parcialmente. E ainda bem que assim acontece. Só desejamos que não demore muito a sua execução na totalidade. Agora a Camara Municipal foi informada de que o Conselho de Ministros declarou de utilidade publica a expropriação de vários imóveis destinados á urbanização da zona a nascente do Bairro Dr. Álvaro Sampaio.

Concurso pecuário

Tem sempre muito interesse o concurso pecuário aveirense, de grandes tradições. E mais uma vez assim o entendeu a Camara Municipal, ao programá-lo para realização nas festas de Santa Joana Princesa, no dia 5 de Maio próximo.

A carestia das rendas de casa

São canseiras escusadas as de quem calcorreia a cidade á procura de casa capaz, com renda inferior a 600$00. Em tempos pensou-se que a carestia das rendas se devia á falta de construções. Mas, agora, abundam. A Camara Municipal, dentro do possível, não as entrava. Fomenta-as até. Mas as rendas continuam já pelos quase inacessíveis 1000$00 ou mais. A Camara Municipal ainda há pouco nos deu conta de que foram apreciados 16 processos de obras, sendo apenas um indeferido. Quase apetece perguntar: é falta de construções, é a mão-de-obra dispendiosa ou é um bocadinho de ganancia dos senhorios?

Jaime Gralheiro falou no C. E. T. A.

Jaime Gralheiro esteve no C. E. T. A. Ele é dramaturgo vigoroso. E, no ambiente teatral, fez considerações várias sobre a arte colectiva que é o teatro e sobre a sua necessidade. E falou de «Ramos Partidos», a sua peça que o Círculo de Teatro de Aveiro vai pôr em cena dentro em breve.

COURTELLE

EM FOCO

Porque a vida moderna
não pára...
COURTELLE...
procura antecipar-se
às necessidades
e preferências
do Homem actual!
Com toda a sua inigualável
qualidade...
COURTELLE é anti-ruga,
anti-traça, não faz borboto,
lava-se e seca num instante.
Mas acima de tudo...
COURTELLE veste
o Homem moderno
de acordo com a imagem
que ele prefere!
Já reparou?
Há sempre um olhar
especial
para COURTELLE.
Confirme.
COURTELLE em foco.

O.C.P. 56 PARA INFORMAÇÕES CONSULTE JOSÉ A. GUIMARÃES JR. PORTO

COURTELLE

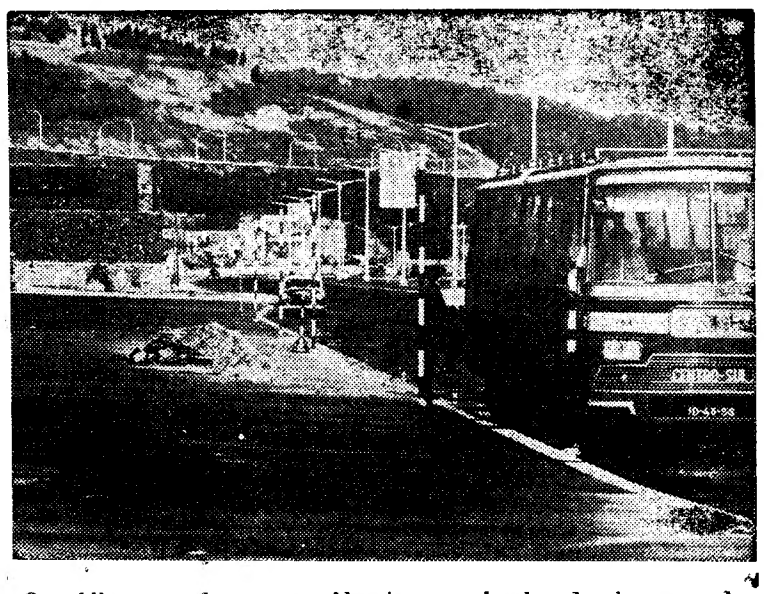
A FIBRA DE ETERNA JUVENTUDE

CENTRAIS DE CAMIONAGEM—5

ALCÂNTARA E OS PROBLEMAS DO TRÂNSITO PELA PONTE E DA REDE DE METROPOLITANO

O facto de a ponte sobre o Tejo estar concluída e em funcionamento, embora esta não tenha atingido os limites de funcionamento que são de prever levou as entidades responsáveis pelos problemas de transito a criar em Almada e em Alcantara as duas primeiras estações de camionagem existentes no País. É certo que elas não podem ser ainda consideradas como verdadeiras unidades do género, razão, talvez, que levou a chamar-lhes estações-piloto, na medida, ainda, em que servem de base de estudo para as futuras instalações daquele tipo.

A linha definida pela ponte, na cidade, constitui, aliás, a sua espinha dorsal, no futuro, como ainda há dias o leitor pôde ver através do Plano Director da Região de Lisboa, publicado pelo nosso jornal.



O publico aguarda que em Alcantara, no local onde chegam e de onde partem as camionetas de passageiros que atravessam a ponte, apareçam em breve as adequadas instalações para acolher o publico. Há verba e há projecto. Só falta vencer a burocracite

Não admira, assim que, definida em termos de futuro, tudo quanto se encontra situado sobre essa espinha dorsal que atravessará Lisboa como meio de ligação entre o Norte e o Sul seja objecto de atenções especiais. Parte dessa via encontra-se concluída, embora na pequenina parcela respeitante á zona de acessos, em Lisboa e na Outra Banda.

Quando a parte restante estiver concluída constituirá um importante canal de drenagem do trânsito que entra na capital, através das Portas de Benfica.

Essa entrada de Lisboa, que agora é um autêntico quebra-cabeças para toda a gente, passará a ter vida mais desafogada, embora a existência dos eléctricos e a própria largura da Estrada de Benfica, continuem a ser sempre razão de problemas de trânsito de veículos e peões.

A este assunto voltaremos no próximo e ultimo artigo, uma vez que este aspecto do assunto que tratamos se encontra estreitamente ligado ao problema das estações centrais de camionagem de Benfica.

REPORTAGEM DE
Luís d'Oliveira Nunes

EM ALMADA COMEÇAM NO PRÓXIMO MÊS AS OBRAS DE ACABAMENTO DO CENTRO DE COORDENAÇÃO QUE IMPORTARÃO EM 1800 CONTOS

● Duas obras

A pressa com que teve de ser terminada a ponte e a não correspondência, em ritmo, das obras anexas, levou a deixar menos do que inacabadas as obras dos dois pontos de coordenação de tráfego criados em cada uma das margens do rio.

Muito se tem clamado contra a falta de comodidades para o publico verificada nas estações de Alcantara e Almada, inconveniente esse aceite pelos próprios técnicos, intervenientes na concepção e manutenção daquelas unidades.

Pois esses inconvenientes vão agora ser abreviados com a melhoria das instalações, embora essas obra não tenham carácter definitivo.

Para um e outro caso o Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres, do Ministério das Comunicações, já criou os respectivos projectos e verbas, obtendo para essas realizações o acordo da Camara Municipal de Almada, esperando-se para breve o acordo da de Lisboa.

Assim, no próximo mês, começarão na Outra Margem, no Centro de Coordenação de Almada, as obras de pequenas instalações cobertas.

Os mil e oitocentos contos destinados a este empreendimento cobrem obras recentemente executadas (reforço de pavimentos) no Cenro de Coordenação de Almada e na E. C. C. da Costa da Caparica e ainda umas pequenas instalações cobertas a executar nas duas estações.

Também em Alcantara deverão começar em breve obras idênticas, com a construção de um pequeno edifício onde o publico se possa acolher, com salas de estar e instalações sanitárias, além de bilheteiras, de forma que se crie um mínimo de comodidades. Assim se pretende assegurar, durante alguns anos, com o mínimo de condições que aquelas duas estações desempenhem o importante papel que o futuro lhes reserva. Será então necessário, nessa altura, construir ali uma importante infra-estrutura centralizadora de transportes, onde se reunirão os autocarros, o metropolitano e o caminho-de-ferro.

● Razões

É sabido que nestes artigos não foi considerada uma importante entrada de Lisboa — a que, pela Marginal, para aqui orienta todos os que trabalham ou residem na Costa do Sol. É que essa entrada é fundamentalmente feita através do caminho-de-ferro da Sociedade Estoril, além dos veículos particulares que se deslocam num e noutro sentido.

Neste caso, pois, ao falar de camionagem de transporte publico ela não tem razão de existir. Mas existe, e tem de ser considerada, do ponto de vista da entrada de veículos automóveis na cidade, em especial a partir do momento em que entrou ao serviço do publico a Avenida Gulbenkian, que liga o Vale de Alcantara, através da Avenida de Ceuta, com a Avenida de Berna. Assim, os automóveis particulares que venham da Costa do Sol pela Marginal e se dirijam ao Norte da cidade não precisam de atravessar esta por dentro, como amanhã não precisam de o fazer todos os que se dirijam, através do mesmo caminho, para a auto-estrada do Norte (Vila Franca de Xira).

Em relação á central de camionagem de Alcantara, o problema deverá ser visto sómente do ponto de vista dos transportes colectivos rodoviários feitos através da ponte. É sabido que esse transporte, feito pela C. C. F. L. nos seus autocarros e por empresas associadas da margem Sul do Tejo, é por enquanto de reduzido valor. Mas é de prever que daqui a alguns anos, com o desenvolvimento de toda a península de Setubal, a urbanização de Almada e a melhoria da rede de transportes entre todas as localidades daquela margem do rio, este transporte colectivo de passageiros venha a aumentar substancialmente. Não, claro, que deixe de se fazer pelos «cacilheiros», sabido que a gente do Barreiro e vilas limítrofes, como a de Cacilhas e mesmo a de Almada, que trabalhe no centro da cidade, há-de preferir o barco, por ser mais rápido e mais económico meio de transporte.

● Ponto de passagem

Essa é uma das razões que justificam se tenha protelado para mais tarde a construção definitiva da Estação de Alcantara.

Mas outra, não menos importante, embora complementar, é a da extensão da rede do metropolitano até Alcantara.

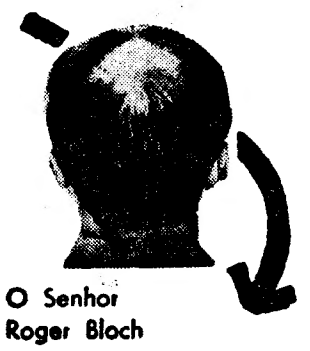
Enquanto esta se não fizer (daqui a dez anos?) é ocioso pensar **que o tráfego** de passagem colectiva na ponte possa atingir numeros substanciais, apesar dos passageiros poderem ser encaminhados, por autocarros da Carris, através da Avenida Gulbenkian, para uma zona onde existe já a linha de metropolitano que rápidamente os pode colocar no centro da cidade. Alcantara servirá, assim, durante algum tempo, apenas como ponto de reunião do tráfego vindo da ponte, estando apta, ao mesmo tempo, a servir como escoadouro de veículos para o norte da cidade.

Para já está delimitado em Alcantara, na Avenida de Ceuta, em frente da estação do caminho-de-ferro, um vasto terreno, que custou seis mil contos e servirá para a central do futuro.

Para ali estão calculadas, quando a prevista linha de caminho-de-ferro atravessar a ponte, algumas grandes obras, entre elas a ligação, por escadas mecanicas, dos vários pisos em que ficará seccionada a grande central que reunirá o caminho-de-ferro da ponte, o ramal portuário, que vai a Campolide e pode dar ligação a todo o Pais, a linhas de metropolitano para toda a cidade, as camionetas de passageiros que vão para o sul do País e os autocarros que igualmente hão-de servir, em substituição dos eléctricos, as outras zonas da cidade.

Como se resolveu, para já, igualmente, com carácter provisório, o problema da entrada no centro da cidade dos passageiros vindos pela ponte, sem falar na utilização eventual, mas já muito comprometida pela superlotação, dos eléctricos e autocarros, é o que veremos no próximo artigo.

A SEGUIR: **Em Palhavã surgirá este ano uma central provisória.**



O Senhor
Roger Bloch
utilizou
item

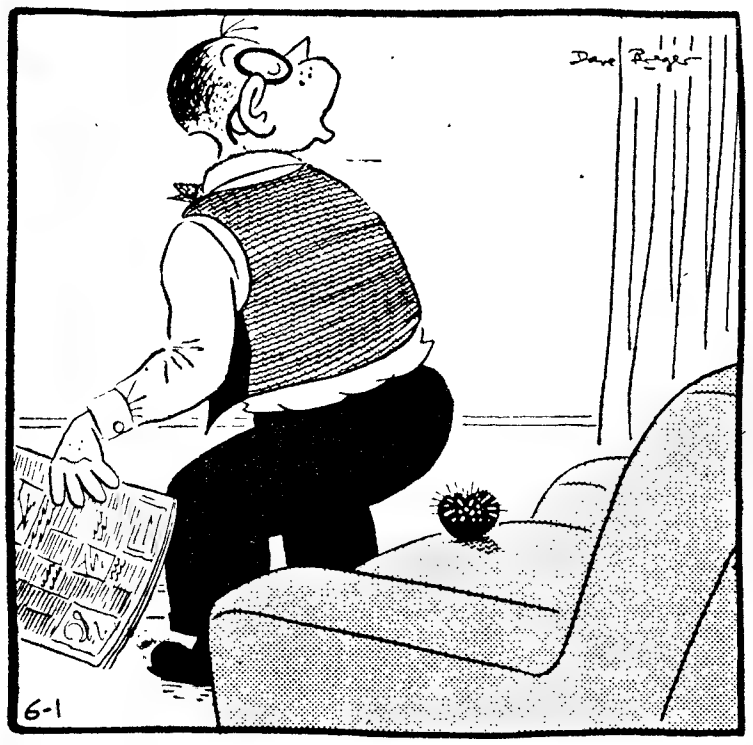
Atestado de Louis Chopard - Notário em Lausanne - (Suiça)

Deve fazer como ele!

Peça folhetos a:
COLIM — SOC. COSMÉTICO FARMACÊUTICA, LDA.
Porto: Rua da Alegria, 181
Lisboa: Rua da Madalena, 182

É nesta zona, denominada Centro de Coordenação de Almada, que começarão no próximo mês algumas obras, para efectivação das quais foram destinados um total de mil e oitocentos contos. A Camara Municipal de Almada já deu a sua concordancia ao projecto, esperando-se que a de Lisboa faça outro tanto, em relação com as instalações provisórias de Alcantara

PEQUENO MAGAZINE



— Não, querida, não vi onde deixaste a tua almofada de alfinetes...

CURIOSIDADES

● Perigos do alcoolismo

Segundo investigações feitas pelo dr. Gunnar Lundquist, médico-chefe da clínica para alcoólicos no Hospital Karolinska de Estocolmo, cerca de dez por cento das pessoas que bebem em demasia estarão sem vida dentro de cinco anos — caso persistam no abuso da bebida O referido estudo incidiu, durante cinco anos, sobre 100 indivíduos, todos de boa posição na classe média alta, que se apresentaram, voluntàriamente. Doze deles faleceram em consequência do excesso de bebidas alcoólicas.

Entre a causa das mortes estão doenças de fígado, acidentes ou suicídios. Se o alcoólico, entretanto, se abstém, ou mesmo reduz o consumo de bebidas fortes, o risco de vida diminui em proporção.

CARREIRAS AÉREAS

Facilidades da P. A. A. para visitas aos Estados Unidos

Os viajantes europeus terão, agora, um estímulo para visitar os Estados Unidos da América do Norte, por meio de um plano de «cartões de desconto» da P. A. A., pelo qual são concedidos descontos substanciais nos preços de diversos artigos e serviços naquele país.

Depois da redução do custo dos passaportes, nos Estados Unidos, segue-se esta oferta da Pan American, na Europa, iniciativa do maior interesse para os passageiros que utilizam as carreiras dos já famosos «Clippers», para a América do Norte.

O programa do «cartão de desconto» visita os Estados Unidos, da Pan American proporcionará aos europeus descontos que vão de 10 a 10 por cento sobre os preços das acomodações nos hotéis, das refeições em restaurantes, nas compras nos grandes armazéns, etc.

Qualquer europeu obterá, mediante a apresentação do seu passaporte, em qualquer escritório de vendas da P. A. A. ou das agências de viagens, na Europa, um cartão que lhe permitirá obter esses sensacionais descontos

— É de prever, que por meio deste programa, será financeiramente, possível a visita aos Estados Unidos de mais alguns milhares de europeus no corrente ano — declarou o sr. Norman Blake, vice-presidente da P. A. A. para o tráfego e vendas. — O custo da visita de um europeu será consideràvelmente reduzido pela utilização do plano de cartão de desconto; os hotéis, os grandes armazens, as agências de aluguer de carros e os restaurantes contam-se entre as maiores organizações que concedem descontos aos visitantes — esclareceu o sr. Blake, que afirmou depois, possuírem os escritórios da P. A. A. as listas de todas as firmas que concedem os respectivos descontos.

A iniciativa foi lançada, além de Lisboa, noutras capitais europeias, entre as quais Paris, Francfort e Londres.

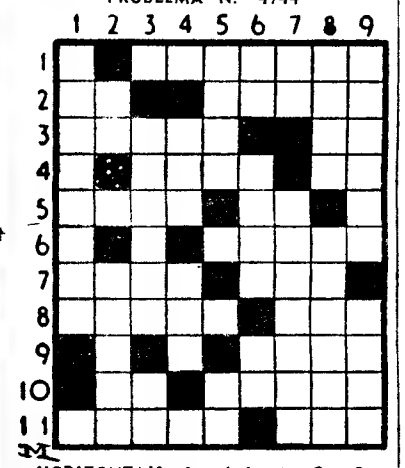
«Diário de Lisboa»

Fizeram referências ao «Diário de Lisboa» ou transcrições os nossos prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Diário do «Alentejo», «O Lobito»» (Angola) e o «Comércio do Sul», de Faro, onde, também, o sr. dr. Vergílio Passos se ocupou do nosso inquérito sobre o Ensino Liceal.

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)
PROBLEMA N.º 4744



HORIZONTAIS: 1 — Infausto. 2 — Preposição. Separe. 3 — Imparcial. Quinhentos e cinquenta em romano. 4 — Lugar onde se secam e malham cereais. Preposição e artigo. 5 — Divertimento. Noiva. 6 — Quando não. 7 — Aguça. Consentimento. 8 — Simples. Maior. 9 — Desarranjo mental. 10 — Prefixo de negação. Substituí. 11 — Propício. Pega.

VERTICAIS: 1 — Quebram o jejum. 2 — Muito Afortunado. 3 — Acompanhar. Em a. 4 — Parente. Preposição e artigo (pl.). 5 — Dar crédito. Pedra de moinho. 6 — Pertences. Estimes. Pronome pessoal. 7 — O lado do vento (náut.). Movimentada. 8 — Nome de mulher. Namoro. 9 — Diligente Fronteira.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

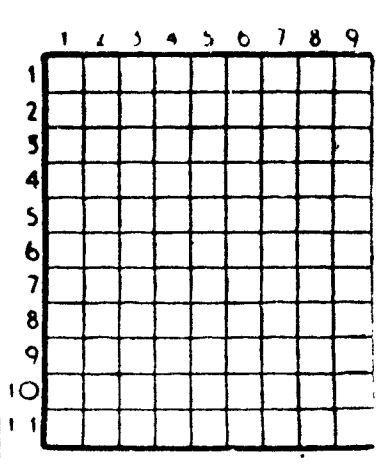
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4743

HORIZONTAIS: 1 — Chapas. AC. 2 — Adir. Aio. 3 — Roa. 4 — Amor. QUEM. 5 — Lá. Anuira. 6 — Ala. Ais. 7 — Reveste. 8 — Aboletei. 9 — Nó. Aga. Gr. 10 — CHORA. Are. 11 — Armam. SEU.

VERTICAIS: 1 — Salamanca. 2 — Há. MAL. Bohr. 3 — Adro. Aro. Om. 4 — PIORA. Elara. 5 — Ara. Navegam. 6 — Quieta. 7 — Aluísse. As. 8 — Ai. Er. Tigre. 9 — Colmate. Réu.

(Provérbio: QUEM CHORA SEU MAL PIORA).

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8588



HORIZONTAIS: 1 — Ilha da República da Indonésia no arquipélago de Sunda. Burla (Pop.). 2 — Larva das feridas dos anomais. Maior. 3 — Troça. Oceano. Em partes iguais. 4 — Moeda de prata espanhola. 5 — Tumulo. 6 — Pronome pessoal. Letra grega. 7 — Repenicaras. 8 — Venera. 9 — Abreviatura de Santíssimo. Patrão. Claro (s. q.) 10 — Nome de vários papas. Abreviatura de página 11 — Rio da China. Língua vernácula indiana.

VERTICAIS: 1 — Pragas. Pequena lasca. 2 — Apelido. Preposição. Consentimento. 3 — Fútil. Sova. O sono das crianças. 4 — Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses Passado. 5 — De alto preço Cabeleira. 6 — Sistema montanhoso de Marrocos. Cincho. 7 — Grande ribeira da Ásia Russa. Dá marradas. Prasiodímio. (s. q.) 8 — Balela. Distrito da Índia Portuguesa. Tomba. 9 — Guarneço de arames. Salgação

SOLUÇÃO DO PRÓBLEMA N.º 8587

HORIZONTAIS: 1 — Agar. Paços. 2 — Camaradas. 3 — Oral. Como. 4 — Roda. Oras. 5 — Ta. Or. 6 — Tó. Mio. Aí 7 — Camas. 8 — Marranas. 9 — Lá. Ni. 10 — Muito. Fará. 11 — Mãos Alas.

VERTICAIS: 1 — Açor. Tom. MM. 2 — Garoto. Alia. 3 — Amada. Crato. 4 — Rala. Mar Os. 5 — Limar. 6 — Paço. Aar. Fa. 7 — Adoro. Sinal. 8 — Câmara. Ara 9 — Osos. Ios. Aí.

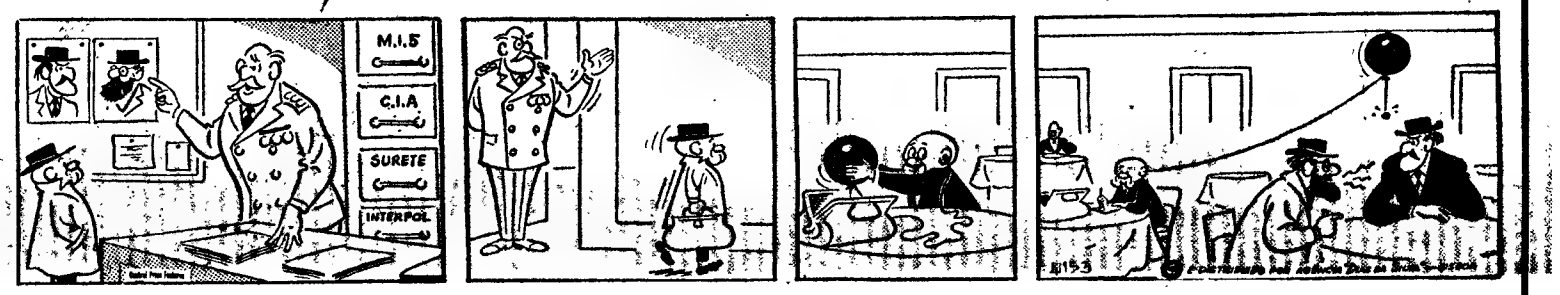
O «Diário de Lisboa» vende-se no Barreiro, no Posto de Venda, junto ao Café Tico Tico, até ás 20 horas.

EUROCAR
Automóveis s/ condutor
Av Barbosa Bocage, 1
Telefs. 761987 - 769848 - 712773

COFRES-MEALHEIROS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

AVENTURAS DO TIO CARLOS



DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTR

INTERCÂMBIO CULTURAL DA REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ COM OS PAÍSES DE LESTE

por GOMES SERRA, nosso correspondente na Alemanha

COLÓNIA, *Fevereiro* — Durante anos a Republica Federal da Alemanha procurou viver afastada dos países do «bloco comunista». Os responsáveis pela orientação política devem ter chegado á conclusão de que tal afastamento não resolveria o problema da unidade alemã, nem, tão-pouco, faria destruir o muro de Berlim. Outros processos teriam de ser usados para, mesmo a longo prazo, se antever a possibilidade da reunificação da Alemanha. Os cérebros de Bonn pensaram, com certa lógica, que uma determinada aproximação a nível cultural conseguiria melhores resultados do que a tradicional atitude de indiferença, mesmo agressividade, por vezes.

Não devemos estranhar, por isso, que nos últimos tempos se tenham deslocado à República Federal da Alemanha alguns concertistas dos países do Leste europeu. Peças de teatro têm sido representadas por artistas provenientes dos mesmos países. O público da Alemanha Ocidental tem visto filmes soviéticos e frequentado exposições de trabalhos oriundos da «cortina de ferro». Numerosas traduções de obras literárias demonstram o interesse que este intercâmbio cultural está a despertar junto do público.

Diga-se de passagem, que surgem, por vezes, mal-entendidos de todos os géneros, sobretudo de ordem política, que criam frequentes complicações. Recentemente, e a propósito do «Festival Polaco», o semanário cultural «Kultura», que se publica na Polónia, inseriu um comentário que levou a Imprensa alemã a reagir imediatamente. Segundo o referido semanário, as autoridades alemãs teriam procurado exercer influência ideológica sobre os artistas em digressão pela República Federal.

O interesse que a moderna cultura polaca tem despertado na República Federal, deverá dizer-se, tem sido verdadeiramente espectacular. Os grandes teatros têm levado à cena, com êxito, diversas peças de autores polacos e diversos encenadores têm sido chamados a dar a sua colaboração.

Calcula-se que em 1966 cerca de 23 companhias polacas se deslocaram á Alemanha. Exibiram-se, no decorrer do mesmo ano, 50 filmes e 30 artistas participaram em concertos. Espera-se que no decorrer do presente ano as manifestações artísticas atinjam, pelo menos, o mesmo número. Há poucas semanas foi anunciado o lançamento de uma antologia em dois volumes que reune as peças mais representativas do teatro polaco.

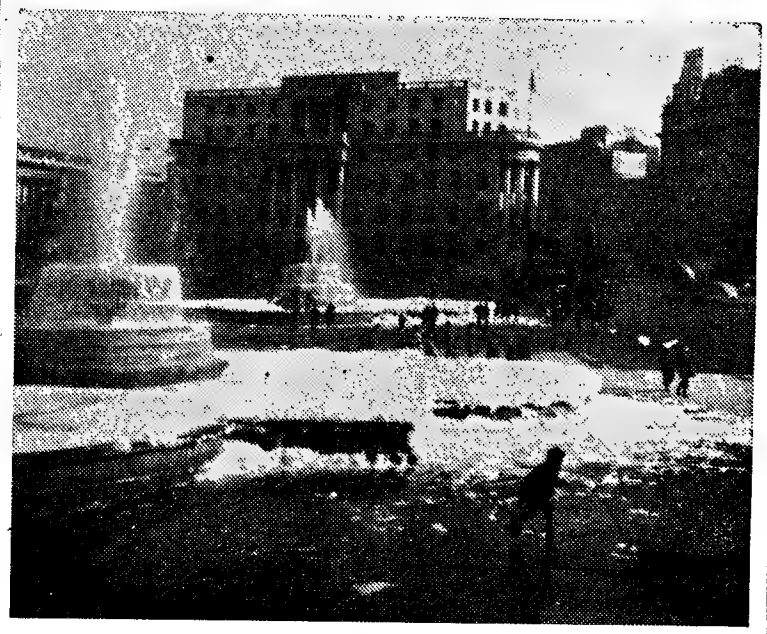
A Checoslováquia também tem demonstrado interesse em dar a conhecer a sua cultura ao povo alemão. Assinale-se a vinda do Teatro de Praga «am Gelaender» que apresentou recentemente «O Processo», segundo o romance de Franz Kafka, com encenação de Jan Grossmann. Esta mesma versão acaba de ser estreada, por uma companhia alemã, no «Deutsches Schauspielhaus» de Hamburgo. É assim possível estabelecer comparação sobre as novas possibilidades de interpretar a obra de Kafka e avaliar do nível dramático dos dois países.

Qual a influência que a cultura do Leste poderá exercer nos alemães do Oeste?

Qual o papel que estas manifestações artísticas virão a ter na preparação da mentalidade alemã, com vistas a uma reunificação?

Duas reacções se poderão verificar, num futuro, junto do povo alemão. Rejeição ou aceitação da cultura e mentalidade dos países do lado de lá. Verificando-se a primeira hipótese, novo fosso acabará por ser cavado entre as duas partes da Alemanha. Registando-se a segunda, talvez a unificação alemã venha a realizar-se com mais facilidade. Mas esse «modus faciendi» não poderá atirar todo o território alemão para além da «cortina de ferro»?

Achamos que é ainda muito cedo para tirarmos conclusão acerca dos resultados que o intercâmbio cultural com os países de Leste poderá produzir. Ficaremos no entanto na expectativa e aguardaremos calmamente, pois que alguma coisa acontecerá!



Em Trafalgar Square, Londres, alguém se divertiu, durante o Carnaval, colocando detergente em duas fontes daquela conhecida artéria

PARA EVITAR MOTINS RACIAIS

Quatro milhões de contos a fim de dar trabalho a negros norte-americanos

WASHINGTON, 29 — (A. N. I. e R.) — Completou ontem a sua tarefa a comissão nomeada pelo presidente Johnson para estudar as causas e os meios de pôr termo aos tumultos raciais nas cidades norte-americanas.

O «mayor» de Nova York, John Lindsay, e os senadores Fred Harris e Edward Brooke, todos membros da comissão, depuseram ontem perante a comissão senatorial de atribuição de verbas, pedindo a concessão de 150 milhões de dólares (4,35 milhões de contos) para um programa de emergência que tem por objectivo dar empregos, durante o Verão, aos que, habitualmente, não têm ocupação nessa época do ano.

O relatório da comissão só deve ser publicado no próximo fim-de-semana.

FALHOU UMA TENTATIVA DO NEGRO CLAYTON POWELL

Entretanto, uma tentativa de Adam Clayton Powell para recuperar o seu lugar na Câmara dos Representantes falhou ontem quando o Tribunal de Apelação dos Estados Unidos, em Washington, negou provimento ao seu recurso.

Powell, um ministro baptista negro, que representou durante 20 anos, como democrata, o 18.º bairro (Harlen) de Nova York, foi expulso da Câmara em 1 de Março do ano passado, sob pretexto de utilizar indevidamente, para uso pessoal, fundos governamentais.

Adam Powell, que tem passado virtualmente todo o seu tempo na ilha de Bimini, a fim de evitar Nova York, onde se arrisca a ser preso, por causa de uma sentença por difamação, declarou que recorrerá para o Supremo Tribunal.

Após a sua expulsão da Câmara, Powell foi reeleito numa eleição especial realizada para preencher a vaga. Contudo, nunca se apresentou ao Congresso para prestar juramento.

Frank Sinatra restabelecido

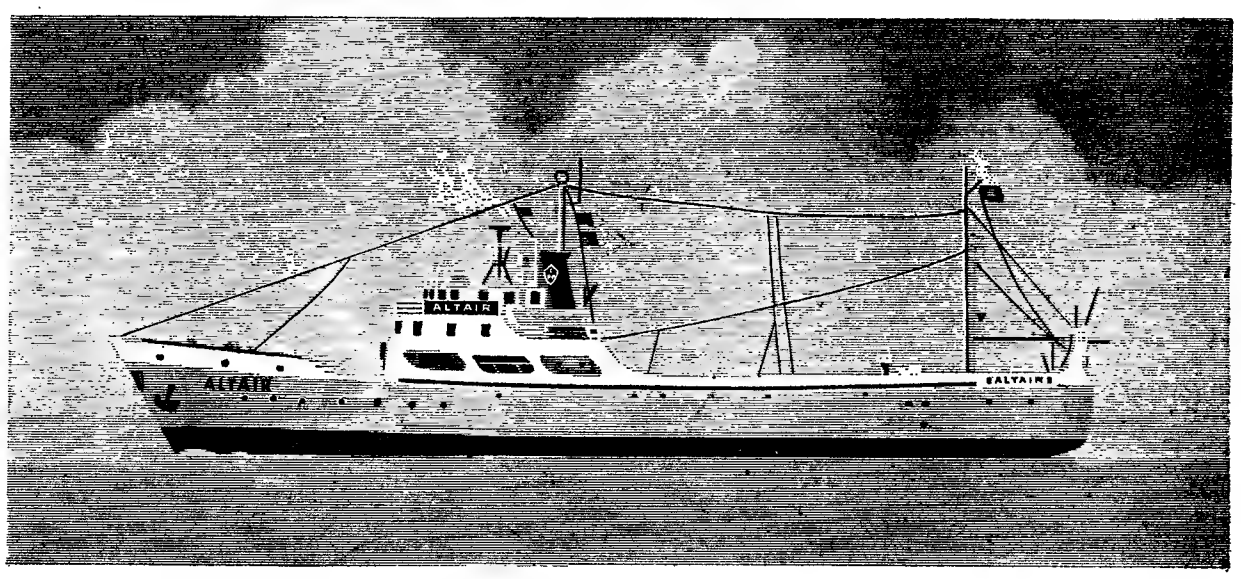
MIAMI BEACH, 29 — (R.) — Frank Sinatra saiu ontem pela primeira vez, após estar retido durante duas semanas no leito, sofrendo de uma forma benigna de pneumonia.

O famoso cançonetista e actor, que apareceu com uma barba e um bigode respeitáveis, deverá inaugurar hoje um clube nocturno.

N/M 'ALTAIR,

BOA VIAGEM !

BOA CAMPANHA !



Mais um novo grande arrastão pela popa, construído num estaleiro nacional para a nossa Marinha de Pesca, foi confiado ao Serviço de Marinha MOBIL.

Construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo para a Companhia Portuguesa de Pesca, este novo arrastão está equipado com o mais moderno equipamento de navegação, pesca, propulsão e auxiliar - com uma potência unitária instalada de cerca de 2300 H. P.

Orgulhosa com a preferência e confiança nos seus lubrificantes e Serviços de Marinha, a Mobil saúda a Empresa Armadora, "COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA", o Capitão, Oficiais e Tripulantes e a todos deseja Boa Viagem e Boa Campanha.

Mobil

Mobil Oil Portuguesa, S.A.R.L.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

HELICÓPTERO ABATIDO PERTO DE KHE SANH

• MORRERAM 22 DOS 23 «MARINES» QUE SE ENCONTRAVAM A BORDO

SAIGÃO, 29 — (A.N.I.) — Os artilheiros comunistas que rodeiam o posto avançado de Khe Sanh abateram ontem um helicóptero dos Estados Unidos, tendo morrido 22 dos 23 «marines» que iam a bordo — anunciou hoje um dos informadores norte-americanos.

O helicóptero foi atingido pelo fogo inimigo a 17,7 quilómetros da base de Khe Sanh e, após violenta explosão, despenhou-se no solo. Apenas um dos 23 fuzileiros que iam a bordo sobreviveu, mas mesmo assim sofreu ferimentos graves.

Entretanto, os bombardeiros norte-americanos «B-52» voltaram a atacar, esta manhã, as posições inimigas situadas á volta de Khe Sanh. Atingiram principalmente o sistema de trincheiras construído pelos norte-vietnamianos, que continuam a avançar sobre aquela base, que é defendida pelos «marines».

PREVÊ-SE UM ATAQUE A DONG HA

DA NANG, 29 — (F. P.) — É grande a actividade norte-vietnamiana em redor de Dong Ha, a base de artilharia dos «marines» que protege as bases de Con Thien e de Khe Sanh. Dois comboios fluviais foram atacados, perto de Dong ha, no rio Cua Viet. As baixas americanas teriam sido ligeiras. Há a impressão de que as tropas de Hanói tentam, agora, impedir o abastecimento desta base — feito por aviões e barcos, porque a estrada Hue-Dong Ha está cortada, e há muitas semanas já que nenhum comboio de veículos a pode utilizar. A pista de aterragem local é alvo frequente dos bombardeamentos da artilharia norte-vietnamiana, que dispara da «zona desmilitarizada, e os aviões são perseguidos pela D. C. A.

Uma patrulha de «marines», em missão no mesmo sector, foi interceptada por regulares «vietcongs» ou norte-vietnamianas, ontem. Os atacantes tiveram cinco mortos. As baixas americanas foram ligeiras.

O comando americano prevê um ataque violento a Dong Ha e ás outras bases de artilharia que bordam a estrada NR .9, paralela á «zona desmilitarizada» — Cam-Lo, Rockpile e Camp Carroll — como preludio ao assalto a Khe Sanh.

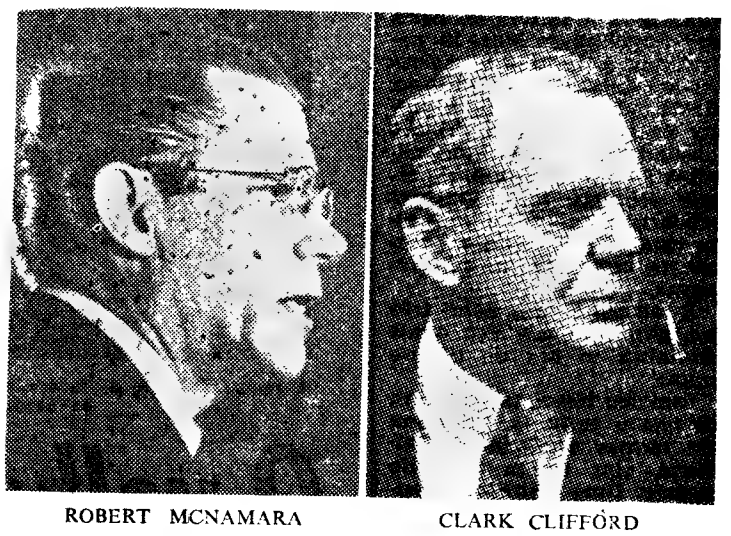
PREOCUPAÇÃO AMERICANA PERANTE EVENTUAL AMEAÇA DE MÍSSEIS SOVIÉTICOS NO GOLFO DE TONQUIM

WASHINGTON, 29 — (F. P.) — A fim de fazer face a uma eventual ameaça de mísseis soviéticos no Golfo de Tonquim, a Marinha americana tem a intenção de equipar o mais rápidamente possivel um certo numero de porta-aviões, cruzadores e contratorpedeiros com mísseis antiaéreos do tipo «Sea Sparrow».

Nos meios responsáveis americanos, reina certa preocupação quanto ao eventual fornecimento a Hanói de mísseis soviéticos do tipo «Styx», que foram utilizados pela Marinha egípcia para afundar o contratorpedeiro «Eilat».

Os mísseis «Sea Sparrow» pesam 158 quilos e têm um alcance de 32 quilómetros.

O render da guarda



ROBERT MCNAMARA — CLARK CLIFFORD

Robert McNamara, secretário norte-americano da Defesa, que hoje cessou as suas funções, abandona o Pentágono numa altura em que a guerra no Vietnam atinge o auge da violência.

Levado para a Administração pelo presidente Kennedy, McNamara foi escolhido por duas razões fundamentais: a sua proverbial competência, comprovada por uma carreira brilhante na Ford Motor Company, onde chegou a presidente, e o facto de se tratar de um republicano.

O presidente Kennedy seguiu muitas vezes o critério de escolher homens competentes para os lugares-chaves, embora politicamente não comungassem das suas opiniões, convencido de que a sua acção, como coordenador máximo, lhe permitiria traçar as grandes linhas da política americana, deixando a esses homens a tarefa de repor a ordem no caos em que a Administração Eisenhower deixara os respectivos departamentos.

O papel de McNamara na guerra do Vietnam assume excepcional importância, porquanto foi ele o grande obreiro da estratégia da «escalada».

Do seu quartel-general no Pentágono, servido pelos mais modernos «cérebros electrónicos», estabeleceu as etapas da escalada, que chegaram a prever o fim da guerra para 1965.

Desmentido amiúde pelos factos da guerra, aumentou sempre os efectivos americanos no Sueste Asiático, embora algumas vezes tenha anunciado como próxima a sua redução.

Tentou estabelecer a linha McNamara (versão electrónica das fronteiras electrificadas que a França montou na Argélia, quando tentava deter o afluxo de guerrilheiros vindos da Tunísia e de Marrocos), junto da zona desmilitarizada que separa os dois Vietnams e em certas zonas da fronteira com o Laos.

Justificou os bombardeamentos ao Norte afirmando que isso deteria ou, pelo menos, diminuiria, o apoio do Vietnam do Norte aos guerrilheiros do Sul. Mais tarde confessaria que os abastecimentos, em homens e material, não só continuavam como aumentavam constantemente.

Alvo de muitos ataques, McNamara vê-se agora relegado para um posto que, comparado com o de chefe do Pentágono, se pode considerar de segundo plano: a presidência do Banco Mundial.

Na hora do render da guarda, e depois da visita do general Wheeler a Saigão fala-se já num aumento dos efectivos americanos no Vietnam do Sul, que poderia ir de uma divisão de 40 mil homens até 200 mil.

Clark Clifford, o sucessor de McNamara, sem ser rotulado de «pomba» ou «falcão» é, contudo considerado pelos que o conhecem como mais favorável aos apóstolos do endurecimento.

Tendo sido conselheiro dos três últimos presidentes democráticos — Truman, Kennedy e Johnson — Clifford parece ser homem para permitir mais fácilmente que o presidente exerça uma maior e mais directa influência sobre os militares, ao contrário do que sucedia com McNamara, que pretendeu sempre — para isso Kennedy o nomeara — manter um estrito comando civil.

A. V. C.

INCERTEZA NOS E. U. A. ACERCA DO DESFECHO DA GUERRA NO VIETNAM

WASHINGTON, 29 — (Por Alfred Krusenstiern, da U. P. I.-A. N. I.) — A Casa Branca deve ser um dos poucos locais ainda imunes á duvida acerca da conduta e do resultado da guerra do Vietnam. Com efeito, a questão foi levantada, nas ultimas semanas, em diversos nucleos, espalhados por todo o pais.

Enquanto se difunde a incerteza, o presidente Johnson e os seus colaboradores mais directos parecem decididos a agir como anteriormente — talvez mesmo de uma forma um pouco mais concreta.

Até há poucas semanas, uma frase como a que se segue só poderia ser atribuída a uma publicação esquerdista: «Achamos que o povo norte-americano se devia preparar para aceitar, se não estiver já preparado, o facto de estar condenado todo o esforço da guerra do Vietnam.»

Mas na verdade esta era a frase com que se começava o editorial publicado por um jornal conservador de Wall Street, no passado dia 23. Ou então estoutra: «Os soldados norte-americanos têm poucos amigos, mas têm muitos inimigos no Vietnam. A sua posição é muito semelhante á do Exército alemão de ocupação na França, nos ultimos anos da segunda guerra mundial.»

Esta declaração não é de um «pacifista», mas de Lawrence Griswold, antigo oficial da Marinha e director do jornal conservador de Washington «Background for Tomorrow».

Fora da Casa Branca, que não reconhece a existência de modificações substanciais na situação no Vietnam, a política de Washington parece um mosaico de frustrações, duvidas e nervos.

Mas depois das 17 horas, nos «cocktails» e jantares de pouca cerimónia na própria Casa Branca, as opiniões diferem muitas vezes: são cínicas, céptica e ás vezes desiludidas.

Politicamente, o Governo dos Estados Unidos é menos monolitico do que os outros Governos.

Grande numero de funcionários, mesmo alguns da Secretaria de Estado e do Pentágono, são «pombas»: Consideram que o envolvimento norte-americano está errado, moral, política e militarmente.

Há outros que são «águias»: querem que as forças norte-americanas no Vietnam dupliquem ou tripliquem, bloqueiem ou invadam o Norte e o bombardeiem até á devastação completa.

E entre ambos há os que hesitam — e é este grupo que aumentou consideràvelmente nas ultimas semanas.

São em geral pessoas que apoiam há muito a politica de Johnson, na esperança de que uma guerra limitada no Vietnam conduza a uma paz honrosa.

Muitos deles viram as suas esperanças frustradas pelos acontecimentos das ultimas semanas. Não querem que a guerra alastre, mas não estão dispostos a recuar.

«GUERRA DE NERVOS» DO VIETCONG À VOLTA DE SAIGÃO

(Continuação da 1.ª página)

das militares foram classificadas de «ligeiras».

Assinalaram-se numerosos reencontros nas duas províncias setentrionais de Quang Tri e de Thua Thien, onde o ritmo das operações militares parece ter aumentado consideràvelmente nas ultimas 24 horas.

Tropas norte-vietnamianas e americanas entraram em contacto em vários sectores, nomeadamente á volta de Hué, onde se registaram seis recontros. Num deles, morreram cinco «marines» e outros cinco ficaram feridos. Os norte-vietnamianos tiveram 21 mortos.

A seis quilómetros de Dong Ha, foi atacado um comboio de pequenas embarcações sul-vietnamianas.

A RESERVA DE OURO BAIXOU DE NOVO

WASHINGTON, 29 — (R.) — As reservas de outro do Governo dos Estados Unidos declinaram em Janeiro em 62 milhões de dólares para 12 003 milhões de dólares, segundo anunciou a noite passada a Reserva federal.

Soldados sul-vietnamianos atacam um edifício em chamas na zona noroeste de Saigão, que esteve ocupada pelo Vietcong

Colisão de dois navios no Pacífico

SEATTLE, WASHINGTON, 29 — (A. N. I. e R.) — O petroleiro norte-americano «Mandoil II», de 25 000 toneladas, e o cargueiro japonês «Suwahoru Maru», que transportava madeira, colidiram, devido ao espesso nevoeiro, no oceano Pacífico, 300 milhas a oeste da foz do rio Columbia — anunciou hoje o serviço da guarda costeira.

Mais tarde foi comunicado que os dois navios estavam a arder.

Entretanto, dois barcos da guarda costeira e um petroleiro peruano — o «Transoceanica» — seguiram para o local a fim de socorrer os náufragos, cujo numero se ignora, pois, as mensagens recebidas nada diziam a esse respeito.

Sabe-se, contudo, que 23 tripulantes do «Mandoil», que andavam perdidos no nevoeiro, sem salva-vidas, foram recolhidos por um navio japonês que andava na região.

ADMISSÃO INSTITUTOS?
LICEUS?
EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 532702
EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
Rua Conde Redondo, 56, 1.º-Esq.º — Telef 538380
CURSOS INTENSIVOS — AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

A RESPOSTA

As alunas do Liceu Rainha D. Leonor organizaram um baile no sábado passado. Como todos os bailes, este fez-se com música e teve pares na pista de dança — ou seja no ginásio. Cálculo por alto: quatrocentos rapazes e raparigas. A reitora do liceu, dr.ª Angelina de Macedo, patrocinou a festa e associou-se-lhe durante todo o tempo. Explicaria depois ao repórter do nosso jornal: «Tenho absoluta confiança nas minhas alunas. Por isso, e porque sei que são raparigas modernas, concordei com esta tarde de convívio no ambiente que elas mais apreciam».

A música tocada pelos três conjuntos — um dos quais feminino — era do género «pop».

Também fomos testemunha de que o baile se processou em termos exemplares. Animado, sim, muito animado mesmo. Uma animação contagiante. Mas sem qualquer ambiguidade. Não vimos a mínima falta de respeito (nem esperávamos que houvesse), pelo que nos atrevemos a dizer, entre outras coisas, que este tipo de diversão está perfeitamente certo. A sua naturalidade é sintomática, a sua necessidade parece-nos flagrante.

Acompanhamos o leitor no raciocínio seguinte: se a festa do Liceu Rainha D. Leonor foi agradável, é porque tinha um ingrediente musical (trata-se de um baile, não é assim?) igualmente agradável; se o ingrediente agradável se chama música «pop», é porque esta preenche hoje a função que já preencheram o «charleston», o tango e os ritmos brasileiros; assim sendo, deve aceitar-se a sua existência. Isto mesmo nos disse, a propósito, a reitora do liceu.

Mas o verdadeiro problema situa-se a outro nível. Onde se divertem habitualmente estes rapazes e estas raparigas que vimos sábado passado no Liceu Rainha D. Leonor? Haverá qualquer sistema programado para acudir à sua necessidade de diversão? Bailes como o do liceu de Alvalade não serão, bem feitas as contas, excepcionais?

Sim, existem as «boîtes», existem os «dancings». Frequentados por jovens. Cheios de jovens nas noites de sábado, quando o porteiro diz delicadamente que «não entra mais ninguém, o soalho até treme...» Mas será essa a nossa única resposta?

F. A. P.

SEJA PREVIDENTE

Comprando jóias de categoria terá a certeza de uma boa aplicação de capital. Na **OURIVESARIA PIMENTA** encontrará um sortido inigualável. Rua Augusta, 253.

A equipa da noite de fado castiço: Clemente Pereira, Acácio Gomes e António Pessoa, Alcídia Rodrigues, Maria da Saudade, Manuel Calisto e Mariana Silva. De pé: Julio Peres

O velho fado castiço em Quarta-Feira de Cinzas

O fado castiço — como sabem — está em coma e a balões de oxigénio, como se viu, ontem á noite. Os fadistas da velha guarda tomaram de assalto uma das chamadas casas típicas de Lisboa, para as bandas de Alcantara, e impuseram por umas horas a sua lei. Castiço e só castiço, na noite de Quarta-Feira de Cinzas, recordando os tempos em que iam até ás hortas, enterrar o Carnaval com uma cegada.

Júlio Peres, da geração do Alfredo Marceneiro, organizou o programa e lá cantaram, como puderam e ainda sabem, Alcídia Rodrigues, Maria da Saudade e Manuel Calisto, Júlio Peres e os novos Mariana Silva, Luís Braga e Emília Reis.

Eu «pró» que der e vier trago a navalha na liga

Ventiladores derrotados pelo fumo. A um canto, envergonhado das noites de folclore, um piano de verniz reluzente. A decoração, á base de bandeirinhas cruzando a sala em fieiras multicores e obsequiosas. *Whisky*, sangria, lulas recheadas. Há, também, uma mesa de engenheiros recém-formados da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro. São doze. A viagem «de estudo pela Europa» prosseguirá pela Espanha, França e Itália. Em Portugal, irão á Lisnave e á Ponte, mas começaram pelo castiço. Já conheciam as desgarradas através da TV.

Leva-me ao Perna de Pau, ao Charquinho, ao Quebra Bilhas

— *Quando me chamam, venho sempre. Sou operário metalúrgico. Tomei juizo a tempo. Andei anos «nisto». É uma velha tradição o fado de Quarta-Feira de Cinzas. Mas não com comida «vendida». Tinha mais graça quando a gente levava os cestos e os garrafões para fora de portas e cada um depois se levantava, para mostrar o que valia no fado Bacalhau, no Mouraria, no Puchavante, na Marcha do Alfredo, no Menor, no Carriço ou na Camélia.*

É Manuel Calisto que fala, depois de ter cantado — e bem. Os entendidos pousam o copo e gritam «Eh fadilista!».

— *Não carpir, não chorar.*

Mas dormir, sim. Poucas pessoas se divertem *mesmo*. Têm um ar triste e cara de má digestão. O menino «lé-lé», brasonado, que tem mesa certa e garrafa de whisky «pessoal», trouxe uma menina de mini-saia, que se cansou do castiço, que se cansou dos beijos e agora dorme um sono — aliás repousado e lindo — no ombro do amigo. Uma senhora gorda, de vestido preto, destroi, sistemàticamente, pires sobre pires de pipocas, azeitonas e amendoins. Só pára para aplaudir. Não esteve nas hortas porque estas já não existiam quando lhe tiraram o biberão e passou definitivamente aos alimentos sólidos.

Rigorooso, afaaaa...distado

Maria da Saudade. Até o nome está certo.

— *Canto o fado há trinta anos, e quando comecei já se usavam estes. O Júlio Peres organiza tudo, mais para matar saudades do que para outra coisa. Eu ando por aqui e por ali, fechei a casa que tinha no Rego... O ano passado, não vim porque estava com gripe. É tudo tão bonito.*

A festa era deles. Júlio Peres pigarreia e apresta-se para o grande momento.

Preparou tudo cuidadosamente. Dizia o programa: «Nesta memorável noite, Júlio Peres, numa evocação do fado de antigamente, apresenta uma rubrica da autoria do poeta Clemente Ferreira, com o titulo «Do passado ao Presente», em que colaboram, ainda, Mariana Silva, Luís Braga e Emília Reis». Uma desgarrada, com recitativos. Júlio Peres pede desculpa, receia enganar-se, e engana-se mesmo. Mas o autor está de lado e sopra as linhas caídas da memória do fadista.

E tudo terminou em desgarrada, pela noite chuvosa adentro.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES

BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

Julio Peres, na desgarrada

REFORMA AD

O programa d foi tornado pú pelo ministro

A revisão das condições de remuneração, acesso e segurança social do funcionalismo publico, e bem assim a organização de cursos para formação e aperfeiçoamento profissional do mesmo funcionalismo, foram esta tarde anunciadas pelo ministro de Estado como parte integrante do programa de actividades do Secretariado da Reforma Administrativa para o ano corrente.

Instituído há pouco mais de três meses, por decreto-lei de 23 de Novembro ultimo, o referido secretariado tem a dimensão de «órgão central de remodelação da máquina administrativa do Estado», como lhe chamou o dr. Mota Veiga. Daí a importancia da sua comunicação de hoje, que levou ao Palácio de S. Bento, pelas 16 horas, os representantes dos órgãos da Informação.

Começou o ministro de Estado por lembrar os principais passos da criação do Secretariado da Reforma Administrativa, cujo corpo de funcionários, «pouco numeroso mas qualificado», teve desde logo, nos termos da sua lei organica, a tarefa primordial de elaborar o programa de acção para 1968.

Problemas da administração pública

Os problemas a resolver pelo secretariado são, muito lógicamente, aqueles com que se defronta a administração publica portuguesa. Problemas hoje comuns á generalidade dos países, seja qual for o seu grau de desenvolvimento — referiu o dr. Mota Veiga. Mas o ministro também não esquece que eles existem de facto entre nós e clamam por solução.

— *Como bem se compreende* — acrescentou — *a reforma administrativa não é acto instantaneo ou conjunto isolado de providências, antes deve entender-se como processo permanente e dinamico de adaptação da máquina burocrática ás funções cada vez mais complexas e multiformes do Estado na sociedade moderna. Justamente porque se trata de um processo continuado e em constante evolução, a reforma administrativa não surge, entre nós, com a criação do secretariado, nem, evidentemente, se esgotará com a sua actuação.*

Os governos têm procurado, através de sucessivas providências, ir acompanhando as necessidades dos tempos. A esse respeito o dr. Mota Veiga salientou o alcance da reforma de 1935, que tratava de reorganizar os quadros e os vencimentos do funcionalismo civil.

— *Não obstante os trinta e dois anos entretanto decorridos* — precisou o ministro — *muitos dos prin-*

cípios e dos n
nesse diploma,
teira actualidade

O primeiro
pelo ministro
do funcionalis
importante na

— *É necessár*
gurar o recrut
com a necessár
se — sintetizou
e, depois, prom
çoamento e a
tura intelectua
todos os níveis
outro lado, co
sável que as c
ração, acesso e
função publica
nível que actu
em relação ás
Só deste modo
tendência cres
de pessoal, e cr
tornem mais at
do Estado.

Quanto á or
serviços, os pr
ção mais urgen
ministro, a dist
mo sector de ac
sos ministérios
gãos de coord
mental, a falta
técnicos ou a
ção de certos q
finalmente a pr
te em criar ser

O funcionam
fre de várias d
vo formalismo
processo burocr
tores, inconve
e centralização
deres de decis
cionalização e
tas tarefas, in
são da índole
actividade adm
pos actuais. O
brou ainda o p
«de não estarem
nidas as melho
tisfação human
no que respeit
dirigentes e exe
ciência da utili
cada funcionári

Por ultimo,
administração e
uma «estreita e
ção» das duas
pode estar ause
prática da infor

O que

Órgão de est
coordenação —
— o Secretaria
ministrativa pr
ano várias acçõ

Em primeiro
nistro de Estad
cursos para for
mento profissio
em diversos
mente, para a
cialistas em «o
dos», e o início
vos á revisão e
remunerações.

O rápido alarga
cia na doença
a revisão de alg
gime jurídico d
tros pontos a f
ás estruturas e
serviços, o Secr
palavra urgente
sentido da act
Por exemplo: vá
balhos preparat

DR. ALBERTO FERREIRA

Encontra-se doente, há alguns dias, o nosso prezado colaborador dr. Alberto Ferreira, a quem desejamos rápido restabelecimento.

ATENÇÃO

OS FABRICANTES DA

Pasta Dentífrica Couto

informam que saiu a 4.ª **£ OURO** à sr.ª D. Maria Margarida Macedo, Rua Afonso Albuquerque, 164 — GAIA

A ***Pasta Dentífrica Couto***

FOI VENDIDA PELA DROGARIA CASTILHO

Muitas outras £ vão ser encontradas, pois já foram colocadas 120 * ESPREMA BEM O SEU TUBO DE PASTA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras ouro, **mas a PASTA MEDICINAL COUTO, DA-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES**

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A

FUNDADA EM 1870

Ourivesaria da GUIA

EM QU... CEM ANOS D... AJUDOU ... CONSTRUIR ... ESTA TR... DIÇÃO

RUA D DUARTE, 4...
(Edifício do Hotel Mundial)

ORMA ADMINISTRATIVA:
rograma do Secretariado
ornado público
ministro Mota Veiga

ondições de re-
o e seguran-
alismo publico,
organização de
ação e aperfei-
onal do mesmo
ram esta tarde
ministro de Es-
integrante do
vidades do Se-
orma Adminis-
o corrente.

co mais de três
lei de 23 de No-
referido secreta-
nsão de «órgão
ação da máqui-
o Estado», como
Mota Veiga. Daí
ua comunicação
ao Palácio de
horas, os repré-
os da Informa-

stro de Estado
rincipais passos
etariado da Re-
va, cujo corpo
pouco numeroso
eve desde logo,
lei organica, a
elaborar o pro-
ra 1968.

dministração
ca

esolver pelo se-
to lógicamen-
defronta a ad-
ca portuguesa.
uns á generali-
eja qual for o
olvimento — re-
eiga. Mas o mi-
esquece que eles
ntre nós e cla-

compreende — reforma adminis- instantaneo ou providências, r-se como pro- dinamico de na burocrática mais comple- do Estado na ustamente por- processo con- ante evolução, rativa não sur- criação do se- dentemente, se actuação.

rocurado, atra- rovidências, ir cessidades dos eito o dr. Mota ance da refor- atava de reor- os vencimen- civil.

trinta e dois rridos — pre- uitos dos prin-

FERREIRA

e, há alguns colaborador a quem de- abelecimento.

cípios e dos métodos consagrados nesse diploma conservam hoje inteira actualidade.

O primeiro problema apontado pelo ministro (situação e regime do funcionalismo) parece o mais importante na escala de valores.

— *É necessário, por um lado, assegurar o recrutamento de pessoal com a necessária preparação de base* — sintetizou o dr. Mota Veiga — *e, depois, promover o seu aperfeiçoamento e a elevação da sua cultura intelectual e profissional em todos os níveis da hierarquia. Por outro lado, considera-se indispensável que as condições de remuneração, acesso e segurança social da função publica não sofram o desnível que actualmente se verifica em relação ás actividades privadas. Só deste modo se poderá conter a tendência crescente para o êxodo de pessoal, e criar as condições que tornem mais atractivas as carreiras do Estado.*

Quanto á organica interna dos serviços, os problemas de resolução mais urgente são, no dizer do ministro, a distribuição de um mesmo sector de actividades por diversos ministérios, a escassez de órgãos de coordenação interdepartamental, a falta de certos serviços técnicos ou a deficiente composição de certos quadros permanentes, finalmente a premência que se sente em criar serviços novos.

O funcionamento dos serviços sofre de várias dificuldades: excessivo formalismo e complexidade do processo burocrático em alguns sectores, inconveniente concentração e centralização de funções e poderes de decisão, insuficiente racionalização e normalização de certas tarefas, imperfeita compreensão da índole e dos objectivos da actividade administrativa nos tempos actuais. O dr. Mota Veiga lembrou ainda o problema decorrente «de não estarem muitas vezes reunidas as melhores condições de satisfação humana no trabalho, quer no que respeita ás relações entre dirigentes e executores, quer á consciência da utilidade do trabalho de cada funcionário na obra comum».

Por ultimo, as relações entre a administração e o publico implicam uma «estreita e recíproca colaboração» das duas partes, de que não pode estar ausente a importante prática da informação.

O que vai fazer-se

Órgão de estudo, planeamento e coordenação — e não de execução — o Secretariado da Reforma Administrativa procurará lançar este ano várias acções significativas.

Em primeiro lugar, citou o ministro de Estado a organização de cursos para formação e aperfeiçoamento profissional de funcionários em diversos níveis e, nomeadamente, para a preparação de especialistas em «organização e métodos», e o início dos estudos relativos á revisão e reajustamento das remunerações.

O rápido alargamento da assistência na doença aos funcionários e a revisão de alguns aspectos do regime jurídico do pessoal são outros pontos a focar. No que toca ás estruturas e funcionamento dos serviços, o Secretáriado tem uma palavra urgente a dizer, sempre no sentido da actualização racional. Por exemplo: vão iniciar-se os trabalhos preparatórios da elaboração de um «código do processo burocrático», com vista a simplificar formalismos e a tornar expedito o andamento dos assuntos, na generalidade dos departamentos e serviços.

Último capítulo em discussão, as relações administração-publico. A este nível prevê-se a realização de estudos sobre «relações publicas», e a preparação de um «Guia da Administração Publica», que forneça informações uteis acerca da localização, estrutura e funcionamento dos diversos ministérios, serviços e organismos do Estado.

Após a comunicação do ministro de Estado aos órgãos de informação falou o director-geral do Secretariado da Reforma Administrativa. A seguir á sessão, realizou-se a primeira reunião do Conselho Coordenador para a Reforma Administrativa de que fazem parte representantes de todos os Ministérios.

Amália seguiu para a Roménia

Amália Rodrigues seguiu para Paris, por via aérea, a caminho da Roménia, onde vai participar num festival em que estarão presentes grandes nomes da canção mundial.

Amália e outros artistas de nomeada actuarão em Bucareste, após a realização do Festival Internacional da Canção de Brasolv, dedicada a jovens cantores e em que Portugal se encontra representado pela jovem cançonetista Mafalda Sofia, que apresentará «Não Chorarei», na versão italiana, e ainda uma melodia de Arlindo Carvalho e Artur Ribeiro, intitulada «Serras de Ansião».

O Festival Internacional de Brasolv efectua-se de 5 a 10 de Março.

A vastidão das instalações da superpraça de Santo António dos Cavaleiros proporciona ao publico a maior comodidade e o mais fácil acesso á grande variedade de produtos expostos

SUPERPRAÇAS REGEDOR ABRIU UM SUPERMERCADO EM SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

No Centro Comercial da «cidade-jardim» de Santo António dos Cavaleiros, foi aberto ao publico, pela firma Superpraças Regedor — Estabelecimentos de Alimentação, S.A.R.L., um moderno e bem aprovisionado supermercado, que constitui contribuição muito apreciável para a eficácia do apetrechamento daquele nucleo habitacional em moldes de poder responder, cada vez mais prontamente, ás necessidades imediatas dos seus moradores.

Integrada numa vasta rede de estabelecimentos do mesmo ramo, a nova superpraça beneficia de todas as vantagens que resultam de uma ampla experiência e de uma dimensão que permite, pelo volume de negócios, oferecer ao consumidor as mais favorávels condições de preço e de qualidade. Com efeito, Superpraças Regedor cobre já, com os seus supermercados, uma área considerável não só na capital, onde possui estabelecimentos em Benfica, Alameda das Linhas de Torres e Rua Jardim do Regedor — este ultimo inaugurado recentemente e ao qual fizemos, na ocasião, as merecidas referências — mas também em Cascais.

A superpraça de Santo António dos Cavaleiros, que se caracteriza por uma concepção fundamentalmente funcional, ocupa uma superfície de mais de 250 metros quadrados distribuída por uma cave, onde se encontra a mercearia grossa, e um rés-do-chão, onde ficaram instaladas a charcutaria, mercearias finas, frutaria, talho, produtos congelados, etc. A amplidão das instalações possibilitou que o seu planeamento fosse organizado por forma a permitir a separação das várias zonas, de modo que o publico encontra a maior facilidade em movimentar-se e o mais cómodo acesso aos produtos que procura. Estes, graças ao actualizado equipamento de que a superpraça está apetrechada, quer para exposição e apresentação, quer para conservação, encontram-se nas melhores condições de higiene e salubridade, integrados num ambiente acolhedor e confortável, onde o sóbrio bom gosto das instalações é completado por uma suave musica de fundo.

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895 —
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTISTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

A OURIVESARI
DE PROBIDAD
NCIA

Ourivesaria da
GUIA

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA
AJUDOU CONSTRUIR E A MANTER
ESTA EDIÇÃO

DUARTE, 4
Hotel Mundial

Carnaval à sua maneira nas termas do Vimeiro

MACEIRA, 29 — Durante a quadra de Carnaval houve animação no Hotel Golf Mar e no seu campo de Golf, em virtude da presença de numerosas famílias que de Lisboa e do Porto aqui se deslocaram, esgotando por completo a lotação do referido hotel.

A par da boa «cavaqueira», pequenas partidas carnavalescas e muitas tacadas falhadas nas competições entre os «Anjinhos» do Golf, dos quais saíram alguns furiosos que logo ali compraram luvas e bolas e se inteiraram onde se vendiam os sacos com a «ferramenta» completa, disputou-se uma taça entre os consagrados, a que se deu o nome de Taça Carnaval, e que foi ganha pelo sr. Fernando Nicolau de Almeida, presidente do Club de Golf de Espinho, seguido do sr. Roland Nensdad e do sr. Temple.

Houve referências elogiosas ao serviço do hotel e ao campo de Golf, sobretudo pela construção e estado dos seus «greens», que dizem ser dos melhores da Europa.

CASINO ESTORIL

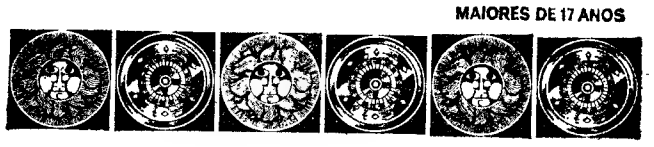
THE TAU MOE'S
RITMOS EXÓTICOS DE HAWAI

MALIKA ET MILLS
FANTASIA E ILUSÃO

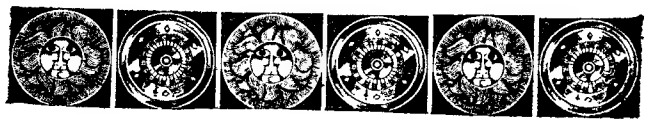
TRIO HARMONIA

SILVER SHOW
"CHARME" PARISIENSE

ESTES ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM NO
TERRAÇO DAS ESTRELAS
DO HOTEL EMBAIXADOR
MAIORES DE 17 ANOS



HOTEL ESTORIL SOL
12 de Março
JANTAR DE GALA
Distribuição de Prémios da
VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL
com
«show» internacional e
Pré-apresentação da Moda de Primavera
MAIORES DE 17 ANOS

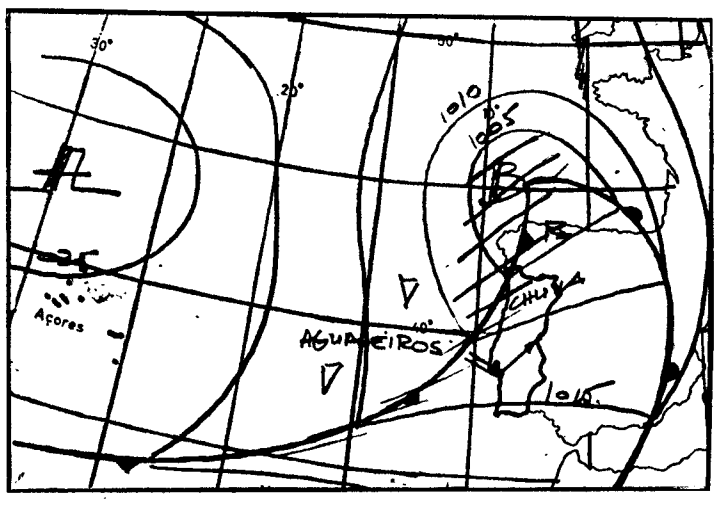


O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, o céu estava encoberto e caía chuvisco em todo o litoral e havia nevoeiro em várias regiões do interior por influência de uma massa de ar marítimo.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16°,2; mínima: Penhas do Saude, — 2°.
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 10°; Faro, 15°; Funchal, 14°; Lisboa, 13°; Penhas Douradas, 4°; Portalegre, 9°; Porto 11°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 13°,2; na água do mar, 12°,4.

A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)



EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 1 — O sistema depressionário assinalado na região da Península Ibérica desloca-se para leste. O anticiclone centrado a norte dos Açores acompanha aquele deslocamento e deverá influenciar gradualmente o estado do tempo no território do continente a partir do fim da tarde do dia 1.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU MUITO NUBLADO OU ENCOBERTO; VENTO FRACO DE OESTE, TORNANDO-SE MODERADO OU FORTE DE SUDOESTE A PARTIR DO FIM DA TARDE, ESPECIALMENTE NAS REGIÕES DO NORTE E DO CENTRO; PERÍODOS DE CHUVA E TROVOADA DURANTE A NOITE; A PARTIR DA MADRUGADA, CÉU MUITO NUBLADO, VENTO MODERADO DE NOROESTE E AGUACEIROS NAS REGIÕES DO NORTE E CENTRO.

SOL

Amanhã: Nascer às 8 e 10
Ocaso às 19 e 30

PREIA-MAR — Dia 29 — Às 5 h (4,2 m); 17 e 27 (4 m). Dia 1 — Às 5 e 38 (4,2 m); 17 e 58 (3,9 m). Dia 2 — Às 6 e 12 (4 m); 18 e 30 (3,8 m). BAIXA-MAR — Dia 29 — Às 10 e 50 (0,8 m); 23 e 01 (0,9 m). Dia 1 — Às 11 e 20 (0,8 m); 23 e 30 (0,9 m). Dia 2 — Às 11 e 51 (0,9 m).

FASES DA LUA

Dia 7 · Dia 14 · Dia 21 · Dia 28

HUMBERTO MADEIRA vai deixar o teatro?

A notícia correu célere ao nosso mundo do espectáculo: razões de saude, deveras imperiosas obrigam o popularíssimo actor Humberto Madeira a abandonar os palcos onde alcançou os mais altos títulos entre os intérpretes da sua geração.

Com efeito, o prestigioso artista deixou já os ensaios da nova revista «Arroz de Miúdas» que se apresta para subir á cena no Teatro ABC. O seu lugar de primeiro actor e de encenador-ensaiador passa a pertencer a Carlos Coelho, muito embora nos cartazes ainda afixados no Parque Mayer o nome do «milionário do riso» não tenha sido substituído. Carlos Coelho, há meia duzia de semanas regressado de uma longa «tournée» pelo Ultramar e África do Sul, ultimava a planificação de nova digressão (desta feita aos Estados Unidos da América do Norte e Canadá) suspendeu, assim, essa actividade para, pela segunda vez, tomar posse do ceptro de Humberto Madeira. Recorda-se que, quando da representação da revista «É Canja!» já Carlos Coelho fora apressadamente incluído no elenco que, de um instante para o outro, se vira desfalcado do principal elemento masculino, exactamente Humberto Madeira, que, por conselho do médico assistente (o prof. dr. Lima Basto) dera, então, entrada no Instituto de Oncologia para ser submetido a melindrosa intervenção cirúrgica.

Algum tempo depois, Humberto Madeira retornava ao Parque Mayer e o produtor Giuseppe Bastos ofereceu uma festa em honra da vedeta regressada ao tablado do Teatro Capitólio. E Humberto Madeira voltou a ser o mesmo artista bem-humorado e rico de talento, logrando sempre a mais indesmentida popularidade. No Variedades, ao lado de Eugénio Salvador, foi um dos grandes responsáveis pelo tremendo triunfo de bilheteira da revista «A Ponte a Pé», que esteve em cena cerca de sete meses e dpois foi incluída no repertório que a Companhia Giuseppe Bastos-Vasco Morgado levou a Angola e Moçambique. Humberto Madeira efectuou toda a digressão (demorada) e, quando voltou a pisar solo de Lisboa, trocou o Variedades pelo Maria Vitória, onde desempenhou um original de revista ao lado de Florbela Queirós. Seguiu-se a passagem pelo ABC: em «Mulheres á Vela», com cuja companhia percorreu, recentemente, diversas localidades.

E, por todo o lado, o êxito foi sempre a companhia do actor.

Assim, a sua ultima actuação, agora, em publico verificou-se na passada segunda-feira, no palco do Cinema Lido, na Amadora. A assistência não estava de posse do segredo, vivido e cerrado entre bastidores: Humberto Madeira estava muito doente.

Chega-nos agora a noticia de que o prof. Lima Basto, devotado amigo do actor, o impediu de continuar no palco.

E Humberto Madeira teve, assim, de abandonar o cartaz elaborado por José Miguel para o ABC.

Por quanto tempo se manterá o seu afastamento?

Tem a palavra a mais reputada equipa médico-cirurgica do Instituto de Oncologia que tudo tentará para restituir Humberto Madeira, o «milionário do riso», aos palcos da fama, ao triunfo dos tablados. Onde (ainda) o esperamos.

O nome de Humberto Madeira ainda aparece no cartaz do A. B. C.

Coisas que mais complicam as complicações do trânsito...

PORTO, 29

A cena ocorreu numa das artérias mais centrais, a Rua de Santo António. Um automobilista pretendeu arrumar o seu carro e fê-lo numa parte daquela rua, mesmo junto a uns «mecos» ali colocados para indicarem a proíbição de estacionamento — já que das placas elucidativas dessa proíbição ninguém faz caso.

O automobilista esqueceu-se, porém, de guardar a distancia devida para a circulação dos carros eléctricos. E não tardou a formar-se uma «bicha» enorme de «eléctricos» e de «tróleis», que ia por aquela rua e pela Praça da Liberdade, pelos Clérigos e pela Praça Almeida Garrett. Juntou-se gente em elevado numero, aglomeraram-se funcionários do Serviço de Transportes Colectivos e, naturalmente, polícias. A pulso ninguém quis desviar o automóvel, até porque, a dar-se algum desarranjo, haveria que apurar responsabilidades.

Ao cabo de muito tempo, foram requisitados os serviços mecanicos da P. S. P., e ali apareceu um «jeep» com pessoal e um «macaco» de rodas, manual. O carro, apoiado no «macaco» e puxado pelo «jeep» saiu do seu lugar, e foi removido para a faixa esquerda, onde permaneceu ainda durante horas, até á altura em que o dono o foi buscar. E, claro, este ficou surpreendido ao vê-lo parado no lado contrário áquele onde o deixaria! Já não se surpreenderá, talvez, quando lhe aparecer a respestiva multa...

Isto faz lembrar o que se passa em todos os países no que se concerne a casos semelhantes. Logo de manhã, vão para locais nas proximidades das zonas centrais umas gruas montadas em «jeeps», puxando estes dois pneus ligados em dispositivos nos quais podem ser apoiados os automóveis. E todo aquele que esteja fora das regras de estacionamento é levado pela grua para locais próprios, normalmente para fora da cidade. E os donos, além da multa, têm de pagar as despesas com as gruas. E as infracções não são muito vulgares!

As festas académicas da «Queima das Fitas»

Um juri constituido pelos srs. arquitecto Albino Baganha, José Feijó e pelos componentes da comissão de propaganda das festas académicas da «Queima das Fitas» seleccionou, de entre cerca de centena e meia de trabalhos, o cartaz de propaganda das mesmas festas.

O primeiro prémio (1500$00) foi atribuído a José Manuel Rodrigues (Elan), de Lisboa.

O EMBAIXADOR DO URUGUAI entregou credenciais

No Palácio de Belém, o sr. Presidente da República recebeu, hoje de manhã, em audiência solene, o novo embaixador do Uruguai no nosso País, sr. Filipe Amorin Sanchez, que lhe fez entrega das respectivas credenciais.

O sr. Filipe Amorin Sanchez, chegou ás 11 horas ao Palácio de Belém. Na Sala das Bicas, onde se perfilavam soldados também da G. N. R. de espada desembainhada o sr. comandante Guilherme Tomás, ajudante de campo do sr. almirante Américo Thomaz, recebeu o novo diplomata e sua comitiva e introduzi-o na sala Luís XV, onde o sr. Presidente da Republica o recebeu, encontrando-se presentes os srs. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador José Luís Archer e dr. Luís Pereira Coutinho, secretários-gerais daquele departamento do Estado e da Presidência da Republica; general Humberto Pais, chefe da Casa Militar e tenente-coronel Freitas do Amaral e comandante Benvindo da Fonseca, oficiais ás ordens do Chefe do Estado.

Ao proceder á entrega das cartas que o acreditam como embaixador junto do nosso Governo, o sr. Filipe Amorin Sanchez, dirigiu saudações ao Chefe do Estado que agradeceu.

O cartaz da Queima das Fitas da Universidade do Porto

Malograram-se as esperanças quanto a um filtro superseguro para fumadores de cigarros

WASHINGTON, 29 — (R.) — Devido a um relatório publicado, a noite passada nesta capital, pela Comissão de Comércio do Senado, dissiparam-se as esperanças de conseguir um filtro superseguro para fumadores de cigarros.

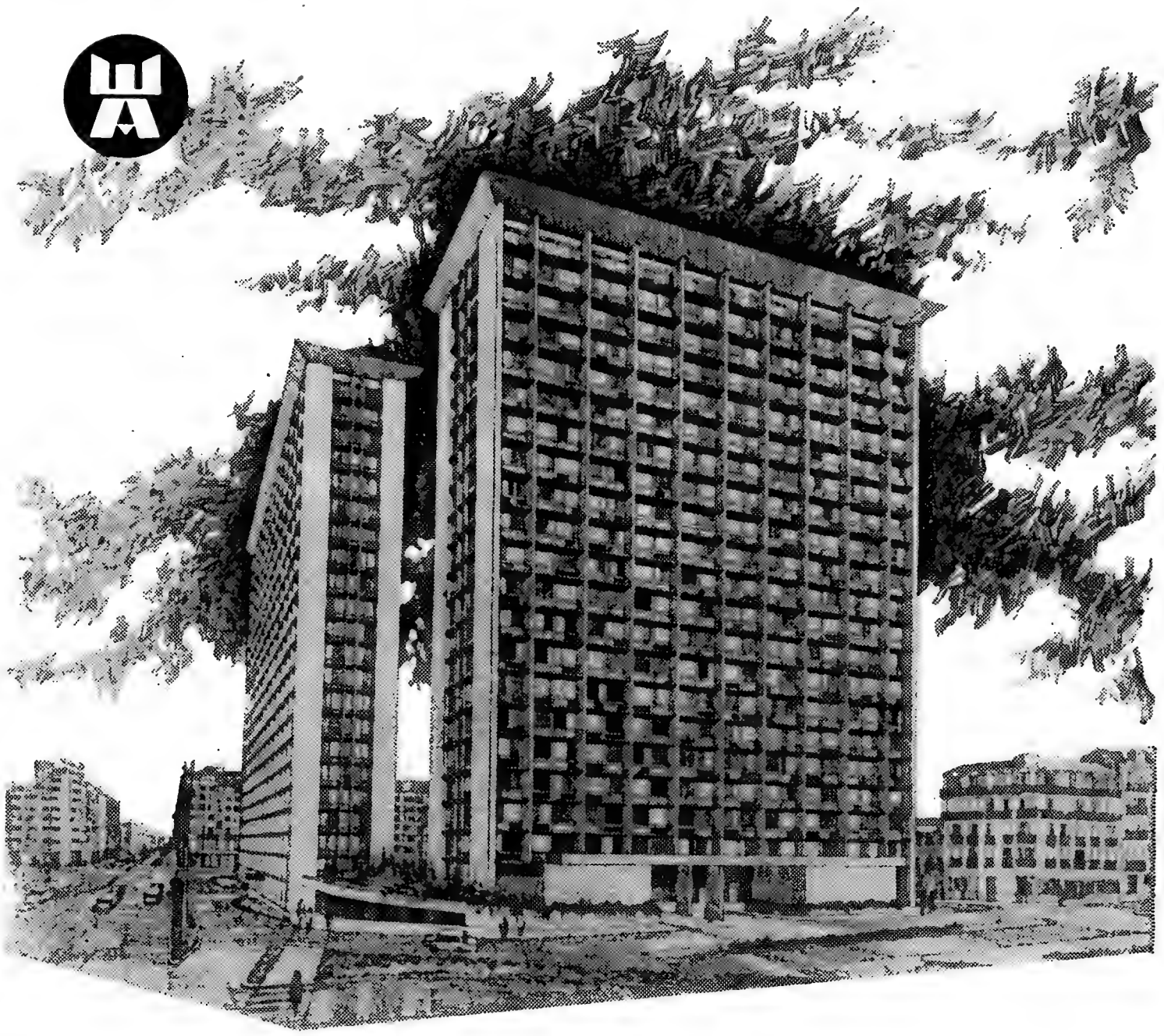
No ano passado, o farmacêutico L. Strickman, de 56 anos, afirmou que o seu novo filtro ajudava a reduzir a absorção, ao fumarem-se cigarros, de agentes causadores do cancro.

Disse ainda que o seu filtro reduzia os alcatrões absorvidos em elevado grau pelos pulmões dos fumadores.

Contudo, a noite passada, o presidente da comissão do Senado, o senador Warren G. Magnuson, democrata por Washington, declarou que sancionava as conclusões da Universidade de Columbia, de Nova York — que adquirira a patente do filtro — de que o denominado filtro revolucionário Strickman era menos eficaz do que alguns filtros já á venda.

Ontem, a Universidade de Columbia afirmou que cometera um erro bem intencionado quando chegou a acordo no ano passado para adquirir os direitos de patente do filtro.

edifícios AVIZ



PERSPECTIVA DO BLOCO 'B'
CUJA CONSTRUÇÃO FOI JÁ INICIADA

«A aquisição de bens imobiliários foi sempre, no decorrer do tempo, a forma mais segura e mais rápida de valorizar o dinheiro.»

No caso especial dos 'Edifícios Aviz', essa valorização atinge proporções jamais verificadas.

Tecnical
R. Rodrigues Sampaio, 146 · 3.º · D.to
Telefone 53 51 11 · 53 51 14 · LISBOA

Artes plásticas

Manuel Cargaleiro vai expor na Galeria Dinastia

Ná Galeria Dinastia, á Rua da Escola Politécnica, 183, vai ser inaugurada na próxima segunda-feira, ás 22 horas, uma exposição do artista Manuel Cargaleiro.

A exposição de Cargaleiro compreende óleos e guaches, estando a despertar considerável interesse nos meios artísticos lisboetas.

Carlos Ràmos na S. N. B. A.

Nas saletas de entrada da S. N. B. A. abre ao publico, amanhã, sábado, a exposição do pintor conimbricense Carlos Ramos. A exposição ficará aberta ao publico durante uns dias.

A retrospectiva de Eduardo Viana

Ainda se não encontra marcado o dia para a abertura da grande exposição retrospectiva de Eduardo Viana, num dos salões do S. N. I.

O salão encontra-se presentemente em obras, não devendo essa exposição ser inaugurada antes de meados do mês de Março. Assiste á inauguração o sr. Presidente da Republica.

A exposição de Conduto

Continua aberta na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes a exposição de novos trabalhos do escultor Fernando Conduto, a qual pode ser visitada, todos os dias, das 14 ás 20 horas.

Professora americana deseja correspondentes

Uma professora reformada norte-americana pede, através do «Diário de Lisboa», pessoas que queiram corresponder-se com ela, em inglês.

«Meu marido e eu temos muitos amigos, mas nenhum em Portugal», escreve a sr.ª Nellie Cudeback, que revela gostar de música, leitura e viajar.

A idade, religião, educação e situação económica não são obstáculos á troca de correspondência.

Quem desejar, pois, escreva para:
Mrs. C. W. Cudeback
2138 E, 39th St.
Ashtabula, Ohio 4404
U. S. A.

O 165.º aniversário do Colégio Militar

No sábado, o Colégio Militar comemora o 165.º aniversário da sua fundação, com um desfile na Avenida da Liberdade, ás 10 horas; missa no Mosteiro dos Jerónimos, ás 12 e 30; e, ás 16 e 30, formatura no Largo da Luz.

Não se efectuarão manifestações desportivas pelas classes da Associação dos Antigos Alunos nem o tradicional jantar de confraternização no refeitório do colégio, em virtude do muito recente falecimento do director, também antigo aluno.

ATOMICAUTO
RUA TOMÁS RIBEIRO, 6-C

Renault R 10	1967
Taunus 12 M — 2 p.	1963
Taunus 12 M — 2 p.	1963
Volkswagen 1500 S	1963
Austin 850	1965
Austin 850	1962
Sovam (Novo)	—
Chevrolet — Sting Ray	1965

Todas estas unidades são vendidas c/ certificado de garantia. Grandes facilidades de troca e pagamento.

CARRO ROUBADO
MORRIS 850 GI-28-37
Agradece-se qualquer informação pelo telef. n.º 713220

DUVIDAMOS QUE V. ENCONTRE MAIS BARATO, PORQUE NINGUÉM VENDE MAIS BARATO DO QUE A Bardo
SE ENCONTRAR, PROVE!

FRIGORÍFICOS
PHILCO, GENERAL ELECTRIC, BOSCH, FRIGIDAIRE, KELVINATOR, FRIMATIC, PHILIPS, PRINCE ROYAL, ETC, ETC

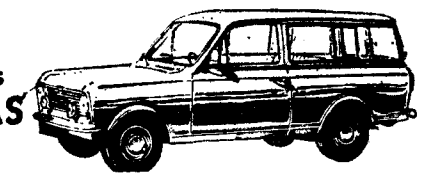
TELEVISORES
NÓRDMENDE, PHILIPS, TELEFUNKEN, GRUNDIG, PONTO AZUL, PRINCE ROYAL GENERAL ELECTRIC, PHILCO, SIEMENS PYE, TOPRANK, EKCO, ETC ETC

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA - MÁQUINAS DE LAVAR LOUÇA - BATEDEIRAS FOGÕES - ESQUENTADORES - PANELAS DE PRESSÃO - ASPIRADORES - ENCERADORAS - CANDEEIROS - RÁDIOS RADIOGRAMOFONES - GIRADISCOS GRAVADORES, ORGÃOS ELECTRÓNICOS ALTA FIDELIDADE - SOFÁS-CAMA, POLTRONAS, ALCATIFAS E CARPETES COLCHÕES E ALMOFADAS, ETC. ETC.

GANHE EM TUDO E POR TUDO, COMPRANDO NA Bardo
5 LOJAS À SUA DISPOSIÇÃO
AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57
AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1º DE MAIO, 146 (S amaro)

GANHE NO PREÇO — a pronto ou a prestações sempre as melhores condições
GANHE NA ENTRADA — SEM NENHUMA ENTRADA MESMO! começa a pagar um mês depois da compra!
GANHE NO PRAZO — ANOS PARA PAGAR!!! o prazo mais longo! o mais facil! o mais barato!
GANHE NAS CONDIÇÕES — vendas a prazo com encargos mínimos!

BEDFORD

CAMIÕES DE TODAS AS TONELAGENS
FURGONETAS DE TODOS OS TIPOS

CABINES NORMAIS E AVANÇADAS
PESOS BRUTOS DE 3500 KG A 15 000 KG
CARGAS APROX. DE 1500 KG A 10 000 KG
CAIXAS DE CARGA DE 2,92 M A 7,39 M
FURGONETAS DE 300 A 900 KG DE CARGA
AUTO-INDUSTRIAL GM
LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 28 51 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 33 96 — CALDAS DA RAINHA

DINHEIRO
PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juro da lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2º TELEF. 369384

MINISTÉRIO DA MARINHA

DIRECÇÃO-GERAL DA MARINHA

Concurso para admissão de dactilógrafos

Faz-se público pelo espaço de 30 dias a contar de 10 do corrente, se encontra aberto concurso, nesta Direcção-Geral, para o preenchimento de vagas de dactilógrafos do quadro do pessoal civil, bem como das que ocorrerem nos próximos dois anos. A esta categoria que é de ingresso no grupo «Pessoal de Secretaria», corresponde o vencimento mensal ilíquido de 1500$00, acrescido do subsídio de 330$00.

Esclarece-se que a este concurso podem candidatar-se indivíduos de ambos os sexos. Todavia, qualquer que seja o número de indivíduos do sexo feminino aprovados, não poderão ser preenchidas por concorrentes desse sexo mais do que dez vagas das que existam ou venham a existir dentro do prazo de validade do concurso.

As condições do concurso constam do Aviso publicado no «Diário do Governo» n.º 35, 2.ª série — de 10 de Fevereiro corrente, e encontram-se patentes na 5.ª Secção da 1.ª Repartição da Direcção da Marinha Mercante, Ministério da Marinha, Praça do Comércio, Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Direcção-Geral da Marinha, 16 de Fevereiro de 1968.

O DIRECTOR-GERAL
a) *António Morgado Belo*
C/ Almirante

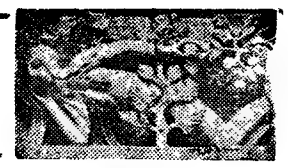
CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS

Taunus (carros de serviço) 2 e 4 portas, c/ garantia
Taunus 1500 - 1965
Taunus 12 M 1500 4 port. 1965
Taunus 1500 - 1964
Cortina — 1964
Opel Kadette — 1963
e alguns carros de serviço
Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno
Rua João Saraiva, 15 (Alvalade)
Ford

VULCAIN
RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

DIÁRIO DE EVA



—ENTÃO SURGIU O MEU GRANDE DESEJO: INSTRUIR-ME!

Venham comigo e conheçam gente! Dispam-se das frases e pensamentos de espantar rapariga de olho na foto-novela e venham bisbilhotar mulher vestida de dignidade e querer. «Venham curvar-se para colher flores». Flores. Mulheres. Homens nascidos apesar de tudo...

Plantem aqui a vossa vontade de transformar mundo. Nestas mulheres...

Mulher nada diferente de qualquer mulher. Um filho para educar. Verbos para decorar e redacções a fazer. Uma ânsia de tornar a sua cara bonita procurando em qualquer sítio um objecto de encantar: flores, coisas velhas, nacos de coisas só por ela sentidas...

A MINHA MAIOR AMBIÇÃO

Qual a minha maior ambição? Nunca ninguém me fez tão a sério esta pergunta; eu própria raramente a faço a mim mesma. Até talvez seja esta uma das únicas vezes que me interrogo exigindo de mim uma resposta.

Provàvelmente por ter levado, até certa altura, uma existência cheia de dificuldades e demasiado humilde nunca tive ambições? E como vivi sempre com a minha mãe que era uma pessoa extremamente medrosa do futuro, pelas dificuldades que passou, ela nunca me soube incutir no espírito: EU QUERO.

Assim, tanto na infância como na adolescência nunca desejei algo que não fosse com um medo enorme de não vencer, então vivi sempre o dia a dia sem pensar muito no futuro. Quer dizer, eu tinha de facto um desejo era de ser uma boa modista, não sei se o consegui porque a certa altura (já mulher) esse trabalho deixou de me seduzir. Sentia-me cada dia que passava mais ignorante aturando gente que nada me dizia da vida, só exigiam e diziam banalidades. Então surgiu o meu grande desejo — instruir-me, deixar aquele trabalho que me prendia dias e dias, ali entre paredes e a gente que eu já não admirava.

Decidi pois deixar todo o mundo dos trapos e agarrar-me desta vez a um livro com uma ideia fixa. Aprender. Se pouco sei, tenho a certeza que sei muito mais do que sabia. E agora tenho uma ambição: instruir-me e tirar um curso.

Redacção de Fernanda de Campos, aluna da Escola Comercial do Barreiro. Mulher de operário. Tem um filho de cinco anos e «medo de não conseguir emprego com a idade que tem».

Recolhido por

JOÃO DE MATOS MADEIRA

Ela tinha talento...

III

Depois destas discussões, competia ao personagem-masculino a iniciativa da reconciliação. Ele era patético na sua consciência de nada poder fazer. Teresa sentia-o e sentia um amor imenso apertar-lhe a garganta. Ele sofria com tudo isto. Não tinha culpa de tudo se passar assim. Tinha tido culpa ao princípio, por ter gostado dela. Mas isso também ela tinha tido, por ter gostado dele. Ele também não tinha culpa ao teimar estùpidamente no facto de ela ter talento. Só ela verdadeiramente podia entrar dentro de si própria e perceber a ilusão monstra que era o seu talento. Não tinha talento nenhum.

Sabia-o definitivamente. No entanto, para ele era além de cómodo (tendo ela talento, podia-se libertar de bicho doméstico, sem mais modificações grandes na vida comum), fácil de acreditar, pois que ele nunca tinha sabido acreditar verdadeiramente no que ela dizia. Ele julga-me um pouco louca. Acredita que a minha insatisfação é doentia. Tem pena de mim. E a Teresa tinha uma vontade enorme de o beijar, de lhe pedir que não ficasse mais triste. Que não tivesse pena. Que acreditasse que era maldade o teimar em enaltecer-lhe o talento. Que isso a magoava tanto, pois ela sabia tão bem que não havia nada lá dentro senão um desejo de luta, completamente desligado de qualquer ideal artístico ou estético. Ele devia primeiro que tudo acreditar na sua lucidez. Se ele acreditasse talvez fosse mais fácil. Ele não acreditava, no entanto. Nada havia a fazer, senão seguir o autor. E o autor dizia que a vida continuava igual, que eles podiam continuar, como se nada tivesse acontecido. Eles seguiam à risca o texto, despiam as máscaras e voltavam à vida anónima. Até à nova representação. *(Continua)*

MARIA TRIGOSO

Este bonito vestido é todo de renda e foi inspirado no tradicional vestido de noiva mexicano...

NOVO SUBSTITUTO PARA O LEITE MATERNAL

A primeira usina industrial no mundo para filtragem com gel, substancia formada pela coagulação de um líquido coloidal, vai entrar dentro em pouco em operação na cidade sueca de Götene, onde se encontram as principais instalações do fabricante de alimentos Semper. O sistema de filtragem até agora utilizado apenas em escala de laboratório, servirá para a produção de um novo substituto para o leite maternal, Allomin 40/60.

O novo produto contém cerca de 1,5% mais de caseína e proteínas de soro que o leite maternal, mantendo o mesmo conteudo de sais, 0,2%

O soro, matéria-prima usada no processo, tem uma alta percentagem de sais, que são eliminados pela filtragem de gel, neste caso Sephadex, um substituto para o plasma de sangue. A substancia filtrante evita a passagem das pequenas moléculas, enquanto deixa passar, com maior rapidez, as moléculas maiores. Desta maneira, as moléculas grandes das proteínas são separadas entre outras coisas, dos sais de sódio e potássio.

Um litro de Allomin 40/60 contém 675 calorias, ou seja, o mesmo que o leite maternal. O unico hidrato de carbono no produto é a lactose e as vitaminas são misturadas segundo os níveis indicados pelo Instituto de Saude Publica da Suécia. Além disso, acrescenta-se uma certa dose de vitamina D.

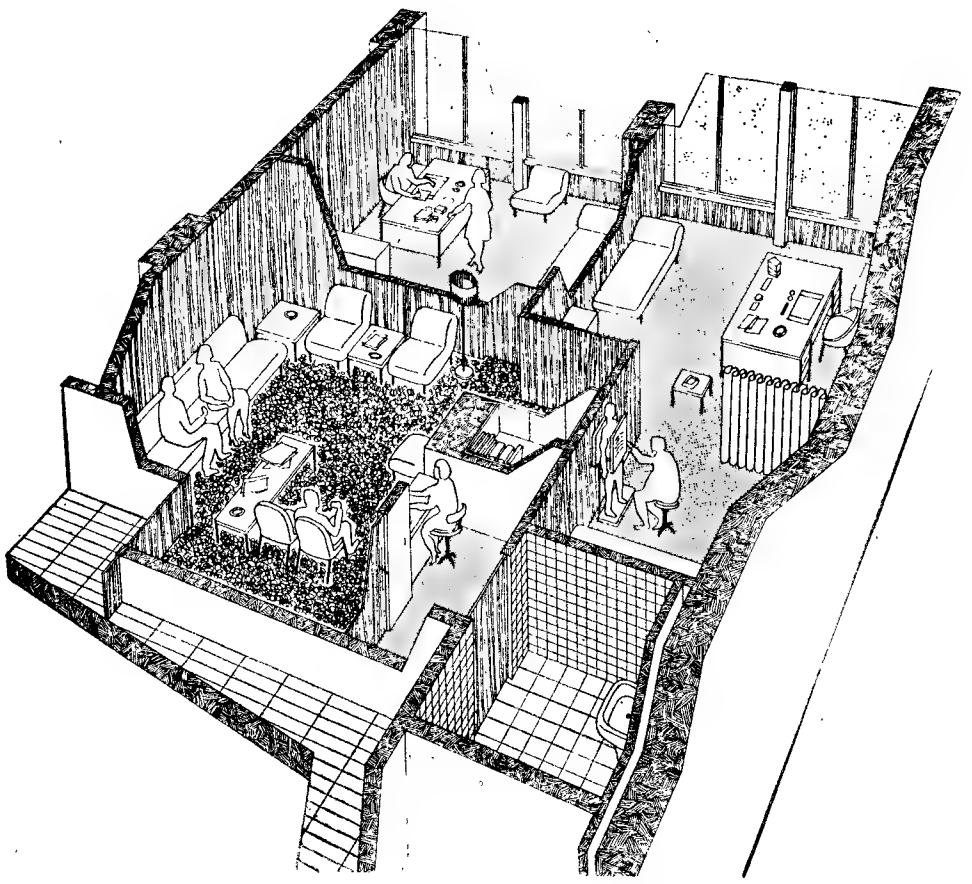
Segundo a Semper, o novo substituto do leite maternal deve ser lançado no mercado em Abril ou Maio próximos.

PROPRIEDADE HORIZONTAL NOS

edifícios AVIZ

A MELHOR APLICAÇÃO DE CAPITAL!

ESCALA 1.100



Exemplo de um consultório médico de

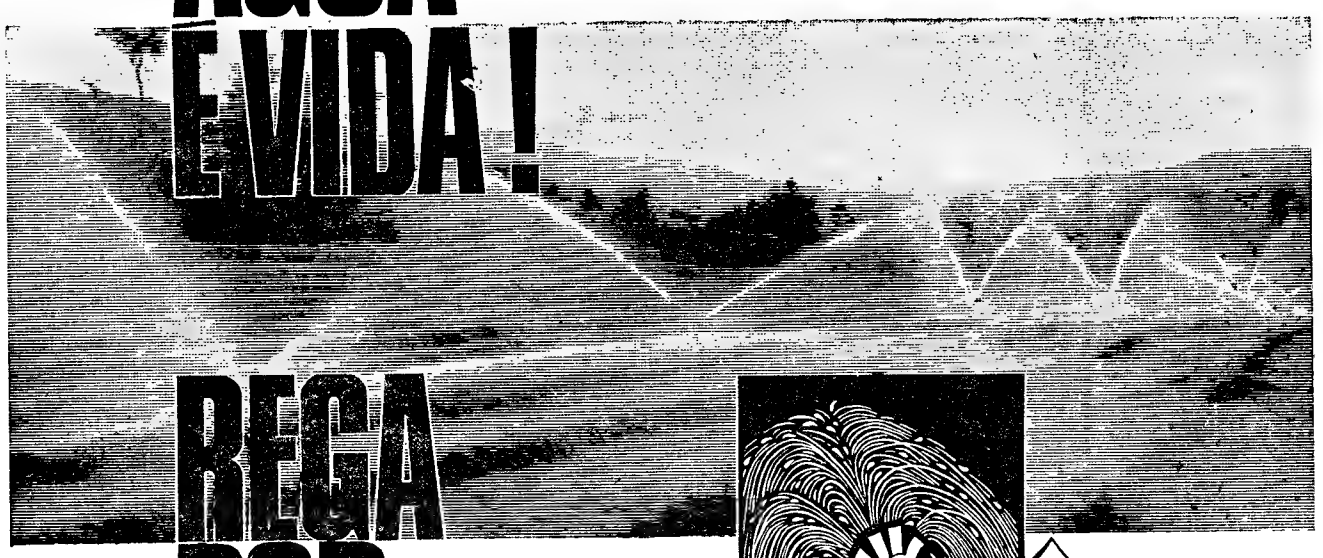
680.000$00

Tecnical

R. Rodrigues Sampaio, 146 · 3.º · D.to

Telefone 53 51 11 - 53 51 14 - LISBOA

ÁGUA É VIDA!



REGA POR ASPERSÃO

MANTENHA O VIÇO DOS SEUS CAMPOS COM CHUVA ARTIFICIAL. DINAMIZE A AGRICULTURA E GANHE DINHEIRO A REGAR, A REGAR...

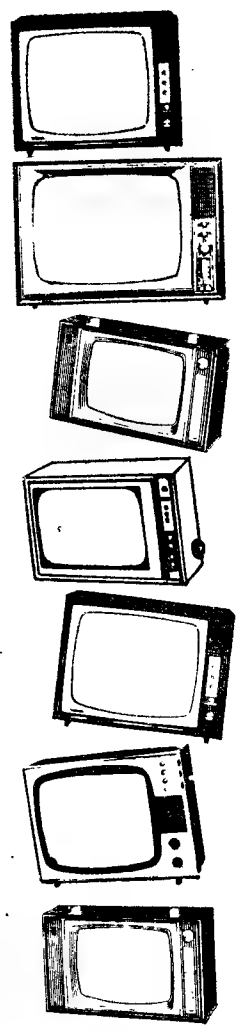
ESTUDO, PROJECTO E INSTALAÇÃO POR GABINETE TÉCNICO ESPECIALIZADO.
ASSISTÊNCIA PERMANENTE QUANDO E ONDE QUISER.

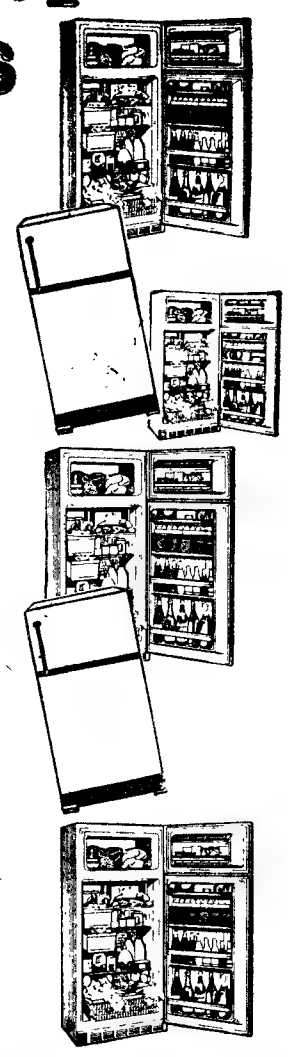
J. J. GONÇALVES SUCRS. S. A. R. L.
AO SERVIÇO DA LAVOURA
AV. ELIAS GARCIA N.º 123 TEL. 77 91 91 / 2 / 3

68-ra-01

MONUMENTAL LIQUIDAÇÃO

DE TELEVISORES E FRIGORÍFICOS





Um grupo de estabelecimentos retalhistas de Lisboa liquida a **preços abaixo do custo** centenas de modelos de 1967, a fim de lançar em breve as suas novas linhas de 1968.
Trata-se de unidades rigorosamente novas, com as garantias habituais dadas pelos respectivos representantes das marcas.
Uma autêntica parada das melhores marcas do mundo, nas suas linhas do ano passado, que, em alguns casos, pouco diferem dos modelos de 1968.

TELEVISORES

EKCO - GENERAL ELECTRIC - GRUNDIG - IMPERIAL - LOEWE OPTA - NORDMENDE - PHILCO - PYE - PHILIPS - PONTO AZUL - RCA - SCHAUB LORENZ - SIEMENS - SYLVANIA - TOP RANK

FRIGORÍFICOS

BAUKNECHT - BOSCH - FIAT - FRIGECO - FRIGIDAIRE - FRIMATIC - GENERAL ELECTRIC - INDESIT - KELVINATOR - LINDE - NORGE - PHILCO - PHILIPS - SIEMENS - WESTINGHOUSE

Esta liquidação durará apenas 15 dias e é rigorosamente limitada ao stock actual de cada um dos modelos.

OS PRIMEIROS A CHEGAR ESCOLHERÃO MELHOR!

Rua Lucinda Simões n.º 9-A (em frente ao Mercado de Arroios, à Praça do Chile)

TODOS OS DIAS DAS 9 ÀS 19 HORAS

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate, na província de Angola, o alferes miliciano António Joaquim Moura Cavaco, natural de S. Estêvão, concelho de Benavente, e filho do sr. António Porfírio Cavaco e da sr.ª D. Hermínia Gertrudes de Moura Cavaco. Tinha 23 anos e seguira para a mesma província há cerca de dez meses, sendo sua unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria 7. Estava a prestar serviço num batalhão de Cavalaria em campanha e granjeara justa admiração e estima dos superiores, camaradas e subordinados pelas suas qualidades militares e pessoais.

PUBLICAÇÕES

«BOLETIM DOS PORTOS, CAMINHOS DE FERRO E TRANSPORTES DE MOÇAMBIQUE» — N.º 11. Informações pormenorizadas sobre o aproveitamento de Cabora-Bassa e os diversos portos daquela província.

«BOLETIM DA CÂMARA DOS DESPACHANTES OFICIAIS DE ANGOLA» — N.º 44.

«BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DE ANGOLA» — Número de 13 de Fevereiro.

«BOLETIM DO LABORATÓRIO DE ENSAIOS DE MATERIAIS E MECÂNICA DO SOLO» — N.ºs 3 e 4.

«BOLETIM TRIMESTRAL DE INFORMAÇÃO», da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos — N.º 27.

«BULLETIN DES COMMUNAUTÉS EUROPÉENNES» — Número de Janeiro. Do sumário: «O pedido de adesão da Inglaterra à Comunidade»; «Resultados das negociações comerciais do Kennedy Round», etc.

«BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO» — N.º 47.

«COMPTE RENDU SOMMAIRE», do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento, da Sociedade Financeira Internacional e da Associação Internacional de Desenvolvimento. Assembleias anuais de 1967 dos Conselhos de Governadores, Rio de Janeiro, Setembro.

Cozinhados dum sabor maravilhoso...

São fáceis de preparar (e depressa) numa panela de pressão DUROmatic, porque a duração do cozimento é tão curta que os alimentos conservam assim todos os valores nutritivos e os sais minerais, indispensáveis à saúde. A DUROmatic é a mais económica e a mais segura panela de pressão!

A panela de pressão milagrosa

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE ARTIGOS DOMÉSTICOS

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

NECROLOGIA

(Continuação da 8.ª página)

Outros estudos de temas da história eclesiástica, dispersos por jornais, e obras diversas, atestam, igualmente, o seu valor e a sua vincada personalidade, méritos revelados, ainda na eloquência do orador e como autor de conferências. Pertencia á Academia Portuguesa da História e, como um dos fundadores do Centro de Estudos de História Eclesiástica, fora eleito presidente da comissão organizadora e encarregado da direcção da sua revista «Lusitania Sacra». Colaborou nas enciclopédias alemãs «Lexikon der Marienkunde» e «Lexikon fu Theologie and Kirche». Em Junho de 1954, o Papa Pio XII nomeou-o seu prelado-doméstico, com o título de monsenhor.

Filho de Jacinto de Oliveira e de D Rosa Maria de Jesus, era irmão dos srs. dr. José Agostinho de Oliveira, Manuel Augusto e José Maria de Oliveira; e das senhoras D Maria do Carmo, Ana Custódia e Maria José de Oliveira, esta casada com o sr. Herculano Henriques.

O ataúde com os restos mortais de mons. Miguel de Oliveira sai, ás 5 horas de amanhã, daquele templo para Válega, onde, ás 10, se realiza o funeral para o cemitério da localidade.

À família enlutada, e ao nosso prezado colega «Novidades», apresentamos sentidas condolências.

Padre Honorato Rosa

Às primeiras horas de hoje faleceu, na Casa de Saúde das Amoreiras, o padre Honorato Rosa, conhecido sacerdote e pedagogo.

O padre Honorato Rosa, que tinha 48 anos, dera no domingo, entrada naquele estabelecimento hospitalar, depois de se ter sentido subitamente indisposto, devido a uma congestão

Natural de Sobral da Lapa, concelho de Óbidos, o ilustre sacerdote era muito conhecido e estimado nos meios académicos, pois fora professor dos seminários de Almada e dos Olivais, além de ter leccionado História do Cristianismo na Faculdade de Letras de Lisboa. Actualmente era director do Instituto de Serviço Social e professor de Filosofia do Instituto Superior de Cultura Católica.

O padre Honorato Rosa era sacerdote há 24 anos, período durante o qual teve oportunidade de afirmar as suas excelentes qualidades docentes e a sua vasta cultura, em especial referida aos domínios da Filosofia, Sociologia e Serviço Social.

Pouco depois da sua morte, o corpo do padre Honorato Rosa foi transferido para o Seminário dos Olivais, onde turnos de padres professores e seminaristas, além de seus pais, sr. Joaquim Gomes Rosa e D. Maria da Nazaré Rosa, velaram o corpo.

Esta manhã, ás nove, dez, onze horas e meio-dia, foram rezadas missas de corpo-presente, tendo comparecido no seminário o bispo de Telepete, D. Manuel Falcão, que, em nome do cardeal-patriarca de Lisboa e em seu próprio, pois foi aluno do falecido, apresentou condolências.

O funeral sairá amanhã, ás 10 horas, da capela do Seminário, sendo precedido de ofícios e missa de corpo presente.

FUNERAIS

Tenente Alfredo Martins

Da casa mortuária do Hospital da Marinha, saiu hoje, de manhã, para jazigo, no cemitério do Alto de S. João o funeral do tenente da Armada sr. Alfredo Martins, que foi cunhado do nosso querido e saudoso director dr. Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa».

Nele se encorporaram numerosos antigos camaradas e amigos, entre os quais o seu sobrinho eng.º Pedro Lefèvre Manso, membro do conselho de administração da Renascença Gráfica.

Comandante Jose Manuel Machado

Saiu, com grande acompanhamento, da igreja do Campo Grande para o cemitério do Alto de S. João, o funeral do sr. capitão-de-mar-e-guerra, engenheiro maquinista naval José Manuel Machado, que faleceu na sua residência.

Prestigioso oficial da Armada, possuia brilhante folha de serviços, distinguidos com expressivos louvores e condecorações, incluindo o oficialato da Ordem Militar de Avis, medalha militar de comportamento exemplar, medalhas da Vitória e das Campanhas do Exército Português, etc. Durante 48 anos exerceu elevados cargos na Companhia das Águas de Lisboa, e fora agraciado, recentemente, com o grau de comendador da Ordem de Mérito Industrial.

O comandante José Manuel Machado, que contava 81 anos, deixa viuva, a sr.ª D. Maria da Piedade Silveira Machado, era pai das sr.as D. Branca Maria Machado Diogo e D. Maria Manuela Silveira Machado; avô do sr. tenente da Armada José António Machado Diogo, casado com a sr.ª D. Maria Madalena Calhau Machado Diogo e da sr.ª D. Maria Hortense Machado Diogo Rebelo de Faria, casada com o sr. eng.º João Caetano Rebelo de Faria.

Manuel dos Santos

VILA FRANCA DE XIRA, 29. — Ficou sepultado no cemitério local o sr. Manuel dos Santos, mais conhecido por «Manuel Preto», que faleceu no hospital desta vila.

Natural do Pará (Brasil), contando 82 anos, veio, aos 14, para Portugal na companhia do antigo cavaleiro tauromáquico José Bento de Araujo e do ganadeiro José de Lacerda Pinto Barreiros, que o manteve durante 35 anos, ao seu serviço, na propriedade da Quinta da Marquesa, no Carregado. Seduzido pela «festa brava», dedicou-se ao tourelo e actuou como cavaleiro amador em todas as praças do País, com o nome artístico de «El Africano». Veio depois residir nesta vila onde, por muitos anos, foi uma figura popular.

SUFRÁGIOS

Dr. Manuel Caeiro Carrasco

Mandada celebrar por sua família, reza-se missa do 7.º dia por alma do sr. dr. Manuel Caeiro Carrasco, amanhã, ás 11 e 30, na igreja de S. Sebastião da Pedreira.

Emissão de obrigações da União Eléctrica Portuguesa

Por portaria do ministro das Finanças, foi a União Eléctrica Portuguesa, S. A. R. L., autorizada a emitir 25 000 obrigações do valor nominal de 1000$00 cada uma, em título de 1, 5, 10, 50 e 100 obrigações, ao juro anual de 6 por cento, pagável semestralmente em 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano, com início em 1 de Julho do ano corrente, correspondendo ao tempo de efectivo desembolso dos obrigacionistas.

A autorização concedida para a emissão é válida por 90 dias e as amortizações serão feitas pelo valor nominal, semestralmente e por sorteio, nas mesmas datas dos pagamentos de juros.

É concedida a isenção total do imposto complementar e a redução a metade do imposto de capitais.

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

Concurso para a exploração de lojas nas estações do Cais do Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril

1 — Até às 16 horas do dia 11 de Março próximo, aceitam-se propostas, em separado, para a exploração por 5 anos, com opção nos seguintes, de lojas nas estações do Cais do gabinetes dos chefes das estações do Estoril e Cascais.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1968
Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente, das 8 às 24 horas, na Consigne da estação do Cais do Sodré e nos

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A (4 linhas) 4 31 89 66 27 72 - 28 00 22

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital 250 000 contos

Sede — Rua do Comércio, 85 — Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A pedido da Administração, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 5 de Abril p. f. pelas 15 horas na sede da Associação Comercial de Lisboa — Rua das Portas de Santo Antão, 89 — com a seguinte ordem do dia:

Discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1967.

A esta Assembleia só poderão assistir os accionistas que estiverem nas condições estipuladas no art.º 21.º dos Estatutos.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1968.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBEEIA GERAL
a) *António Augusto da Serra Lopes*

†

ANGEL REGOJO RODRIGUEZ

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Consuelo Fernandez Alfaya Concepcion Regojo Ucha, Cecílio Fernandez Fernandez e filhos, Maria do Rosário Regojo Ucha dos Santos, Orlando Neves dos Santos e filhos, irmãos, sobrinhos, cunhados e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, tio, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza no sábado, dia 2, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus (capela A), onde ficará depositado a partir das 21 horas de amanhã, dia 1, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, realizando-se no dia 2, pelas 9 horas, missa de corpo presente.

AGÊNCIA GIL

†

Angel Regojo Rodriguez

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

CONFECÇÕES J. R. RODRIGUEZ, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar aos seus estimados amigos, Clientes e Fornecedores, o falecimento do seu Director, Sr. Angel Regojo Rodriguez, e que o seu funeral se realiza no dia 2, pelas 10 h., da Igreja de S. João de Deus, (capela A), onde ficará depositado a partir das 21 horas de amanhã, dia 1, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, realizando-se, no dia 2, pelas 9 horas, missa de corpo pre[illegible]

AGÊNCIA GIL

AGÊNCIA GIL

†

Angel Regojo Rodriguez

FALECEU

GRANDES ARMAZÉNS DE S. ROQUE (A. REGOJO RODRIGUEZ, L.DA), cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus Clientes, Amigos e Fornecedores o falecimento do seu sócio-gerente, sr. Angel Regojo Rodriguez, e que o seu funeral se realiza no dia 2, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus, onde ficará depositado a partir das 21 horas do dia 1, para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA GIL

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 50 — LISBOA — CAPITAL SOCIAL: 630 000 000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Comunica-se aos Snrs. Obrigacionistas que, conforme avisos publicados na Imprensa de 6 do corrente mês de Fevereiro, foram sorteados os títulos a seguir mencionados, os quais serão reembolsados a partir do dia 1 de Março próximo.

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números.

OBRIGAÇÕES DE 4% — 1949/1969

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

121	2201	2241	2641	4781	4901	6161	7861	8221	9281	10101	11321	17321
481	2221	2261	2681	4861	6001	6721	8141	8301	9881	10661	11821	—

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

17601	19041	20551	20841	21871	23411	24141	25571	26821	27171	28171	29471	—
17611	19591	20611	21091	22131	23541	24551	25971	27021	27701	28921	29971	—
18751	20371	20631	21561	22581	23551	25321	26381	27111	28061	29281	—	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

29906	31011	32796	31416	36486	38196	39651	40811	42516	43696	44876	45616	—
29956	31446	33236	34506	37121	38236	39656	40816	42651	43771	45056	45696	—
30206	31501	33261	34806	37186	38406	39781	40956	42851	43866	45211	45791	—
30276	31911	33336	35086	37356	38856	39921	41116	42876	43901	45261	46226	—
30486	32141	33621	35156	37481	39156	39926	41516	43231	43906	45151	46291	—
30606	32366	33721	36166	37871	39301	40511	41836	43406	44111	45516	46336	—
30626	32696	33871	36171	37961	39321	40651	41846	43486	44451	45526	46311	—
30806	32726	34371	36176	38106	39591	40801	41871	43691	44521	45536	—	—

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

46496	47828	48951	49980	50685	51597	52608	53625	54756	56052	57023	57949	59856
46674	47834	48952	49986	50733	51599	52651	53646	54776	56087	57036	57950	59413
46686	47846	48957	49999	50736	51623	52753	53693	54781	56092	57040	58018	59440
46695	47868	48962	50010	50752	51629	52793	53717	54793	56123	57060	58062	59454
46699	47876	48973	50027	50786	51683	52816	53779	54879	56127	57071	58077	59477
46730	47888	48990	50067	50812	51706	52868	53783	54905	56211	57092	58078	59532
46743	47911	49014	50084	50827	51758	52902	53862	54963	56226	57119	58086	59543
46779	47960	19033	50085	50841	51785	52908	53864	55138	56254	57185	58098	59625
46819	48000	49038	50103	50848	51816	53056	53911	55184	56359	57197	58103	59679
46867	48017	49061	50137	50893	51863	53059	53963	55263	56396	57202	58144	59687
46870	48050	49128	50160	50923	51865	53083	53985	55354	56408	57206	58216	59694
46984	48064	49221	50203	50968	51866	53113	53962	55382	56463	57212	58237	59720
47014	48079	49265	50227	50989	51872	53116	53999	55400	56481	57244	58255	59798
47036	48098	49274	50233	50995	51934	53145	54019	55476	56491	57334	58282	59810
47077	48101	49278	50249	51022	51990	53218	54058	55482	56605	57503	58329	59893
47125	48112	49368	50302	51029	52060	53224	54146	55510	56640	57511	58355	59894
47217	48165	49428	50305	51044	52090	53257	54151	55551	56650	57569	58593	59904
47221	48168	49448	50334	51090	52091	53291	54158	55564	56674	57578	58685	59944
47238	48218	49509	50370	51108	52155	53330	54162	55568	56723	57586	58726	59982
47258	48267	49521	50390	51144	52166	53366	54167	55627	56757	57587	58782	—
47322	48363	49604	50414	51183	52192	53383	54187	55659	56772	57589	58954	—
47330	48428	49607	50481	51199	52206	53396	54222	55677	56803	57610	58994	—
47347	48480	49610	50492	51212	52222	53421	54245	55688	56814	57641	59066	—
47484	48518	49642	50497	51243	52245	53426	54276	55692	56839	57678	59079	—
47503	48568	49666	50527	51316	52310	53465	54310	55699	56877	57778	59093	—
47550	48642	49736	50529	51331	52328	53485	54431	55775	56938	57790	59106	—
47610	48746	49832	50547	51348	52437	53488	54455	55917	56959	57813	59116	—
47627	48775	49883	50568	51428	52479	53491	54492	55957	56965	57852	59134	—
47716	48854	49897	50585	51462	52494	53512	54517	55973	56969	57857	59216	—
47727	48872	49927	50595	51470	52587	53566	54571	55988	57010	57880	59225	—
47740	48883	49950	50602	51544	52590	53576	54733	55997	57015	57926	59333	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1954/1982

TÍTULOS DE 100 OBRIGAÇÕES

66701 67001 69601 72001 73001 85801

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

88001 88581

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

	91541	92171	93971	94291	95851	96531	96721	97671
	92151	92541	93991	94821	96121	96591	97291	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

98546	99181	100021	101581	103076	103741	104021	104571	105006	105601
98626	99606	100716	102086	103651	103761	104241	104701	105286	106096
99091	99891	100811	102531	103691	104011	104321	104921	105541	106236

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

106432	106663	107049	107276	107619	107851	108158	108345	108667	109028	109240	109841
106501	106724	107050	107345	107650	107987	108186	108424	108670	109088	109397	109862
106510	106908	107144	107415	107743	108010	108258	108472	108713	109132	109464	109891
106524	106960	107160	107566	107809	108037	108328	108620	108794	109154	109518	109944
106651	107010	107261	107588	107837	108130	108341	108642	108936	109227	109800	109992

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1955/1982

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

111141

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

112631	115781	118741	121711	124571	127841	130041	133771	136661	—
112811	115931	119101	122201	124911	128631	131221	133971	136781	—
113241	116601	120321	122241	126291	128671	132021	135691	137001	—
113341	116881	121061	122601	126971	128971	132421	135961	137171	—
114771	117531	121141	122871	127101	129171	132611	136031	137471	—
114801	118211	121221	123521	127531	129711	132731	136591	138731	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

138056	140161	141196	143676	145196	147001	148406	149651	151831	152521
139241	140121	141811	143846	145876	147381	148996	150401	151851	—
139526	140691	142316	143886	146021	147601	149071	151101	151911	—
139586	140746	142611	143996	146181	147631	149371	151111	152021	—
139786	141101	142981	144981	146271	147991	149536	151171	152431	—
140156	141176	143371	145261	146121	148226	149571	151716	152491	—

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

152561	153524	154165	154864	155345	156605	157309	158052	158685	159454
152591	153699	154259	154867	155493	156630	157318	158067	158719	159483
152652	153715	154299	154946	155526	156661	157340	158074	158822	159496
152665	153719	154306	154962	155659	156691	157363	158076	158837	159507
152752	153728	154358	155017	155731	156734	157532	158105	158863	159510
152826	153734	154369	155048	155742	156851	157542	158117	158885	159520
152872	153737	154374	155113	155855	156893	157544	158186	159006	159523
153080	153769	154411	155123	155989	156916	157564	158206	159022	159632
153128	153787	154469	155165	156009	157031	157594	158261	159036	159699
153136	153824	154470	155190	156193	157076	157716	158445	159046	159749
153195	153889	154504	155210	156243	157088	157805	158449	159156	159901
153274	153892	154582	155229	156290	157095	157830	158523	159174	159991
153303	153919	154584	155248	156321	157110	157908	158548	159176	—
153339	153974	154630	155283	156431	157176	157961	158621	159191	—
153345	153984	154692	155295	156457	157258	157993	158658	159216	—
153402	154015	154693	155312	156486	157262	157996	158660	159228	—
153491	154089	154808	155323	156519	157286	158049	158664	159287	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1956/1983

TÍTULOS DE 100 OBRIGAÇÕES

163301 171601 175101 177801

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

184101	184621	184641	187261	188131	189141	189411	189441	189681	190211

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

190271	192271	192966	193356	193566	193931	195306	
190506	192296	193076	193406	193591	194361	195621	
190511	192786	193116	193421	193811	195106	196946	

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

197550	197759	198641	199494	200138	101188	202608	202711	203699	204697
197554	197924	198880	199548	200148	201215	202046	202830	203779	204723
197562	197946	198895	199550	200236	201284	202101	202848	203819	204849
197405	198026	198905	199560	200363	201315	202167	202849	203870	204859
197423	198178	198963	199617	200597	201522	202182	202865	203874	—
197486	198200	198989	199755	200687	201561	202206	202937	203986	—
197548	198240	199197	199774	200768	201586	202360	202989	204010	—
197551	198366	199243	199837	200813	201812	202381	203253	204402	—
197571	198389	199258	200078	200858	201884	202498	203263	204611	—
197653	198523	199392	200082	200904	201936	202528	203438	204617	—
197654	198591	199155	200088	201137	201937	202629	203533	204625	—
197711	198609	199468	200123	201145	202000	202686	203686	201669	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1957/1985

TÍTULOS DE 100 OBRIGAÇÕES

212501

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

215481

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

215081	218711	221181	223831	224581	226561	227581	229671	231641	—
215191	220801	222831	223911	225361	227171	228401	229761	—	—
217691	220941	223351	224081	225691	227521	229231	230741	—	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

232386	233361	234246	236596	238981	240046	242191	243501	244871	245941
232781	233386	234551	236671	239011	240891	242241	243536	245031	246021
233221	233806	234771	236736	239061	241331	242626	243901	245106	246311
233281	234211	236241	238146	239301	241546	243111	243926	245281	246526
233321	234221	236316	238856	240011	241871	243466	244556	245801	247336

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

248515	249145	250223	250989	251633	252030	252671	153071	253820	254707
248563	249248	250286	251034	251637	252089	252705	253088	252874	254811
248658	249298	250379	251041	251684	252119	252735	153156	253916	254826
248756	349394	250446	251092	251713	252212	252742	253166	253942	254855
248758	249455	250472	251145	251717	252234	252776	253328	254014	254950
248845	249532	250526	251261	251718	252254	252795	253367	254023	254952
248849	249658	250541	251333	251735	252384	252841	253420	254329	—
248882	249729	250611	251373	251809	252515	252881	253459	254336	—
248999	249741	250656	251450	251817	252546	252943	253528	254363	—
249060	249832	250672	251464	251863	252570	252951	253597	254446	—
249087	249844	250679	251517	251888	252620	252967	253604	254530	—
249089	249916	150907	251595	251966	252647	253002	253624	254656	—
249104	250205	250921	251620	251985	252657	253022	253814	254701	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1959/1987

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

256271 256551 256931 257601 258291

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

258946	260876	261661	262666	263531	263886	264776	266496
259801	261096	261841	263071	263671	264086	265381	267066
260546	261501	262286	263351	263781	264136	266081	267331

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

267671	268359	269153	269627	270812	271411	272065	272715	273323	273948
267698	268464	269203	269783	270878	271420	272146	272845	273334	274235
267747	268522	269215	269794	270944	271668	272148	272982	273336	274280
267930	268571	269250	269840	270964	271679	272288	273122	273359	274545
267979	268626	269280	270101	270968	271773	272316	273226	273559	274719
268020	268692	269347	270428	271039	271785	272440	273230	273578	274799
268050	268859	269430	270436	271170	271837	272452	273265	273649	274831
268069	269068	269524	270511	271199	271877	272603	273267	273741	274866
268284	269093	269527	270663	271255	271968	272618	273286	273743	274875
268334	269135	269596	270693	271277	272045	272636	273309	273808	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1960/1988

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

276561	280361	281881	283091	287371	288061	289521	292401	
277001	281701	282231	283151	287681	288251	289981	293501	
277921	281871	282841	284941	287821	289241	292361	—	

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

293981	296856	299336	301861	305056	307881	309376	311291	312581	314221
294021	297281	300601	302601	305396	308066	309486	311456	312721	314986
294636	297411	300626	302666	305481	308491	310061	311566	313456	315086
295116	297811	301416	303096	305751	308636	310216	312191	313856	315156
296676	298351	301686	304006	306306	308716	310731	312246	313871	315721
296776	298891	301831	304251	306781	308871	310866	312286	313981	—

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

316296	318105	318843	319581	320444	321359	322151	322885	323627	324237
316388	318145	318905	319604	320454	321367	322157	322906	323723	324256
316401	318162	318937	319624	320720	321478	322168	322955	323755	324259
316504	318199	318967	319670	320735	321544	322212	322985	323819	324576
316704	318292	319026	319689	320931	321611	322260	323107	323865	324632
316958	318503	319040	319713	320963	321719	322356	323274	323873	324721
316999	318520	319162	319726	320986	321727	322380	323370	323891	324960
317046	318537	319309	319836	320987	321774	322424	323383	324032	—
317175	318581	319344	319915	321092	321947	322468	323386	324106	—
317961	318648	319353	319934	321173	322072	322683	323393	324139	—
317984	318773	319493	320072	321340	322108	322731	323514	324169	—
318073	318818	319501	320410	321341	322147	322798	323599	324174	—

EMISSÕES	Cupões N.os	Nominativas		Portador	
		Prev. e Ass. Soc. Mútuos	Outras	Registadas	Não Registadas
4 % — 1949/69	38	19$76,12	16$96,92	17$20,8	13$56,64
5 % — 1954/82	27				
5 % — 1955/82	26				
5 % — 1956/83	24	21$77,25	21$28,25	21$51	16$95,8
5 % — 1957/85	22				
5 % — 1959/87	18				
5 % — 1960/88	16				
5 % — 1966/85	4	24$75	—	—	—
5 % — 1966/84	3				

O pagamento dos juros e o reembolso das obrigações sorteadas efectuar-se-ão na Sede da Companhia e nos seguintes Estabelecimentos de Crédito e suas Filiais:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA — BANCO DA AGRICULTURA — BANCO DE ANGOLA — BANCO BORGES & IRMÃO — BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA — BANCO DE FOMENTO NACIONAL — BANCO FONSECAS E BURNAY — BANCO LISBOA E AÇORES — BANCO PINTO E SOTTO MAYOR — BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO — BANCO TOTTA-ALIANÇA — CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS — MONTEPIO GERAL — AUGUSTINE REIS & C.ª

Nos termos legais, estão sujeitos a prescrição os títulos já sorteados e ainda não reembolsados. Havendo títulos nestas condições, relativos a sorteios anteriores, convidam-se os Snrs. Obrigacionistas a procederem à verificação nos locais onde efectuem o recebimento dos juros.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Graças ao novo Cartão da Pan American «Visit the U.S.A. Discount Card»*

Na América sempre houve reduções especiais para turistas. Mas agora a Pan American fez uma combinação de todos os melhores descontos já existentes, juntou-lhes vários outros novos e englobou tudo numa única fórmula: O Cartão de Desconto para visitantes dos Estados Unidos.

Se até aqui pensava que a América era proibitivamente cara, chegou a altura de reconsiderar. Consulte o seu Agente habitual ou a Pan American, onde lhe darão todos os esclarecimentos sobre a maneira de conseguir estas reduções espectaculares.

O Cartão de Desconto da Pan American dá-lhe agora direito a preços muito especiais nos estabelecimentos mais famosos e ainda a reduções que vão de 10 a 30% em hotéis de grande classe através de todo o País.

A maior parte das Companhias que fazem transporte aéreo dentro dos Estados Unidos concedem-lhe um desconto de 25 %. A partir de 29 de Abril beneficia do mesmo desconto viajando de comboio.

Além disso, o seu Agente habitual ou a Pan American oferecem-se para lhe tratar de todas as reservas, pagando mesmo algumas antecipadamente.

Aconselhamo-lo realmente a assegurar os seus hotéis, a tratar do aluguer do seu carro ou a marcar as suas passagens de avião antes mesmo de partir.

Uma vez nos Estados Unidos, os «Centros de Hospitalidade» da Pan Am existentes nas 30 cidades principais estão ao seu dispor para esclarecimentos sobre a maneira de economizar em excursões, compras, restaurantes, etc.

Uma vez mais lhe lembramos que o seu Agente habitual ou o nosso escritório em Lisboa põem também à sua disposição estas informações, antes mesmo de sair de Portugal.

Naturalmente que a maneira mais económica de visitar os E. U. A. é inscrevendo-se numa das muitas excursões organizadas pela Pan American. Também nesta escolha nos oferecemos para o ajudar.

Mesmo que tenha optado por uma excursão organizada, o Cartão de Desconto da Pan American concede-lhe reduções que vão de 10 a 30% sobre os preços oficiais em hotéis, restaurantes, aluguer de carros e outros serviços não incluídos no preço total.

Os Estados Unidos fazem questão em receber a sua visita. Aproveite esta oportunidade excepcional, graças ao Cartão de Desconto da Pan Am.

E não esqueça: Independentemente da maneira como viaje para os E. U. A., pode pedir o seu Cartão de Desconto em qualquer Agente Pan American ou directamente nos nossos escritórios em Lisboa ou nos Estados Unidos. Verá assim muito mais da América por menos dinheiro...

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo

*Válido até 31 de Dezembro de 1968

DESPORTO

ZURICH: o inesperado aconteceu

SPORTING IGUAL A TEMPERATURA — TRÊS ABAIXO DE ZERO...

por FERNANDO MACEDO

Correspondente do «Diário de Lisboa» em Zurique

Aquilo que parecia incrível aconteceu: o Sporting perdeu em Zurich por 3-0, com 2-0 ao intervalo. Derrota sem apelo nem agravo. Não foi que os lisboetas jogassem mal: simplesmente o Zurich F. C. foi-lhes, e muito, superior. Os homens das margens do Limmat, que no domingo foram eliminados da taça suíça, num «match» em que pouco ou nada conseguiram fazer perante um adversário inspirado, o Lugano, superiorizaram-se aos verde-brancos, na defesa e no ataque. Em todos os 90 minutos de jogo, com algumas excep-

ZURICH F. C., 3
SPORTING, 0

ções, os suíços foram melhor á defesa, sem aplicar um ferrolho escrito, e aproveitaram melhor algumas das suas muitas oportunidades de golo; com efeito, se o resultado foi 3 a 0, poderia ter sido de 5 ou mesmo 6 a zero, pois os avançados do Zurich várias vezes se desbarataram no ultimo reduto sportinguista, por vezes sem qualquer razão ou adversário á sua frente.

Perante uns 14 000 espectadores, entre os quais um meio milhar de portugueses, ostentando bandeiras e cartazes sportinguistas. No Zurich, destaque-se a presença de Sterli II. Com efeito, as autoridades militares deram-lhe á ultima hora autorização para estar presente no Letzigrund, integrado na sua equipa.

★

A iniciativa do ataque foi, desde o início, do Zurich. Todos os homens ao ataque, com Leimgruber e Munch protegendo o reduto defensivo. Todo o Sporting á defesa, menos Figueiredo e Lourenço. Marcação sportinguista de homem a homem. Marcação por zonas do Zurich. Os avançados do Zurich, lançados por Martinelli, em vagas sucessivas contra o Sporting. A insistência suiça teve o seu prémio aos sete minutos. Punindo carga de Gonçalves sobre Kuhn, marca-se um livre. Kuhn marca, do lado esquerdo, e Winiger recebe a bola de cabeça atirando sem qualquer defesa possível. O Zurich continua a sua toada de jogo, dominando territorialmente, com várias outras possibilidades de marcar. Mesmo assim, o Sporting não deixa de tentar a sua «chance», e Grobb, aos 10 minutos, tem que esforçar-se sobremodo para defender tiro de Figueiredo. O Zurich continua o seu jogo velocíssimo, com revoadas de ataque; os lisboetas contra-atacando sem inspiração. Havia um certo desconcerto por parte dos sportinguistas afligidos pelo frio — 3 graus negativos.

Carvalho, em noite inspirada, e obrigado a intervir bastas vezes em defesas, algumas delas de grande valia e muito aplaudidas pelo público. Aos 24 minutos, nova oportunidade séria de golo do Zurich — uma de muitas. Carvalho defende «in extremis», a pontapé. Aos 29 minutos, a concluir uma bela ofensiva de Meyer e Kunzli, nova intervenção de Carvalho, em grande estilo. A defesa sportinguista parece tolhida e não consegue deter a toada ofensiva zuriquenha. Por vezes, reina a confusão nessa defesa sportinguista. O ataque reage, sem convicção, pois os defensores suiços nada deixam passar. A toada ofensiva dos suiços é tão avassaladora que vemos Munch em frente das redes defendidas por Carvalho.

CARVALHO (brilhante) evitou uma maior punição

O primeiro tempo termina com um segundo tento do Zurich. Faltava um minuto para o termo, quando a insistência dos dianteiros helvéticos teve seu fruto. Meyer recebe a bola de Martinelli, e com um potente tiro, atira sem que Carvalho tivesse qualquer possibilidade de defesa. O publico invade o campo, ainda antes do árbitro apitar para o intervalo.

★

Com o segundo tempo, o Sporting mostra-se mais animoso, com ataques mais bem organizados. Mas por pouco tempo, pois o Zurich logo recomeça os seus ataques e contra-ataques em velocidade incrível. A linha dianteira, em noite de grande inspiração, não cessa de criar situações de perigo para os verde-brancos. Armando, aos cinco minutos, põe as suas próprias redes em terrível perigo, mas Carvalho consegue salvar, uma vez mais, a situação. Aos nove minutos do segundo tempo, incidente, o unico, entre Lourenço e Leimgruber. Este é tocado, cai, mas levanta-se para tentar agredir o adversário, no que é impedido pelos seus companheiros. Quatro minutos depois, o «capitão» do Zurich sai do campo, substituído por Kyburg. Neste mesmo momento, confusão em frente da rede sportinguista com Carvalho defendendo «in extremis». Aos 19 minutos, entra João Carlos, para o lugar de Figueiredo, tocado. Acossa mais agora o Sporting as redes de Grob, que é obrigado a algumas belas defesas. O Sporting, porém, ataca sem conjunto, em toada arritmica. Aos 26 minutos, Lourenço quase marca, mas Grob, atento, defende para «canto». Entretanto, aos 28 minutos, Caló substitui Gonçalves, que sai coxeando e inferiorizado fisicamente.

Nota-se um certo cansaço de ambas as equipas, o que é natural, pois até agora o jogo tem sido desenvolvido com velocidade por vezes impressionante. O Sporting ataca um pouco mais, pois os homens de Zurich retraem-se nestes ultimos momentos.

O publico incita o seu «team», e de novo o Zurich se lança ao ataque, bem apoiado pela sua defesa. Os irmãos Stierli, Martinelli, Winiger e Meyer impõem uma toada de jogo alegre. Aos 42 minutos, Carvalho concede «canto», numa defesa magnífica a terrível remate de Kunzli. E surgiria, com certa naturalidade, o terceiro golo do Zurich. O resultado estava feito. E o jogo termina com o Zurich ao ataque. O Sporting teve que baixar bandeira perante um adversário superior. Arbitragem justa, embora o terceiro tento tivesse tido uns «laivos de «off-side».

Grande exibição do Zurich perante um Sporting apático e sem genica.

Arbitrou o alemão de Leste Wolfgang Riedel, tendo os seus compatriotas Bader e Zuelov como auxiliares, e as equipas alinharam:

ZURICH — Grobb; Neumann; Munch, F. Stierli, Leingruber e X. Stierli; Martinelli e Kuhn; Winiger, Kunzli e Meyer.

SPORTING — Carvalho; Pedro Gomes, Armando, José Carlos e Hilário; Gonçalves e Dani; Mário, Lourenço, Figueiredo e Manuel Duarte.

Na segunda parte a equipa portuguesa fez entrar Caló e João Carlos para os lugares de Gonçalves e Figueiredo, respectivamente.

LÍDIA FARIA NA MADEIRA

FUNCHAL, 28 (L.) — Segundo se anuncia nesta cidade, a conhecida atleta do Sporting Clube de Portugal, Lídia Faria, campeã nacional e detentora de vários «records» nacionais de atletismo, deslocar-se-á brevemente ao Funchal, acompanhada de mais duas ou três colegas, a fim de tentar divulgar a modalidade no meio feminino da Madeira.

A deslocação da referida atleta do Sporting Clube de Portugal e das suas companheiras será brevemente apreciada e estudada pela Associação dos Desportos da Madeira.

A jornada de Zurique foi inesperadamente sombria para o Sporting. Um jogador, porém, se elevou a grande altura, anulando as possibilidades de um desfecho desalentador: o guarda-redes Carvalho, que vemos, nesta foto, em atitude que define a sua categoria

O QUE DISSERAM OS INTÉRPRETES

SERÁ DIFÍCIL (EM LISBOA) ANULAR ESTA DESVANTAGEM...

—reconhece FERNANDO CAIADO

Não se nos depararam quaisquer dificuldades para registar os depoimentos dos responsáveis e de alguns intervenientes, após o encontro. Fernando Caiado, o técnico «leonino» foi o primeiro a depor neste breve inquérito:

« O Zurich agradou-me muito. A minha equipa, por seu turno, não rendeu o seu melhor. Devo destacar Carvalho, Gonçalves e Hilário. do Zurich, Kohn, Martinelli, Winuger, muito rápidos. O Sporting no entanto poderia alterar o marcador, embora deva reconhecer que o Zurich também perdeu algumas oportunidades. O Zurich mereceu a vitória, sem duvida. O frio, contribuiu, talvez, para um certo contraimento do «onze» sportinguista. Será difícil conseguir em Lisboa anular a desvantagem.»

Ouvimos a seguir, o guardião Carvalho:

«Jogo excelente do Zurich. Há muito que não via um «team» jogar com ritmo tão veloz. Algo de diabólico. O resultado foi justo, e podia ser mais avultado ainda. O Sporting, no entanto, merecia um ou dois golos. Nenhuma das bolas marcadas tinha defesa. Quanto ao terceiro tento, foi «off-side»... Não há duvida.»

Também o dirigente Abraão Sorin nos declarou:

«Para mim o terceiro golo foi «off-side». O árbitro viu o «liner» assinalá-lo, mas não fez caso e deixou o jogo prosseguir.»

Finalmente «capitão» José Carlos:

«O resultado corresponde ao jogo. O Zurich foi superior, e ganhou justamente. Mas o frio era muito.»

Lew Mantula — satisfação e optimismo

Na cabina dos suíços havia um compreensível sentimento de euforia. A vitória, ou melhor a sua expressão, abre amplas perspectivas ao clube helvético. O treinador do Zurich, MANTULA, visivelmente satisfeito, confessou-nos:

«Estou contentíssimo com o resultado alcançado. O meu «onze» jogou para ganhar. Sentimo-nos optimistas quanto ao resultado do jogo da segunda mão, pois deve ser difícil ao Sporting anular a diferença de três golos. Mas tudo pode acontecer, devo dizer. Temos o campeonato suíço a correr e tenho que contar com o complexo de inferioridade que sempre acompanha os jogadores suíços nas suas idas ao estrangeiro. No terceiro golo foi tudo tão rápido, que nada posso declarar... Aliás gostei da arbitragem, muito facilitada, quase sempre, pela correcção dos jogadores. Do Sporting destaco Carvalho, Gonçalves e José Carlos.»

Por seu turno FURRER, o director do clube suíço, a quem foram confiados os contactos com a Imprensa, confidenciou-nos:

«Excelente jogo e excelente vitória Os jogadores do Sporting muito individualistas, tiveram que se render perante o melhor jogo do meu clube.»

Era inevitável ouvir NEUMAN, o homem que alcançou o discutido 3.º golo, aquele que talvez tenha significado o «arrumar da questão». O «libero» suíço disse-nos:

«Hoje o Sporting deve ter jogado abaixo das suas possibilidades. A segunda mão em Lisboa vai ser difícil para nós. No terceiro golo, o que marquei, eu não estava «off-side». Kunzli, sim, esteve, por momentos Mas a vitória por três golos aceita-se, e reflecte bem a diferença entre as duas equipas, neste jogo. Do Sporting, gostei muito de Carvalho e de Gonçalves.»

F. M.

RETALHOS DA IMPRENSA HELVÉTICA

ZURICH, 29 — Como é natural, toda a Imprensa suíça destaca, com exuberância, a magnífica vitória do Zurich F. C. sobre o Sporting, não escondendo o seu entusiasmo pela actuação do grupo helvético, nem a sua decepção pela fragilidade da oposição portuguesa.

Aqui temos breves transcrições:

✲ «*Tages Anzeiger*» (Zurich):

«Brilhante, o Zurich derrota o «leader» português» (título). «Os portugueses demonstraram ter técnica subtil de futebol: mas jogaram sem chama... O frio e o terreno duro do «Letzigrund» foram adversários inesperados. O vencedor demonstrou possuir futebol veloz e atraente e a sua vitória foi mais do que merecida e podia ser ainda mais pronunciada... Foram noventa minutos de futebol de alta qualidade.»

✲ «*Blick*»: «Com extraordinária vontade e enorme poder atlético e técnico, os suíços condenaram os portugueses favoritos a uma posição estática... Os do Zurich corriam em direcção das redes do Sporting como bombeiros... Um festival do Zurich».

✲ «*La Suisse*» (Genebra): «Os portugueses atacaram sempre de maneira desorganizada nunca conseguindo pôr a defesa do Zurich em perigo... Foi o sistema de jogo do Sporting, que pode ser posto em causa. Um sistema que facilitou a tarefa do Zurich. O Sporting com a defesa em linha e marcação larga de zona permitiu aos suíços atacar fácilmente em profundidade...»

✲ «*Tribune Lausane*»: «Esperávamos dos portugueses futebol alegre, preciso, rápido, mas o futebol vivo e fluido vimo-lo por parte do Zurich que foi real, intocável, seguro de si mesmo e superior física e tecnicamente... O ataque suíço desmantelou por completo a defesa lusa. O ataque português não teve mobilidade.»

✲ «*Sport*»: «Vitória brilhante de um Zurich surpreendente. O Sporting inferiorizou-se e o «team» que vimos em «Letzigrund» não pode ser o que comanda o campeonato de Portugal.

O Dukla triunfou no Torneio de Viareggio

VIAREGGIO, 29 — (F. P.) — A equipa do Dukla de Praga venceu o Torneio Internacional de Juniores disputado nesta cidade, batendo o Juventus de Turim por 2-1.

As duas equipas tinham empatado por 1-1, mesmo depois de prolongamento, na segunda-feira. Por esse motivo, tiveram de disputar novo encontro.

Classificação do torneio:

1.º, Dukla de Praga (Checoslováquia); 2.º, Juventus de Turim (Itália); 3.º, Nápoles (Itália); 4.º, Vojvodina (Jugoslávia).

DESPORTO

Aparatosa tentativa de remate de um jogador sportinguista, no jogo Benfica-Sporting de ontem á noite

«NACIONAL» DE HANDEBOL DE SETE

Num jogo emocionante o Benfica venceu o Sporting

A força da tradição venceu a chuva, e o publico compareceu em numero avultado. Era mais um embate entre as duas melhores equipas lisboetas de handebol de sete. Nos ultimos encontros o equilibrio tinha sido notório. Um triunfo para cada lado.

Desta vez o facto repetiu-se. O jogo era importante. Tratava-se do campeonato nacional e Benfica e Sporting têm o título nas suas aspirações.

Os «leões» iniciaram o encontro de maneira impressionante. Tudo fácil e 3-0! O Benfica reagiu foi aos 5-5 e no lance seguinte colocou-se em vencedor. Daí até ao intervalo, nasceu a emoção que viria a reinar até perto do final. Mais três situações de igualdade, a de dez golos a assinalar o termo da primeira parte.

O Sporting parecia querer recomeçar tal como iniciara o jogo e marcou dois golos consecutivos Mas estava escrito que a história do encontro seria a da duvida e por mais seis vezes surgiu a igualdade, até aos 19-19. Ora venciam os «leões»; ora venciam os «encarnados», mas naquele momento e num repente o Benfica com 21-19, assegurou o triunfo, que não foi abalado com mais um golo «leonino»

Dispondo de menos jogadores, o Benfica jogou muito bem estratégicamente e com muito tacto, enquanto o Sporting se perturbou em demasia com a insistência do seu adversário em responder ás suas tentativas de superioridade. E os benfiquistas fizeram-no com êxito e com justiça.

Fernando Miraldes, um veterano da arbitragem defendeu-se. Teve muitos erros mas ao fim e ao cabo não influiu no desfecho.

Valdemar, Pintado, Martins e Oliveira, foram muito bem acompanhados pelos restantes nos vencedores. Bessone, Mesquita, A. Marques e por vezes Luís António, os melhores nos vencidos.

Antes defrontaram-se as equipas juniores dos mesmos clubes, num jogo de relativo interesse, em que a nota predominante foi a da arbitragem que puniu bastas vezes as jogadas de finta, uma delas no melhor lance do encóntro, anulando um excelente golo do sportinguista Armando.

Resultados dos jogos de ontem:

SENIORES

Benfica-Sporting	22-20
Spt. Espinho-F. C. Porto	13-23

JUNIORES

Sporting-Benfica	16-14
Belenenses-C. Ourique	17- 5
Beira-Mar-F. C. Porto	12-11

ROLANDO E SUCENA (DO F. C. PORTO) AFASTADOS DA EQUIPA

A direcção do F. C. Porto, na sua reunião de ontem, instaurou um inquérito aos seus futebolistas Rolando e Sucena, suspendendo-os de toda a actividade, com perda dos respectivos vencimentos.

Esta decisão foi tomada por proposta do departamento de futebol do clube nortenho, estando também previstos outros castigos para alguns dos jogadores que alinharam no passado domingo no Lavradio contra a Cuf.

Ténis de Mesa

O DESP. AZAMBUJA VENCEU O CENTRO CATÓLICO (5-3)

Os dois jogos ontem á noite realizados do Campeonato Regional de Juniores, de ténis de mesa, tiveram os seguintes resultados: Bela Vista-Intendente, 0-5 e Desportivo da Azambuja-Centro Católica, 5-3.

O Sporting que defronta amanhã o Benfica, na «mesa» de Alvalade, continua no comando da classificação.

Assinada a escritura, em sessão solene

BENFICA: PRENDA DE ANOS DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Com uma sessão solene, que teve lugar no Pavilhão de Desportos do Estádio da Luz, comemorou ontem o Sport Lisboa e Benfica 64 anos de glória e de prestígio ao serviço do desporto

E não poderia o poderoso baluarte que é o clube da Luz festejar de melhor forma tão bonita idade, ao integrar nas comemorações, a assinatura da escritura de doação dos terrenos, que o presidente da direcção, comendador Adolfo Vieira de Brito quis ofertar ao clube como prenda de aniversário.

Com a presença de muitos associados que acorreram ao pavilhão, vistosamente decorado com as bandeiras nacional e do clube, presidiu ao acto o dr. José Maria Gaspar, ladeado pelo prof. Santos Guerreiro, comendador Vieira de Brito, dr. António Catarino Duarte e ainda pelo presidente do Vitória de Setubal, Fernando Pedrosa.

O discurso de abertura esteve a cargo do associado dr. Luís Viana de Carvalho, que historiou a vida do Benfica, ao longo destes 64 anos de actividade brilhante no desporto e as mais refulgentes conquistas dos «encarnados» no plano internacional.

A seguir, o comendador Adolfo Vieira de Brito, antes de se proceder á assinatura da escritura de doação, teve palavras de incitamento para a união de todos os benfiquistas de molde a que «possamos ser não só os maiores, mas também os melhores».

Após a assinatura do documento, sublinhada com muitos aplausos, foram entregues aos senhores, arquitectos Croft de Moura e Rui Sousa Guedes as «águias de prata» com que foram galardoados.

Também foram entregues emblemas aos sócios com 50 e 25 anos de filiação clubista

O presidente da direcção do Benfica, Adolfo Vieira de Brito, quando assinava o termo de doação, ao clube, de terrenos para a construção de um centro de estágio

O antigo futebolista Jacinto recebeu ontem o «emblema de dedicação» do Benfica, que lhe foi entregue pelo comendador Adolfo Vieira de Brito

Futebol na Europa

A JORNADA INTERNACIONAL DE ONTEM

LONDRES, 29 — (A. N. I.) — Resultados dos vários jogos de futebol para as competições europeias, disputados ontem:

«Taça das Nações Europeias» (Grupo 8»: País de Gales-Irlanda do Norte, 2-0, em Wrexham.

«Taça dos Campeões Europeus» (quartos - de - final) : Juventus (Itália)-Eintracht de Brunswick (Alemanha Federal), 1-0, em Turim (o resultado das duas «mãos» é de 3-3, sendo necessário terceiro jogo).

Manchester United (Inglaterra)-Gornik de Zabrze (Polónia), 2-0, em Manchester (primeira «mão»).

«Taça dos Vencedores das Taças» (quartos-de-final, primeira «mão»: Standard de Liege (Bélgica)-A. C. de Milão (Itália), 1-1 em Liege.

«Taça das Cidades com Feira» (oitavos-de-final): F. C. Zurich (Suiça)-Sporting (Portugal), 3-0, em Zurich (primeira «mão»).

Goztepe (Turquia) - Voyvodina de Novi Sad (Jugoslávia), 0-1, em Ismir (o Voyvodima qualificou-se com 2-0 nas duas «mãos»).

Jogo particular: Espanha-Suécia, 3-1, em Sevilha.

PELA F. P. F.

Jacinto 5 jogos Manuel Oliveira 30 dias

Reuniu-se ontem o conselho de disciplina da F. P. F. que decidiu aplicar os seguintes castigos:

1.ª Divisão — Jacinto José Martins Santos, do Benfica, 5 jogos. Manuel Oliveira Santos, treinador do Belenenses foi punido em 30 dias de suspensão e a multa de 500$00.

2.ª Divisão — Manuel Rocha Carvalhal Coelho, do Lusitano de Evora, 3 jogos.

Juniores — António João Rodrigues, do Luso, 3 jogos; João Manuel Santos Henriques, do Farense, 2 jogos, e Joaquim José Carmo Vieira, do Olhanense, 1 jogo.

BRUNDAGE ADVERTE:

OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO PODEM PARTICIPAR NOS JOGOS OLÍMPICOS

O sr. Avery [illegible] contra em S. Francisco, regressado da sua extenuante viagem á Europa, para, como presidente do Comité-Olímpico Internacional, assistir aos Jogos de Inverno, de Grenoble, e também para prosseguir na sua persistente campanha a favor da pureza dos ideais do Olimpismo.

Na sequência desta sua viagem o sr. Brundage além de visitar o nosso país, esteve também em Madrid, Páris e Londres. E, tal como em Lisboa, também naquelas capitais concedeu conferências de Imprensa — onde, diga-se de passagem, foi bastante mais loquaz que frente aos representantes dos órgãos de informação lusitanos.

Em Londres foi muito mais claro quanto ao problema da admissão da África do Sul e á ameaça de «boicotagem» aos jogos por parte de certos países. E em Madrid, entre muitas informações importantes fez esta advertência que envolve grandes susceptibilidades: «Os professores de educação física não podem participar nos jogos olímpicos».

E concretizou:

«As nossas normas são bem claras: os competidores devem ter uma profissão alheia ao desporto. Portanto os atletas que sejam monitores ou professores de educação física não podem participar nos Jogos Olímpicos».

O TOTOBOLA PREPARA UM TRIMILIONÁRIO

A ausência de «trezes» no concurso que ficou a assinalar os máximos de receita até hoje registados no nosso Totobola, constituiu uma coincidência extraordinária, da qual resultou, em primeira análise, ter sido privado um dos autores dos 8 milhões 809 mil 417 apostas recebidas — da possibilidade de, num único golpe de sorte, se ver promovido á invejável situação de trimilionário.

Segundo aspecto a considerar, foi o de os «dozes» terem rendido compensações vultosas (180 contos cada um!), já que as surpresas futebolísticas da jornada, obstando á existência de totalistas, restringiram, também, a quantidade das aproximações, que ficaram reduzidas a 17: no Continente, 11; em Angola, 4; e na Guiné e em S. Tomé, um em cada.

Finalmente, para caracterizar, mais ainda, este concurso de Domingo Gordo como acontecimento totobolístico surpreendente, acabou por verificar-se que os acertantes em «onze» resultados (no total, 251), colheram bom proveito dos magríssimos investimentos realizados, cobrando cada um a quantia de 12 191$60.

Facto saliente e que bem merece ser sublinhado, foi o de todos os acertantes em «doze» resultados terem jogado em apostas simples — gastando, alguns deles, apenas 3$00, e nenhum mais do que 15$00...

O concurso desta semana, incluindo cinco encontros da I Divisão e oito da II, envolve-se, para os totobolistas habituais como para o público em geral (entre o qual, sem dúvida, existem potenciais candidatos á vida agradável dos multimilionários...), de grandes aliciantes, já que alguns dos jogos, senão a maioria, sendo de previsão difícil, oferecem a perspectiva de novas e perturbadoras surpresas.

Agora que a meta dos 3000 contos para cada prémio foi ultrapassada, o Totobola provoca mais ainda as imaginações...

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS GERAIS — No Clube Atlético de Queluz, ás 21 e 30 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Basquetebol, 9.ª jornada; Acad. Militar-Técnico; I. N. E. F.-Ciências; Naval-Medicina; Agronomia - Belas-Artes e Economia-Direito, no Pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 20 e 30.

GINÁSTICA — Às 22 horas, na F. P. G., posse da Comissão de Divulgação de Ginástica Moderna.

TÉNIS DE MESA — 1.ª jornada do Torneio Popular de Seniores, por equipas, nas mesas da Ajuda, Alvalade, Lusitano, Bairro Taxa, «Os Económicos» e S. L. Águias.

«Reservas» da A. F. L.

O BENFICA NO RESTELO NA PRÓXIMA JORNADA

O sorteio, ontem á noite realizado na sede da Associação de Futebol de Lisboa, referente á nova jornada da Taça Visconde da Asseca, determinou para o Estádio do Restelo, o encontro entre o Belenenses, que necessita vencer para continuar em prova, e o Benfica, actual «leader» da competição.

Por seu turno o Sporting defrontará, no Estádio de Alvalade, a equipa do Alhandra.

Ambos os encontros estão previstos para as 16 horas do próximo sábado.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º programa — 45. m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 17: Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 21.º episódio do folhetim «Edmundo Keen», 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira instrumental; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Orquestras ligeiras; 23: Noticiário — Boletim meteorológico; 23 e 05: Programa da noite; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Russalka»; 18: Musica do século XX — Obras de Gotfredo Petrassi: 9: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 9 e 30: Folclore português — Musica da Beira Alta e da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Musica de piano, de Villa Lobos, por Magda Taglia Ferro; 20: Diário sonoro — Musica Sinfónica — Abertura «La Bella Greca» (Cimarosa), Orquestra «Canto Soli», dirigida por Ettore Gracis; 20 e 30: Concerto pelo coro argentino de rapazes «Ninos cantores de Mendoza»; 20 e 47: Para uma criança que vai nascer (Fernando Lopes Graça) — Academia de Instrumentistas de Camara; 21: Trio em sol menor op. 8 (Chopin); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Caio Pagano, preenchido com obras de Guarnieri — Sonatina n.º 6 e dois pentieios; 22 e 11: Concerto em ré maior (Telemann) — Adolf Scherbaum (trompete) — Orq. de Camara «Pro Arte», de Munique, dirige Kurt Redel; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º Programa (Cultural em FM) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Festival de Estrasburgo de 1967 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Televisão Francesa; 0 e 17: Noneto em fá maior op. 31 (Louis Spohr) — Quarteto de cordas «Fine Arte» — Qinteto de Piano de Nova Iorque; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções bémicas; 21 e 08: Uma voz; 21 e 15: O que se escreve, o que se lê; 21 e 20: Um ídolo da canção; 21 e 30: Hot Club, 22 e 02: Musicalmente quase tudo; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã

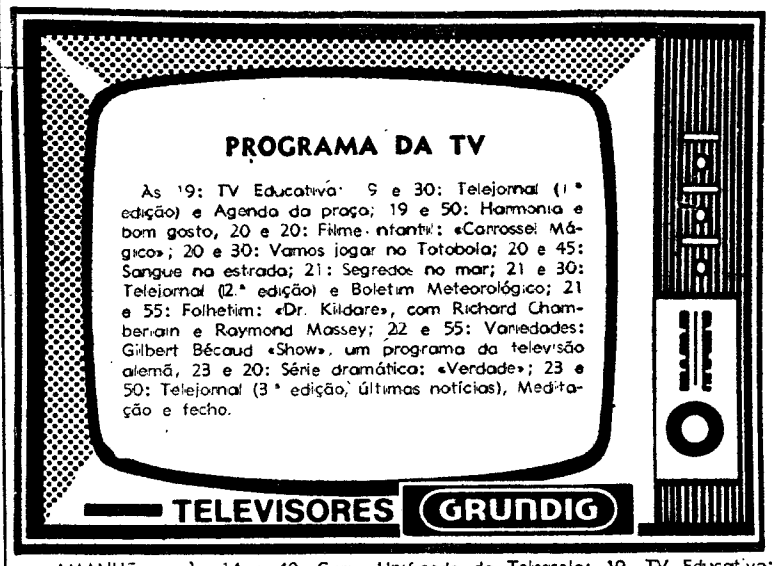
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 25: Rubrica Knorr; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 03: Rádio Placard; 20 e 30: Variedades; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude

RADIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Conta Shehra; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Crítica de livros recebidos; 19 e 10: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Canções portuguesas; 21 e 45: Solos de órgão; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica de Espanha; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Programa de Lisboa; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s: **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30



AMANHÃ — Às 14 e 40, Curso Unificado da Telescola; 19, TV Educativa; 19 e 30, Telejorna e Agenda da Praça; 19 e 50, Série Juvenil — «As Aventuras do Seaspray»; 20 e 15, Carrossel Mágico; 20 e 20, Programa da Agência Geral do Ultramar: 20 e 40, Musica Brasileira: Obras de Camargo Guarnieri, pela cantora Edmar Ferretti; 21, Cartaz TV; 21 e 30, Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55, TV Clube, com Maria da Glória e Valério Silva; 22 e 20, Série Dramática; 23 e 15, Cinema sem Estrelas; 23 e 40, Telejornal Meditação e Fecho.

Serviços Urgentes

Telefones

SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santo Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo) 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Mar. de Alcântara, 663195 Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638581

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno J

(Ver pelos bairros das mediações e telefone entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Lda.**, Calç da Tapada, 83-A (634721)
ALCANTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antolin, Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (144173) ✲ **Magalhães**, Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Libia, Av do Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Marbel**, Av de Roma, 131-A (776235) ✲ **Banha Duarte**, R Moura Girão, 3-B (710621)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (581515)
AREEIRO — Lusitana, Av de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde**, R Agostinho Lourenço, 6-B (710331)
AVENIDAS NOVAS — Providência, R D Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Sá da Bandeira**, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas**, R Viriato, 29-A (48966-553601)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ziro, Pr dos Casas Novas, lote 66 (310172).
BAIXA — Formosinho, Pr dos Restauradores, 18 (30927) ✲ **Normal**, R do Prata, 220 (321342-325553)
BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 444-A (782606) ✲ **Alegria**, Est de Benfica 80-A-B (780511) ✲ **Progresso**, Est A-da-Maia, 64-C (702226) ✲ **Macedo**, Est do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMPO DE OURIQUE — Linalda — R Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findor** — R D Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Ronil, R Rodrigo da Fonseca, 153 (683438; ✲ **Zenel**, R A, 82, Bairro da Liberdade (651840) ✲ **Nove**, R de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117- 8 (553308)
ESTEFÂNIA — Délio, R Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251)
GRAÇA — Higiénica, R Heliodoro Salgado, 20-A (844361).
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R do Lumiar, 22- 24 (790332) ✲ **Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAIS — Higiene, R Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (310026).
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (843571) ✲ **Europa**, Av General Roçadas, 27-A-B (843880)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç da Picheleira, 140-B-C (720703-728395)
PRÍNCIPE REAL — Gonçalves, Lda., R da Rosa, 176-178 (362687)
REGO — Berne, Av de Berna 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R do Junqueiro, 38-40 (638132)
S. BENTO — Micael, R de S Bento, 380-382 (662162) ✲ **Açoreana** Largo do Conde Barão, 2 (661330)
ST.ª MARTA — Morais Sarmento, R Santa Marta, 15-A-B (46490)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R da Margem, 15-B (382470) ✲ **Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ✲ **Zema**, R Geneta Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos), 21 (832580)
Sé — Santa Luzia, Rua da Saudade, 4-B (86983)
MOSCAVIDE — Banha — Av Moscavide, 212 (Tel. 2518518)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av Comb G. Guerra, 166 (Tel 213953).
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro, 4-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Tel. 2420034)
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau — R J Elias Garcia, 62-B (Tel 2471785)
ESTORIL — Ostende — R de Espinho, 1 — Monte Estoril (Tel 260391); **S. João** — Est Nacional, 18 (Tel 261186)
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 280078); **A. Costa** — R Freitas Reis, 24-C (Tel 280214)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Jardim — Av Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (Tel. 938424); **Melo** — P. D. João I-lote 146 (Tel. (938551); **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** — P. da Igreja, lote 2 (Tel. 937740)
DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel. 971023)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950123)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia — L Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — Colares — Abreja (Tel 299088).

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão, 10 (Tel 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Tel 224302)
BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2273207)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro, 18 (Tel 270254).
MOITA — Silva Rocha — P da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETÚBAL — Bocageana — R do Romeu (Tel. 23425); **Bairros** — B.ª Santos Nicolau (Tel. 23330)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 51 (Tel 2218580).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% 1 10	550$00	—	550$00
Consolidado 3 % 1 0 ..	590$00	585$00	590$00
Consolidado 3 1/2 % 1 0	660$00	658$00	662$00
Centenários 4 % 940 ...	1.520$00	1.515$00	1.525$00
Obgs Tes 4 1/2 % 942	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 943	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Externo 1.ª série car	—	—	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Externo 3.ª série car.	—	—	970$00
Cout do 3.º série s/Juro	—	230$00	250$00
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5%	—	—	—
C P 4 1/2%	940$00	935$00	940$00
Gás e Electricid 3 3/4%	—	820$00	—
Gás e Electricidade 4% ...	—	820$00	—
Gás e Electricid 4 1/2 %	—	850$00	—
Gás e Electricid 5 %	—	930$00	—
H E Douro	—	845$00	—
H E Norte de Portugal...	—	870$00	—
H E S Estrela	—	800$00	—
Metropolitano	920$00	915$00	925$00
Petroquímica	—	—	—
Sonete	785$00	780$00	790$00
T A P	—	890$00	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	—	—
U Eléctrica Port 3 3/4%	—	83$00	—
U Eléct Port 4% 945	—	85$00	87$00
U Eléct Port 4% 948	—	85$00	87$00
U Eléctrica Port 4 1/2 %	—	88$50	—
U Eléct Port 5% 951	84$00	84$00	—
U Eléct Port 5% 952	84$00	84$00	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	950$00	—	955$00
Alentejo	635$00	625$00	640$00
Angola	1.480$00	1.470$00	1.490$00
Burnay	—	2.980$00	3.000$00
Crédito Predial	1.920$00	1.911$00	1.920$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	—	—
Portugal	—	—	2.800$00
Português do Atlântico ...	—	—	—
Totta-Aliança	—	3.880$00	4.100$00
Ultramarino	1.465$00	1.465$00	1.470$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	290$00
Sagres	—	—	—
Soberana	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	780$00	790$00
Ag Casseque	—	560$00	565$00
Ag Colonia	—	90$00	—
Ag das Neves	—	85$00	—
Boror	—	—	—
Cabinda	—	81$00	90$00
C. A. D. A.	—	—	—
Col. do Buzi	64$00	64$00	64$50
Diamantes	1.260$00	1.258$00	1.262$00
Ilha do Príncipe	—	—	650$00
Incomati	—	900$00	1.000$00
Lobito	—	445$00	465$00
Moçambique	—	—	45$00
Sonefe	—	—	250$00
Zambézia	44$00	44$00	45$00

C.as Diversas	Efec	Compra	Venda
Cimentos Leão	—	1.900$00	2.100$00
Cimentos Tejo	—	2.500$00	2.550$00
Col Navegação	—	540$00	550$00
C. U F	—	1.180$00	1.200$00
Industrial Aliança	—	640$00	660$00
Nac Navegação	—	1.170$00	1.210$00
Petroquímica	—	—	—
Portuga e Colónias	1.240$00	1.235$00	1.245$00
Port de Celulose	—	2.900$00	3.080$00
Port de Pesca	—	—	—
Port de Tabacos	409$00	409$00	410$00
Sacor	4.700$00	4.700$00	4.750$00
Soce	2.100$00	2.050$00	2.150$00
Tabacos de Portugal	—	805$00	865$00
U F Azoto	770$00	762$00	769$00
Águas Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 934 ...	—	434$00	435$00
Águas de Lisboa 936 ...	—	406$00	410$00
Eléctrica das Beiras	1.500$00	1.498$00	1.500$00
Gás e Electricidade	388$50	388$00	388$50
H E Alto Alentejo	167$50	167$00	168$00
H E Cávado	1.235$00	1.230$00	1.240$00
H E Douro	1.219$00	1.218$00	1.220$00
H E Portuguesa	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.380$00	1.380$00	1.385$00
Nacional de Electricidade...	1.345$00	1.343$00	1.345$00
Termoeléctrica Portuguesa.	1.406$00	1.405$00	1.407$00
União Eléctrica Portuguesa	198$50	198$50	199$00
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	153$20	57$80
F. I D E	—	104$50	107$60

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	22/2/68	28/2/68	29/2/68
GERAL	105,4	105,4	105,3
METROPOLITANAS...	103,6	103,4	103,5
ULTRAMARINAS	119,0	119,7	118,5

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand ...	35$50	38$00
América:		
Dollar de 1 e 2	28$30	28$70
Dollar de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dollar	26$00	26$50
Alemanha — Marco	7$07	7$27
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6$50	9$50
Espanha — Peseta	$39,1	$41,1
Holanda — Florim	7$85	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$56,5	$58,5
França — Franco	5$70	5$90
Suiça — Franco	6$50	6$70
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	290$00	305$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	225$00	240$00
Ouro Fino — Barra	33$20	34$20

BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papeis de crédito
Tel. 321273

Aluguer sem condutor
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE

Viver para viver — no SÃO JORGE

SÃO JORGE — Telef 5 41 58 — Hoje, ás 21.30 — ESTREIA (Adultos)

VIVER PARA VIVER
com Yves Montand, Annie Girardot e Candice Bergen

Às 15.15 e 18.15: **O QUE ACONTECEU EM CAMPO GRANDE** (12 anos)

ODEON — Telef 52 62 83 — Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30 — GRANDE ÊXITO

Um filme que arrebata o publico
A vida temerária de sete escravos em toda a fúria alucinante da sua força física

7 CONTRA O MUNDO
com **Roger Brown** e **Gordon Mitchell**
NUNCA SE VIU MAIOR ARRAIAL DE PANCADARIA NO ESTILO «VALE TUDO»
Scop. Color (M. 12 anos)

ROMA — Balcão 72 91 92 Plateia 72 77 78 — Às 21.45 (M. 12 anos)

Grande sucesso de gargalhada com o notável filme em techniscope e technicolor

QUE NOITE, RAPAZES!...
com **Pihlippe Leroy, Marisa Mel** e **Franco Fabrizzi**

MUNDIAL — Telef 53 87 43 — Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Uma paródia ao famoso JAMES BOND

JAMES TONT, OPERAÇÃO DOIS
com LANDO BUNANÇA
Color (M. 12 anos)

POLITEAMA — Telef 32 63 05 — Hoje, ás 21.30 — ÚLTIMA EXIBIÇÃO À NOITE!

ONDE AS BALAS ASSOBIAM
com **Tom Adams** e **Dawn Addams**
Implacável perseguição de um agente secreto inglês com a vida sempre em perigo.
(Col.) (M. 12 anos)

HOJE, ás 18.30 — **Sessão clássica** (Maiores de 17 anos)

RESTELO — Telef. 610375 — Às 21.30 M. 12 anos

Mr. Soto numa aventura plena de perigos e imprevistos
Em Metrocolor

OS ASSASSINOS DE KARATE
(THE KARATE KILLERS)
com **Robert Vaughan, Curt Jurgens, Terry-Thomas** e **Joan Crawford**
A seguir: **UM FAVOR MUITO ESPECIAL** — Adultos — (M. 17 anos)

IMPERIAL — Telef. 45933 — As 14.45 e ás 21 h (M. 12 anos)

AS AVENTURAS DE «O SANTO» O HOMEM TRANQUILO

ELIZ — Telef 48560 — As 15 e 21 h. (Adultos)

O ÓDIO QUE GEROU O AMOR
VIAGEM DE LOUCOS

CERRASSE — Telef 32 89 17 — As 15 e 21 h. (M. 12 anos)

A GRANDE PARÓDIA
CONVITE A UM PISTOLEIRO

estúdio 444 — Telef 779095 — As 15.30 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA DE ENCHENTES!
Uma notabilissima reportagem de **Giuliano Tomei** sobre o mais desenvolvido dos paises orientais!
(Adultos)

O PARAISO DO HOMEM
(JAPAO PROIBIDO)
Fotografia em Technicolor

TIVOLI — Telef 5 05 95 — Às 3 da tarde e 9.30 da noite — 4.ª SEMANA (M 17 anos)

O par inconformista
Jane Fonda e **Robert Redford**
na famosa comédia
DESCALÇOS NO PARQUE

AVIS — Telef 4 71 63 — As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos) 2.ª SEMANA DE ÊXITO!

Laura Efrikian, Fabrizio Moroni e **Nino Taranto**
numa apaixonante e divertida comédia musical!

NINGUÉM ME PODE ACUSAR
As mais belas canções pela voz de oiro de **Caterina Casselli**

CONDES — Telefs. 322523 e 326710 — Às 15.15, 18.15 e 21.30 M. 12 anos

Os fabulosos, os irresistíveis, os loucos, os únicos IRMÃOS MARX em

UMA NOITE NA ÓPERA
e na primeira parte uma selecção de desenhos animados de **TOM & JERRY**

CINE TEATRO LIDO — Telef. 93 75 93 AMADORA — ÀS 21.30 (M. 17 anos)

LEE MARVIN á frente de um grande elenco! Um filme fantástico, extraordinário!!

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Magnífica projecção em 70 mm

CINEMA IDEAL — Telef 32 41 94 — Às 21 horas (M. 17 anos)

OS SEDUTORES
A LEI DA VIOLÊNCIA

I Concurso de Marionetas organizado pela Casa da Comédia

«*História de um Lírio Branco*», assim se intitula o original de Martim Ervedal, autor português radicado em Tóquio, escrito expressamente para o 1.º Concurso de Marionetas, organizado pela Casa da Comédia.

Aos interessados na apresentação deste original, a Casa da Comédia facultará uma cópia, e bem assim as versões portuguesas das peças para marionetas de Ramón del Valle — Inclán: «*Sacrilégio*» e «*A Cabeça do Baptista*».

Sobre os textos de Jarry, Apollinaire, Lorca, António José da Silva, Almada Negreiros, Chelderode, Lewis Carroll, Cesaring, Drummond de Andrade, e outros, dados a título de sugestão — também a Casa da Comédia prestará aos concorrentes todas as indicações que possam vir a facilitar o seu trabalho, a par do apoio técnico que eventualmente poderá vir a dispensar-lhes.

É de todo o interesse para os concorrentes que, muito embora omitindo, por enquanto, a indicação do texto ou obra a apresentar a concurso, procedam á sua inscrição dentro do prazo fixado, ou seja até 31 de Março próximo, — para o que devem dirigir-se á Casa da Comédia, Rua S. Francisco de Borja, 22, Lisboa.

SESSÃO DE CINEMA com «NAPOLÉON» de Abel Gance

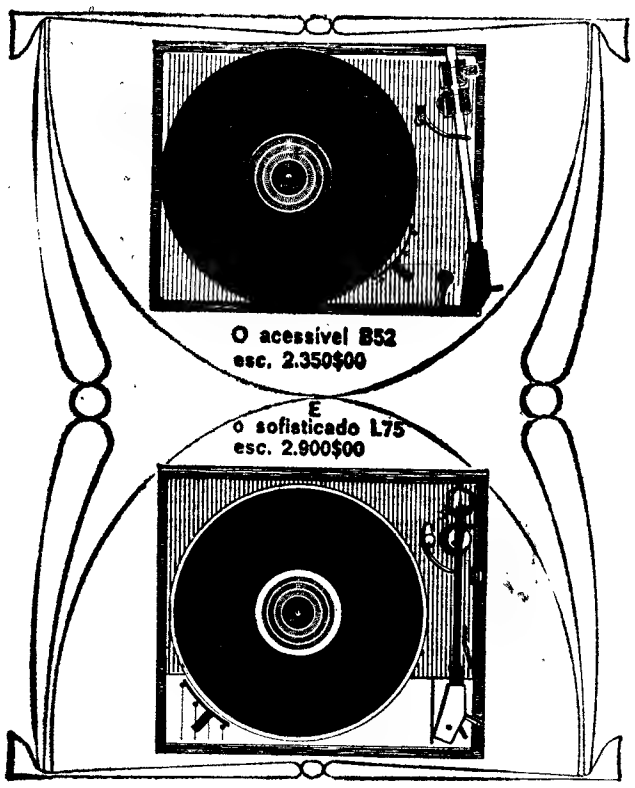
Em sessão especial, reservada aos sócios dos cineclubes ABC, Imagem e Universitário, exibe-se amanhã, pelas 21 e 30, no anfiteatro do Liceu Francês Charles Lepierre, o clássico filme de Abel Gance «Napoléon».

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Gira-discos

Lenco

precisão suiça



O acessível B52
esc. 2.350$00

E
o sofisticado L75
esc. 2.900$00

NUM DESTES DOIS MODELOS ENCONTRARÁ O QUE MELHOR SE ADAPTA À SUA CADEIA DE ALTA-FIDELIDADE

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95 • 97 LISBOA

No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TBATRO GIL VICENTE — Às 21 e 45: «O Comissário de Polícia» (12 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A procura da verdade» (17 anos).
VILLARET — Às 20 e ás 23: «Um anjo de chapéu de palha» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Válvula de honra» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Pois, Pois...» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A nossa cidade» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «Cautela, libertino» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pão, pão... Queijo, queijo» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Sucesso sem escrupulos» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Guerreiros do Saharâ» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Khartoum» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Dois anjinhos na Riviera» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «As aventuras de o Santo» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Mundial de futebol» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Luz que cega» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O presidiário» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Quando o Mundo nasceu» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Aventura em Junho» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Vingança ao amanhecer» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21. «Roma contra Roma» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O último degrau» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Os ambiciosos» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Só se vive duas vezes» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A batalha das Ardenas» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Golpe sobre golpe» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A francesa e o americano» (12 anos).

● Na Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Operação V-2» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Beau Geste» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 30: «Cem mil dólares ao sol» e «Contra a lei» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Elas são mais perigosas» (17 anos).
SINTRA — CARLOS-MANUEL — Às 21 e 30: «O Faraó» (17 anos).

ENSINO LICEAL

PREPARAÇÃO INTENSIVA DE

FRANCES INGLES ALEMÃO

★ Ensino programado e individualizado
★ Moderno Laboratório de LÍNGUAS
★ Sistema audio-visual e audio-oral
★ 10 lições no Laboratório — 300$00

cial

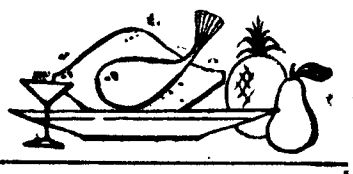
R. Estefânia, 48
Tel. 533733

CURSOS NORMAIS EM CLASSE E LABORATÓRIO COM PROFESSORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS
★ 18 horas mensais — 250$00

Programas dos cinemas que não anunciam no «Diário de Lisboa», por não desejarem sujeitar-se ao livre exercício da crítica:

ALVALADE: Às 15 e 45 e às 21 e 45 — «Bonnie e Clyde» (M/ 17).
EDEN: Às 15, às 18 e às 21 e 30 — «O Charlatão» (M/ 12).
S. LUIZ: Às 15 e 15, 18 e 15 e 21 e 30 — «Bonnie e Clyde» (M/ 17).
ESTÚDIO: Às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 45 — «Uma aventura a quatro» (M/ 17).
EUROPA: Às 21 e 30 — «Duelo em Diablo» (M/17).
IMPÉRIO: Às 21 e 30 — «Kwaidan» (M/ 12).
MONUMENTAL: Às 21 e 30 — «Londres é de gritos» (M/ 12).

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 53 52 09
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes e Lanches de Casamento

RELÂMPAGO
RESTAURANTE-BAR
COZINHA À PORTUGUESA
AMBIENTE AGRADAVEL
●
Rua Mouzinho de Silveira, 17 e 21
Telef 47255

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30. e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Cará pussivem?

Almossos i gintares pur 50 palhassos com conxas de marisous?
Çó na Istalaje du Cabalu Brancu na abenida du Ir ò Porto.

FOI HOMOLOGADO
O NOVO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO DOS BANCÁRIOS

O ministro das Corporações, prof. dr. Gonçalves de Proença, homologou, esta manhã, durante uma cerimónia realizada no seu gabinete, as alterações ao contrato colectivo de trabalho dos empregados bancários.

Além daquele membro do Governo, apuseram a sua assinatura ao documento os srs. dr. Castro Fernandes, na qualidade de presidente do Grémio dos Bancários, os presidentes dos sindicatos de Lisboa e Coimbra, respectivamente srs. Rui Pimentel e Jorge Cotinha Rodrigues, e o sr. Abreu Cunha, em representação do Sindicato do Porto.

Além das individualidades acima citadas, encontravam-se também presentes o director-geral do Trabalho, dr. José Carlos Ferreira, o chefe dos serviços de Acção Social, dr. Luís Tomé, e os drs. Bustorf Silva, Patrício Gouveia e Arnaldo Gouveia, do Grémio dos Bancários bem como funcionários superiores do Ministério das Corporações.

Usaram da palavra o sr. Rui Pimentel, e em nome dos três sindicatos, o dr. Castro Fernandes e o prof. Gonçalves Proença, que salientaram a importância do documento.

O Contrato estabelece diversas modificações em relação ao anterior, incluindo um aumento de vencimentos entre 15 a 18%.

Um aspecto da cerimónia da homologação do contrato dos bancários

A tentativa de reduzir ao silêncio a crítica do «Diário de Lisboa»

(Continuação da 1.ª página)

interesse cultural de uma reposição que faz reviver um dos momentos mais importantes da história do cinema cómico.

É-nos, pois, muito grato registar a compreensão do jornal que V. Ex.ª tão dignamente dirigem, para esta nossa iniciativa que se enquadra num programa de empreendimentos da mesma natureza, no sentido de trazer de novo ás telas portuguesas algumas das grandes obras do passado. Pensamos, assim, proporcionar ao publico o indispensável contacto com aqueles filmes que constituem, hoje, a história da 7.ª Arte.

Com os nossos melhores cumprimentos, nos subscrevemos. — a) José Manuel Castello Lopes.»

Aplausos á atitude do «Diário de Lisboa»

A atitude do nosso jornal de não se vergar a ameaças e represálias do grupo de pressão dos «Cinemas Associados», mantendo a sua independência e reafirmando aos seus leitores o prosseguimento de uma atitude que está na linha das suas melhores tradições, provocou um movimento de numerosos leitores. Já ontem começámos a receber, na nossa redacção, telefonemas e telegramas de aplauso, a que hoje se vieram juntar cartas e postais, em grande numero.

Esse movimento expontâneo de apoio — que não solicitamos mas que está a afluir ininterruptamente ao «Diário de Lisboa» — é a prova de que a nossa decisão está certa e de que vale a pena arrostar com sacrifícios para servir, com isenção e honestidade, os nossos leitores e o publico em geral.

São da região de Viseu os saltimbancos que levaram de casa da mãe uma menina de onze anos

SOURE, 29 — São dos lados de Viseu os saltimbancos que levaram consigo uma rapariguinha do vizinho Casal dos Galegos, junto á Granja do Ulmeiro, após larga permanência na própria casa onde ela vivia com a mãe e nove irmãos. A G. N. R. desta vila exerce vigilância na região, tendo o comandante alertado os postos limítrofes.

A menina, de seu nome Maria Isabel Felício dos Santos, com 11 anos de idade, mostrava certa predilecção pelo convívio com os saltimbancos, dois homens e uma mulher. Tanto quanto se sabe, um deles, tocador de ganta-de-foles, chama-se José Rodrigues, e o outro, que tocava caixa de rufo, é de apelido Aires. Último elemento de identificação: a mulher, terceiro componente do grupo, viaja com uma criancinha de colo.

Entretanto, a apresentação da queixa no posto da G. N. R. desta vila deu lugar a um episódio inesperado. O irmão da Maria Isabel, Jaime Felício dos Santos, que foi quem relatou o caso ás autoridades, estava na situação de desertor do Exército, e ficou detido no posto.

Um atentado contra o direito da crítica

Os redactores do «Diário de Lisboa» que, de uma forma mais ou menos constante, se têm dedicado ao exercício da crítica de espectáculos, não querem deixar de emitir o seu ponto de vista, acerca da atitude insólita de um grupo de «cinemas associados» que, brandindo a ameaça da retirada da publicidade, pretendem negar à Imprensa diária o direito de manter uma secção de crítica de cinema. Porque, embora a execução dessa ameaça se tenha verificado apenas em relação ao nosso jornal, o certo é que ela fica no ar pondo em risco o direito de opinião e a independência de todos os jornais.

Antes de prosseguir, desejamos em primeiro lugar pôr em relevo a forma corajosa e digna como o «Diário de Lisboa» repeliu a afrontosa atitude, defendendo não só a pureza da sua missão pública como, no fim de contas, o direito que ao público assiste de ser informado honestamente.

Não queremos insistir neste ponto, para não parecer que pretendemos, com espírito subserviente, aplaudir apenas a decisão última do Conselho de Administração e da Direcção do «Diário de Lisboa», decisão para a qual — sublinhe-se — foi decisiva a opinião da Redacção. Embora saibamos que outras pressões desta ordem e pelos mesmos motivos foram feitas no passado a este e a outros jornais, o certo é estarmos perante a primeira reacção clara e sem tibiezas de um jornal contra um atentado desta espécie. Pelo menos de há muitas dezenas de anos para cá.

O que sobretudo nos leva a escrever este documento é a necessidade de reafirmar um princípio que o representante da «Cineasso» parece ignorar, ou melhor, totalmente desprezar: Queremos referir-nos à função da Imprensa junto do público. Essa função consiste, fundamentalmente, em informar com honestidade, orientar com isenção e esclarecer sem entraves.

Levar ao público opiniões de especialistas é um dos aspectos mais importantes dessa tarefa informativa e formativa.

Certo, as opiniões dos críticos são, por sua vez, discutíveis. Nada é definitivo. Mas é precisamente no confronto das opiniões que se forma «a opinião» dominante.

A crítica, quando esclarecida e isenta, não ataca, nem adula. Serve o público, E na medida em que o serve, dignifica o próprio espectáculo.

Quem pode sentir-se lesado com a dignificação do espectáculo?

ANTÓNIO DE OLIVEIRA PINTO
FERNANDO ASSIS PACHECO
JOAQUIM BENITE
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS
LUÍS DE OLIVEIRA NUNES
MANUEL DE AZEVEDO
MANUEL BEÇA
MÁRIO CASTRIM
PEDRO ALVIM

UM OPERÁRIO ESPANHOL CONDENADO

MADRID, 29 — (R.) — O tribunal da Ordem Publica condenou a noite passada, o operário espanhol Jacinto Martin, a seis meses de cadeia por causa do seu livro «Comisiones Obreras», acerca do principal movimento sindical clandestino de Espanha.

O Tribunal decidiu que o livro tentara justificar uma associação ilegal. Foi confiscado, quando Martin o apresentou, no ano passado, ao Ministério das Informações, a fim de ser aprovado, antes de ser posto á venda.

O livro argumentava que as comissões de operários, actualmente fazendo uma campanha a favor de sindicatos, no estilo ocidental, em Espanha, deviam ser legalizadas.

OURO DA TERRA
UM VINHO MESSIAS PARA TODOS OS DIAS

Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1917

CAPITAL 100 MIL CONTOS

SEDE: LARGO DE S. CARLOS, N.º 4 — LISBOA

ENTREGA DOS TITULOS DEFINITIVOS REPORTANTES À ELEVAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL DE 20 000 CONTOS, REALIZADA EM OUTUBRO DE 1967

AVISAM-SE OS SENHORES ACCIONISTAS QUE A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 7 DE MARÇO, PODERÃO LEVANTÁ-LOS, DEVENDO PARA O EFEITO DIRIGIREM-SE AOS ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO EM QUE PROCEDERAM À SUBSCRIÇÃO.

LISBOA, 26 DE FEVEREIRO DE 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

vida literária e artística

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

N.º 500 — 29 DE FEVEREIRO DE 1968

FOLHETIM ARTÍSTICO DE JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

4 — Para um museu do século XIX

EXISTE em Lisboa o Museu de Arte Contemporânea, facto ignorado por muita gente, até da mais ligada ao meio artístico. Existe desde 1911 e tem tido sempre por directores artistas de variado prestígio, desde Carlos Reis a Eduardo Malta. Trata-se de uma tradição que é como quem diz um hábito; um mau hábito. Na verdade, de entre os directores que teve (e um deles foi Columbano), um só apresentou credenciais de cultura intelectual apropriada à função e à sua responsabilidade: Diogo de Macedo, que foi notável cronista do século XIX e da sua própria juventude novecentista. Depois da sua morte se procuraria em vão, entre os artistas plásticos, quem o pudesse substituir. Actualmente o M. A. C. está sem director.

Ao que pode parecer, interessa à cultura artística nacional museus que não sejam sonolentos armazéns de obras melhores ou piores, mas sim instituições vivas, dinamizadas por programas culturais estudados em função das circunstancias e estabelecidos com nítida consciência de prioridades. Isto para a arte contemporaena como para a arte antiga, para Lisboa como para a província.

Mas, em matéria de museologia, a arte contemporaena, isto é aquela que no nosso tempo de vida significativamente se faça, exige sem duvida um esforço que o museu do mesmo nome nunca deu nem poderá dar — que para isso não foi fadado.

... Outro museu será então preciso criar — dois museus aliás, também.

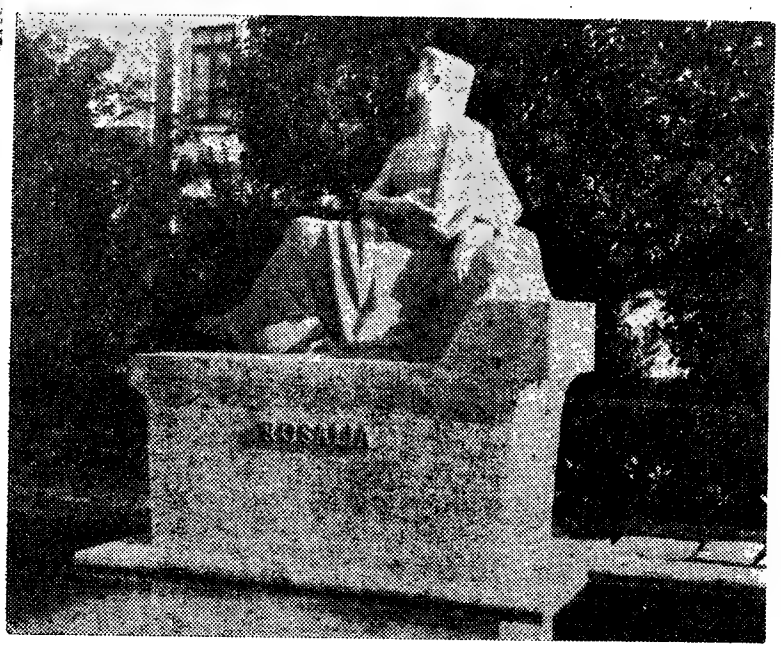
Um deles, de carácter internacional, bem programado e informado dentro da actualidade mais significativa, creio eu firmemente (e já o tenho dito) que pode ser composto com um mínimo de dispêndio orçamental. Basta pensar no problema — e no problema saber pensar. Um dia se verá... De qualquer modo, este museu terá de ser criado «exmihilo».

Quanto ao outro, de arte moderna portuguesa, tão miseramente representada na Rua Serpa Pinto, e atendendo á carência de verbas, porque não entusiasmar a Camara Municipal a realizá-lo? Um Museu Municipal de Arte Moderna é coisa que existe por esse mundo fora — e os da Holanda e da Suíça, dentro de tal fórmula, são famosos (OH — QUE BEM FICARIA NO PALÁCIO FARROBO, ALI AO CHIADO, UM MUSEU DA ARTE MODERNA PORTUGUESA!)

... Voltando ao de Arte Con-

(Continua na página seguinte)

Os «Cantares Gallegos» de Rosalia Castro



Monumento a Rosália de Castro, por Barata Feyo (levantado no Porto, na Praça da Galiza

Livro que fez época e conseguiu suscitar um movimento literário importante, dando ânimo aos cultores do nacionalismo e do expressar galego, como que envergonhado desde os velhos cancioneiros, os «Cantares Gallegos» venceram já a barreira do século e continuam actuais. Prova provada de conterem em si o fermento de imortalidade das obras verdadeiramente universais.

O livro é o espelho fiel de uma alma feminina, cantando com a naturalidade de quem respira e sentindo sempre fora das suas terras de Santiago e de Padron, por essa Castela árida e larga a perder de vista a falta da «herbiña» galega. É o espelho da poetisa, mas é também o da alma galega:

Cantarte hei, Galicia,
teus doces cantares
que así mo pediron
na veira do mare
...
Que así mo pediron,
que así mo mandaron,
que cante e que cante
na lingua que eu falo.

Rosalia nascera em Santiago, na castiça Rua del Vilar, em 1837. Filha ilegítima, Castro era o nome de sua mãe e em Padron, não longe da cidade jacobeia, tinha a residência de seus antepassados. Com vinte e um anos casou com o historiador Manuel Martinez Murguia. O casal correu toda a Espanha, em andanças profissionais, e foi em Castela em 1861 que principiou a compor os seus «Cantares», parece que tomando alento do «Libro de los Cantares», de Trueba. Mas era verdadeiramente o povo galego que a inspirava e as trovas populares lhe vinham à superfície.

D. Manuel Murguia, num dos últimos meses de 1862,

(Continua na página seguinte)

Os prémios GM 67

A propósito do artigo publicado no «Diário de Lisboa» de há semanas, pelo nosso estimado e distinto colaborador dr. José-Augusto França, recebemos agora uma carta dos membros do juri que atribuiu esse prémio. Transcrevemos na íntegra o documento, fiéis ás normas que sempre orientaram o nosso jornal. O dr. José-Augusto França responderá na próxima semana:

«Os abaixo assinados, membros do juri dos Prémios G. M. 67 de Artes Plásticas, visados no «Folhetim Artístico» de José-Augusto França («Diário de Lisboa», de 15 de Fevereiro), pedem e agradecem a V. Ex.ª o favor da publicação do seguinte esclarecimento.

Do inesperado artigo de J. A. F. parece depreender-se que se apoia, para as suas abusivas deduções sobre os trabalhos desse juri, em dados «fidedignos é claro, indiscretos, embora» — palavras suas. A ter havido, consequentemente, inconfidência, as informações de que se socorrera seriam decerto *fidedignas*, mas então a mais elementar deontologia aconselhava a observar a devida reserva. Como porém as afirmações de J. A. F. não traduzem o que na realidade não se verificou, de duas uma: ou as suas fontes de informação não são

(Continua na página seguinte)

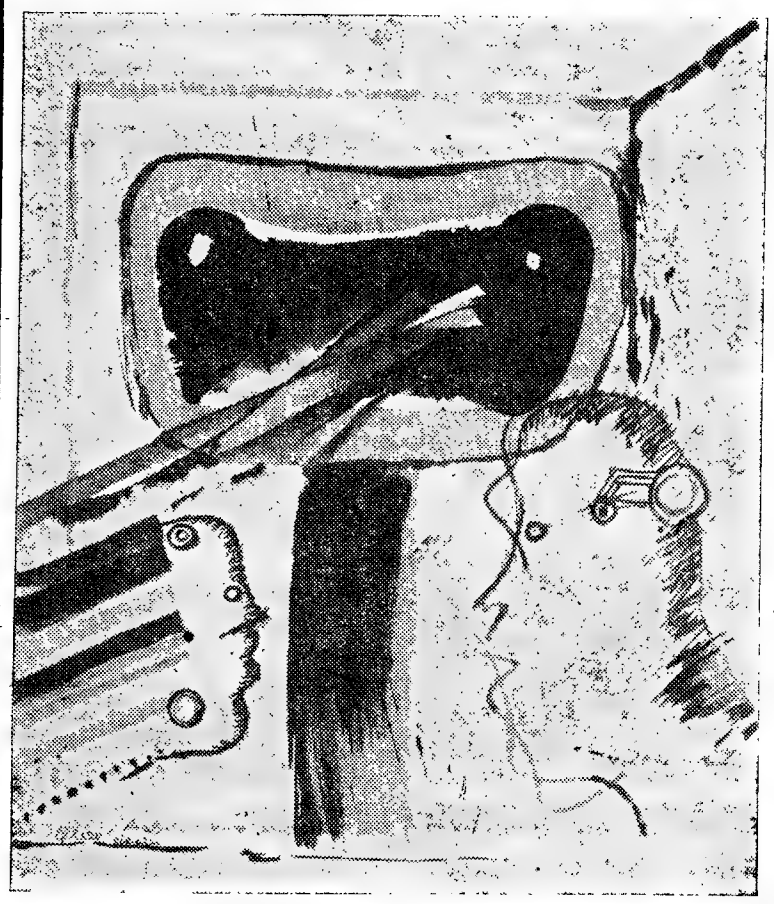
O CERAMISTA QUERUBIM LAPA

É um artista que últimamente o público se habituou a considerar na sua fase de ceramista apenas. Mas a pintura de Querubim Lapa tem uma força e um vigor de construção grandes, acentuados ainda pelas suas preferências de cores densas, sólidas. Os verdes escuros, os castanhos, são como leivas nos seus quadros.

Querubim Lapa, desenhista de traço firme, pintor de obra estruturada, que tanto nas figuras como na paisagem ressumava matéria, desde há tempos aparece, sobretudo, como ceramista. Em edifícios públicos e instalações particulares se encontram painéis seus onde as características do pintor se assinalaram de forma notável. Querubim Lapa não é apenas um pintor de cerâmica. Os seus painéis e placas já nasceram cerâmica. A matéria é essencial à obra e não só o pintor que sobrepõe a arte ao barro cozido. A obra de arte nasceu toda ela barro e pintura; ou barro, modelação e pintura.

Com obras de pintura, Querubim Lapa está representado no Museu Nacional de Arte Contemporânea. O ceramista, esse, está em palácios e museus, hotéis e casas particulares. Nas instalações da TAP, ao Marquês de Pombal, se encontra um seu painel grande, no Banco Nacional Ultramarino, em Lourenço Marques, está uma obra sua, noutras instalações da TAP, na Suíça e na África do Sul, em Luanda; ainda agora foi colocalo um vasto painel modelado, seu, no novo Casino do Estoril, à entrada.

De Querubim Lapa reproduzimos hoje duas peças inéditas. Trata-se de uma placa cerâmica, em que as cores e as transparências, os «craquelés», criam estranha vibração e harmonia, à direita. À esquerda, um desenho à pena, de Querubim Lapa.



Os «Gantares Gallegos» de Rosalia de Castro

(Continuação da pagina anterior)

na casa do Mercado Velho, em Santiago, onde viviam, juntou uma série de poemas da esposa e levou-os ao editor Xoán Compañel, de Vigo. Rosalia viu as primeiras folhas impressas e teve de compor mais cantares à medida que a tipografia os ia pedindo. E é o marido que conta: «...*sin correxir nin lér ó día seguinte o escrito na víspora, fecunda, abondosa, espontánea sobre toda ponderación, foi dando, hoxe unha, mañán outra, a maor parte das composicións que formam o pequeno volume. De unha soia tirada e cáseque sin levantar a man escribíu as sesenta octavas do* Conto do Vidal».

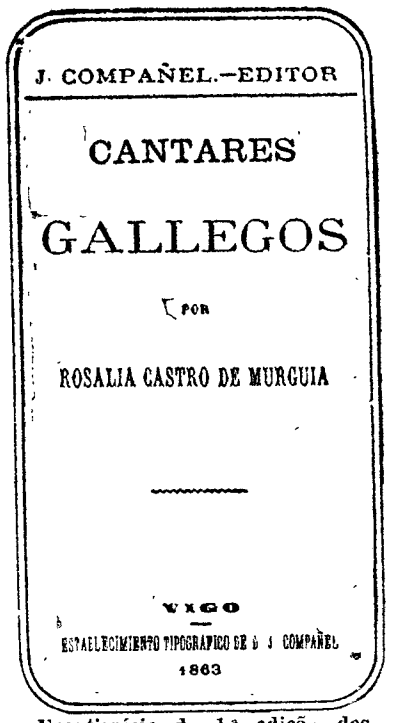
Os «Cantares Gallegos» *sairam em Vigo, em 1863, e sairia segunda edição em 1872, em Madrid, com novos cantares. Desde então até hoje não mais deixaram de sair e de ser lidos os versos de Rosalia com monumentos em Santiago, no Porto e noutras terras. A edição publicada no centenário, com estudos críticos e ilustrações, devida a Fermin Bouza Brey, é um modelo de sobriedade e elegância sem presunção.*

Até ao fim da vida Rosalia cantou na língua do leite e escreveu mais cantares e estudos e novelas. Mas foi de saudade e roída de penas que desapareceu em 1887, a lembrar-se ainda dos freixos e das carvalheiras da sua terra, do largo que fora o dos seus maiores entre os quais se diz contar-se um poeta da corte de João II e Henrique IV, Juan Rodriguez del Padron e de la Cámara: — «*Cuan hermosa es tu vega, oh Padrón! Oh Iria-Flavia!*»

Rosalia Castro não sente apenas a paisagem ridente da Galiza, mas toda a vida galega, no campo, nas ruas e no lar:

«Figado con cebola ben frixida
y unha folliña de laurel chei-
[rosa,
que inda a un morto ben mor-
[to dera vida
de tan rica, tan tenra e tan
[sabrosa...»

R. R.



Frontispício da 1.ª edição dos «Cantares Gallego»

OS PRÉMIOS GM 67

(Continuação da página anterior)

«fidedignas», ou as suas afirmações são meramente inventadas. O que, em matéria deste melindre, seria grave para a reputação do autor. Queremos, contudo, prestar-lhe justiça de que seria incapaz de semelhante processo. Para impedir deturpações da realidade, visto ser impossível ao autor desse artigo testemunhar os trabalhos de um juri em que não participou, e onde *nada*, note-se, de menos recto, se passou, e para evitar os riscos de uma divisão entre artistas e críticos, de todo indesejável, sobretudo depois deste frutuoso e positivo encontro entre uns e outros, cumpre-nos declarar:

1.º — Os dois jovens críticos, Fernando Pernes e Rui Mário Gonçalves, convidados pela Sociedade Nacional de Belas-Artes a participarem no juri dos Prémios «G. M. 67», não foram os que tiveram «a maior responsabilidade da selecção e da premiação» nem foram os unicos que se «encarregaram dessa tarefa», como escreve José-Augusto França (com que fundamento?), porquanto, funcionando, como *felizmente* funcionou, este juri em estreito e leal espírito de colaboração, a responsabilidade das tarefas coube por igual a todos os membros do juri.

2.º — Não é verdade, por outro lado, que o 1.º prémio fosse resultado da «proposta dos dois mencionados críticos», depois aceite de «boamente» pelos artistas participantes do juri. Sem entrar em pormenores que não interessam trazer a publico, esse 1.º prémio obteve, *por votação*, a concordância de seis dos sete membros do juri, entre os quais os dois críticos mais novos, no que era consequentes com a orientação geral dos trabalhos. O sétimo membro do juri que não votou em António Sena para 1.º prémio, propunha-o todavia para 2.º prémio, pode acrescentar-se, sem inconfidência...

Esta *concordancia de artistas e críticos* a respeito do artista distinguido com o 1.º prémio é de uma importancia a que não se tem sabido fazer a devida justiça, nem salientar todo o seu significado. Como importante foi o constituir-se, pela primeira vez entre nós, um juri em que só figuravam artistas e críticos, estes no plural.

3.º — A divergência do juri quanto ao 2.º prémio não será por nós comentada, pois a nossa posição infere-se da leitura da própria acta publicada no catálogo de exposição Tudo o que for além desse texto da acta, unico documento publico, serão pressuposições da responsabilidade de quem as assine.

Divergências há-as em todos os juris, aqui e lá fora. É humanissimo, e isso não diminui ou afecta o esforço de se chegar a um resultado honesto. O trabalho — longo, demorado (sim, nada foi resolvido com leviandade) — deste juri dos Prémios «G. M. 67» decorreu com a máxima lisura e o viril confronto entre os diferentes membros do juri teve o mais reconfortante nível de dignidade intelectual e moral.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1968.

aa) *João Abel Manta, Luís Dourdil, Fernando Conduto, António Sena da Silva, Adriano de Gusmão, Rui Mário Gonçalves* (confirma os parágrafos numerados 1, 2, 3; não subscreve a introdução e reserva-se para a um comentário)».

A SITUAÇÃO ECONÓMICA DOS ESCRITORES SUECOS

Uma notícia de Estocolmo diz-nos que metade dos escritores suecos, dos que se consagram exclusivamente à sua profissão, recebem um rendimento anual de 8680 coroas, ou sejam cerca de 50 contos portugueses. Não se pode dizer que seja uma ucharia! A quarta parte dos escritores não consegue ir além de 4030 coroas, ou sejam uns 22 contos.

Essas conclusões encontram-se num inquérito efectuado pela Flyco, organização central dos escritores independentes junto dos seus membros. Os resultados foram publicados na última edição do jornal daquele organismo.

Verifica-se que a literatura infantil tem maior êxito e é mais compensadora. Há com efeito uma organização de escritores especializados na literatura infantil e juvenil, metade dos quais tem uma renda anual de, pelo menos, 16 120 coroas, ou sejam uns 85 contos.

Mas, segundo o presidente da Flyco, o reitor Stellan Arvidsson, há também os escritores de grandes rendimentos, aqueles que recebem por exemplo qualquer coisa como 62 000 coroas, ou sejam uns 315 contos anuais. Já não é mau! Mas, a classe profissional dos escritores, acentua o mesmo presidente, é de rendimento baixo.

Na pesquisa onde se foca os rendimentos de 1966, não foram incluídas as bolsas que uma parte dos escritores recebe como espécie de «salário cultural» do Governo ou de fundações particulares, nem, em contrapartida, foram descontados os impostos directos que, na Suécia, são elevadíssimos.

Taxas de leitura

Em vista da situação, os escritores suecos pedem ao Governo um aumento das taxas pagas por cada leitura nas bibliotecas do país. O estado paga, actualmente, cerca de NCr$0,0372 por cada empréstimo de livro original sueco e cerca de NCr$0,0126, no caso de tradução. A organização Flyco deseja que estas taxas sejam elevadas para, respectivamente, NCr$0,155 e NCr$0,062. Com a reforma, a despesa do Governo aumentaria em NCr$6,48 milhões.

Para o sr. Arvidsson, aquilo que o Governo paga hoje aos escritores pelos empréstimos nas bibliotecas é «muito pouco». São emprestados por ano 51 milhões de livros e o aumento das taxas daria a cada escritor sueco um «salário razoável e seguro».

No CARREGADO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

JOÃO GASPAR SIMÕES

«NOVOS TEMAS VELHOS TEMAS» de JOÃO GASPAR SIMÕES

João Gaspar Simões tem sido um dos nossos homens de letras mais fiéis à sua profissão e, dentro dela, a sua honestidade e o seu valor o impuseram ao público. O homem da «Presença», que começou pelo romance e a quem a experiência de romancista muito serviu na sua intensa actividade de crítico, tem praticado quase todos os géneros.

O crítico que nas páginas do «Diário de Lisboa» deixou páginas e páginas de doutrinação e orientação, e que voltou em boa hora à sua antiga tribuna, embora com oratória diferente, dá-nos neste volume de ensaios interpretações críticas sobre escritores e escritos do nosso tempo e sobre homens e escritos de gerações anteriores.

«Novos Temas, Velhos Temas», com o subtítulo de «Ensaios de Literatura e Estética Literária», saído na colecção «Problemas» da Portugália Editora, constitui mais uma pedra valiosa no edifício erguido por João Gaspar Simões ao serviço da cultura e das letras, com aquela independência e dignidade mentais de sempre.

Museu do Século XIX

(Continuação da página anterior)

temporanea mais ou menos existente, melhor será dar-lhe um programa concreto e bem definido que não lhe imponha obrigações de ser dum século XX a que nunca na verdade pertenceu.

Porque o seu século é o décimo-nono, e sobre as artes dele se deve concentrar lógicamente a sua acção. Sejam quais forem as nossas prefernências culturais, temos de concordar que é mais util um razoável museu do século XIX que um mediocre museu do século XX. A este (a estes...) chegaremos um dia; aquele, porém, podemos tê-lo desde já, quase sem despesas. (Há nas suas reservas dezenas de quadros importantes que há dezenas de anos não são mostrados). *O que é preciso é não dar lugar a equívocos.*

Museu do século XIX conviria fazer então daquela casa, em sítio oitocentista por excelência, e ainda hoje...

Nas suas colecções, que ninguém visita, algo então se aprenderia — e mais ainda nas exposições periódicas que as completassem e que será fácil imaginar na medida em que tudo, neste período, está por fazer. Expogramadas e bem preparadas, seria inventariar criticamente o nosso fundo artístico desde 1780 até 1910 — sem o conhecimento do qual toda a cultura da época fica nevoenta e coxa. Através de muita mediocridade criada, há problemas a pôr, relações a entender, descobertas a fazer. Seminários, conferências e publicações ajudariam a essa acção cultural cujas limitações, bem conhecidas e definidas num plano histórico, seriam apenas cronológicas.

Sintomas há dum interesse novo pela arte do século XIX — só falta um museu. Um museu fácil de pôr de pé...

... Não, não é reaccionário o meu alvitre. (Nem aliás, poderia ser, vindo de mim). E respondo a tal hipotética observação repetindo que é mais util um razoável museu do século XIX que um mediocre museu do século XX. E dizendo mais uma vez que o que é preciso é não dar lugar a equívocos — que são culturalmente perigosíssimos.

O 3.º VOLUME DAS «MEMÓRIAS DE GUERRA» DO GENERAL DE GAULLE

O 3.º volume das «Memórias de Guerra» do general de Gaulle é o consagrado à vitória, aquele período que vai de 1944 a 1946. É o ultimo volume da obra que fez época e que traça a acção de um homem que ainda não deixou de ser discutido nem de ter influência no decorrer da história do mundo e, sobretudo, da França, desde que apareceu na primeira fila dos dirigentes dos nossos dias.

Em português as «Memórias de Guerra» de de Gaulle aparecem nas Publicações Europa-América, traduzidas por Faure da Rosa e Maria Manuela Soares, com os cuidados habituais nesta editora.

É um livro onde paira sempre a França, traduzindo-se realmente todo o de Gaulle na sua frase: «Em minha opinião, a França não pode ser a França sem grandeza.»

HISTÓRIA PARALELA DOS ESTADOS UNIDOS E DA URSS

As Publicações Europa-América tomaram agora uma iniciativa grande qual é a da publicação de «*História Paralela dos Estados Unidos e da URRS*». Deram-lhe o título justo de «Os dois gigantes».

Para empresas destas, necessários eram também dois escritores de primeira plana ed e penetração e sentido crítco. São eles André Maurois e Louis Aragon.

A empresa inicia-se agora com «História dos Estados Unidos», de André Maurois. O primeiro volume, profusamente ilustrado, encontra-se á venda. Comprenderá mais três volumes a «História dos Estados Unidos». Haverá 7 volumes para a parte da URSS, sendo estes de Louis Aragon.

Empresa do maior alcance cultural este das Publicações Europa-América.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

bando enfim por casar com ele e dar a luz Elisa, a quem nunca saberá estimar.

Privada do amor maternal, a tos da consciência humana segue revesti interesse um parecer esgotá

dar, julga corresponde. E será depois a nascença do Amor, a redenção de Bárbara, que há-de recuperar a razão, em suma, o romance

POEMA INÉDITO

UM DIA DESTES, ZÁS!, MORRO!

por Manuel António Pina

Entre Deus e o Diabo, venha o Diabo e escolha. —
Entre amar-te e a vida te escolho, ó dia como
uma doença de pele, e te redijo
por palavras minhas — envergonhadíssimo ó dia!
conforta-me e lava-me de toda a porcaria, que eu
com a unha da melancolia te corrijo.

Em Lisboa perdi a paciência.
— Fui crucificado morto e enterrado.
Ressuscito-te dos mortos Só dentro da barriga te per-
sisto,
e entre dentes te percorro de solidão inesperado.
A ti recorro, ó cirurgião, estou tão zangado tão zangado!
e morro porque não tenho idade para isto.

GOYA:

«EL TIEMPO MUDA LAS ORAS»

Alguém esteve em Madrid e visitou o Prado «como não podia deixar de ser». **Chegado aí, lembrou-se do «Diário de Lisboa» porque, diz,** «o «Diário de Lisboa» é o meu companheiro de todos os dias».

E foi assim que o postal chegou às nossas mãos. Com um abraço. Não conhecemos quem o assina. Mas conhecemos Goya, que o desenhou. Isso nos basta. Goya, uma companhia sempre desejada.

breve encontro com

JOÃO JOSÉ COCHOFEL

● UM DICIONÁRIO DE LITERATURA EM MOLDES NOVOS

Um encontro com João José Cochofel, mesmo breve, tinha que dar frutos. Vencendo a natural tendência para evitar confidências e depois de bastante instado sobre a sua presente actividade literária, sempre nos foi dizendo:

— Trabalho sempre em várias coisas ao mesmo tempo. Nesta altura, ocupa-me sobretudo a organização de um «Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», **de que uma casa editora me encarregou. Quereria eu que fosse um dicionário estabelecido em moldes novos, que desse particular atenção à problemática literária e que desdobrasse em vários aspectos as rubricas mais importantes, a tratar por outros tantos especialistas.**

— Em que fase se encontra esse trabalho?

— A obra está ainda numa fase preparatória e é cedo para citar nomes, até porque ainda me não dirigi senão a um pequeno número dos colaboradores previstos. Mas posso desde já confessar-lhe a minha satisfação por nenhuma das personalidades abordadas se ter escusado ao convite e dizer-lhe que tenho já assegurada a colaboração de alguns dos mais destacados estudiosos da nossa literatura, entre eles um Rodrigues Lapa, um Vitorino Nemésio, um Prado Coelho, um Lindley Cintra, um Salgado Júnior ou um Óscar Lopes.

— Alguma obra a sair em breve?

Cochofel hesita. Assim em estado adiantado, nada. Mas...

● À ESPERA DA POESIA...

— Gostaria de levar por diante uma velha ideia: a de reunir em volume escritos antigos, entremeando-os com as minhas opiniões de hoje sobre os mesmos assuntos. Mas o livro, a que chamarei «Opiniões com data», emperrou por motivos vários (principalmente o fastio de me reler a mim próprio) e progride tão lentamente que me tenho achado já a comentar os comentários de há dois ou três anos...

— Quanto a poesia...

— A respeito de versos, nicles. A poesia, nunca a procuro, deixo-a vir ter comigo. E passam-se às vezes muitos anos sem que ela me bata à porta. Cá estou à espera.

● À DESCOBERTA DE ZOLA

Falou-se um pouco do quotidiano, de música, de jornalismo e de livros.

— **As últimas coisas que li** — disse-nos por último — **foram quatro romances de Zola, que ainda não conhecia. É verdade, Zola. E que espantoso escritor! Li-o pouco na minha juventude, quando o devia ter lido. Mas, nesse tempo, tanto a gente da** Presença **como a do neo-realismo não morriam de amores por Zola e pelo seu naturalismo. Quando afinal a complexidade interior de** «Thérèse Raquin» **ou de** «Une Page d'Amour» **e o grandioso painel social do** «Germinal» **pareceriam de molde a apaixonar uns e outros. Mas os preconceitos de escola são implacáveis. E ainda bem que o são. Senão, como se renovaria a literatura?**

NOTÍCIA

O primeiro livro de Álvaro Guerra, o romance «Os Mastins», deve ser publicado em França. A tradução está pronta e há duas editoras francesas interessadas. O autor juntou à versão francesa um novo capítulo.

Toada à Maria

Maria porque
não corres
como corrias
pela calçada
e não usas
as cores garridas
que usavas Maria
nessas corridas
e nem despes
o avental como
quando o deixavas
a corar ao Sol
e não cantas
Maria nas tuas
lides e porque
deixaste o jardim
ao domingo
e és diferente
Maria já não
vais com a tropa
prá Romaria
do S. João
porquê então
essa diferença
Maria já não
coras nem corres
pela calçada
nem brincas
com a meninada
desempregada.

JOSÉ MANUEL SOEIRO

FORA DE PORTAS

● O grande «best-seller» inglês de 1967 talvez espante muita gente. Título: «The Gipsy Moth circles the World» («O «Gipsy Moth» dá a volta ao mundo»). Do navegador solitário Sir Francis Chichester.

● **«Ciné-Revue» pôs, há pouco, esta pergunta ao romancista Romain Gary: «Como se vive com uma esposa que é vedeta?» Resposta do autor de «As raízes do céu», feliz consorte da actriz Jean Seberg: «Há oito anos que vivemos juntos dia e noite. Jean não me aborreceu um só momento que fosse. (...) Digamos a verdade — a maioria das actrizes de cinema não chega nunca à maturidade. Pois Jean deu esse passo humano: deixou (felizmente) a adolescência para tornar-se adulta».**

● Revelação de Eileen O'Casey, viúva do dramaturgo irlandês Sean O'Casey, a propósito dos desenhos do marido: «Não lhes achávamos muita graça, por isso acabaram quase todos no lixo». As poucas amostras que restam dão fé de um extraordinário observador, propenso à caricatura ou à simples «charge». Estas e outras curiosidades vinham num dos últimos «Sunday Times», juntamente com um auto-retrato de O'Casey (o dramaturgo sentado, boina na cabeça a cachimbo suspenso da boca, falando a uma visita: um melro).

● **Novidade alemã ocidental: o epistolário de Henry Miller e Lawrence Durrell, aliás já lançado em edição portuguesa pela Ulisseia. A propósito — Durrell entregou, para publicação, um novo romance, «Tunc».**

● Novidade inglesa: «Reminiscências afectuosas», do famoso editor-livreiro Victor Gollancz. Um volume importante para a compreensão do ambiente literário (etc., etc.) de Inglaterra nos últimos trinta anos.

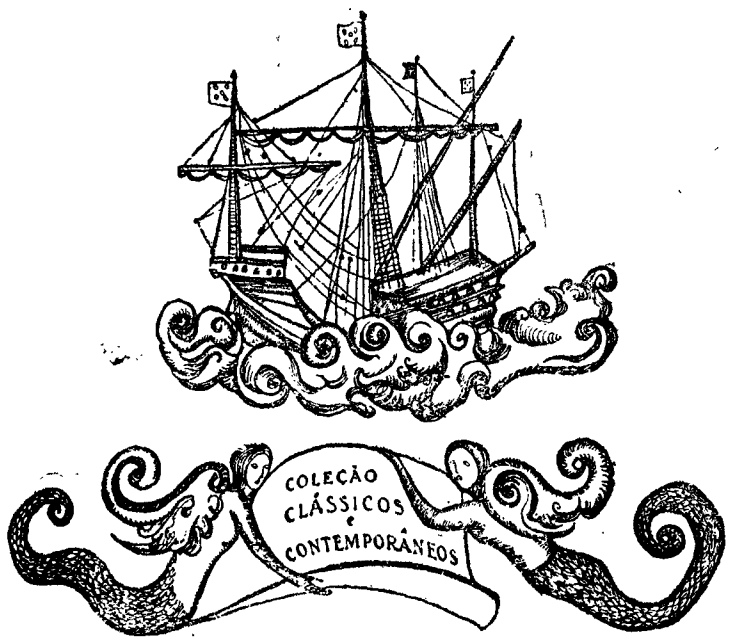
● **Alberto Moravia, que desde muito novo colabora na Imprensa italiana, quis há meses obter o cartão de jornalista profissional. Acabou por desistir. Um dos passos obrigatórios era uma prova de língua italiana.**

ESTE ANO JÁ HÁ CANDIDATOS AO PRÉMIO NOBEL

COMEÇA a falar-se do Nobel de Literatura referente ao ano que corre. Primeiros candidatos apontados: Günter Grass, Jaroslaw Iwaszkiewicz, Arthur Lundqvist, Aimé Césaire, Léopold Sédan Senghor, Nicolás Guillén e José Maria Pemán.

JAIME CORTESÃO

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA



Reprodução da capa da edição brasileira de «A Carta de Pero Vaz de Caminha», de Jaime Cortesão, desenhada, como que em pura filigrana, por Vieira da Silva

VIEIRA DA SILVA CAPISTA DE LIVROS

É um aspecto desconhecido da grande pintora que é Maria Helena Vieira da Silva, dos nomes mais altos da arte contemporânea, o de ela ter desenhado pelo menos uma capa de livro. E o autor desse volume é nome grado das letras e da vida pública portuguesa.

Jaime Cortesão deixara o seu exílio em Espanha e França; e, após uma passagem por Portugal, fora acolher-se à terra amiga e fraterna do Brasil. Lá estava também a artista que deixara a França no tempo de guerra, partindo para o outro lado do Atlântico.

Jaime Cortesão iria continuar a sua obra de historiador e talvez a sua residência no Brasil seja até o ponto culminante dessa obra histórica. Em 1943 era publicado por Livros de Portugal o livro, ora reeditado entre nós, de «A Carta de Pêro Vaz de Caminha», estudo de investigação e interpretação notável. O historiador começava a pagar ao Brasil o carinho com que o recebera, estudando-lhe as origens e esse livro era como que consagrado à certidão de nacimento do país. De nascimento ou de achamento, tanto faz.

A vinheta da contra-capa do volume, com a assinatura de Vieira da Silva

A capa e a contracapa do volume foram desenhadas por Maria Helena Vieira da Silva, como se diz no frontespício. A assinatura da artista encontra-se na vinheta

«Terra Santa Evocação dos seus Caminhos»

por Leonardo Coimbra, Filho

O sr. Leonardo Coimbra, Filho, escreveu este livro de peregrinação pelos caminhos da Terra Santa, como quem cumpre uma promessa e a emoção que o toma todo é realmente compreensível. A herança de um nome como o que usa pesa sem dúvida.

Sobre ele desde 1936 as palavras ultimas que ouvira a seu pai: «Só uma coisa me resta e me interessa ainda fazer: escrever um livro sobre Jesus Cristo. Quando estiveres curado partiremos os dois para a Terra Santa.»

As estradas e os caminhos da Palestina foram percorridos só pelo filho já que ao pai o arrebatava pouco depois um brutal desastre de viação. E o livro sobre a «*Terra Santa, Evocação dos seus Caminhos*» saiu agora, em edição magnífica da Livraria Tavares Martins. Enforma-o de começo ao fim a religiosidade do autor. Foi um romeiro o da Palestina e é um guia profundamente emocionado o que nos transmite as suas impressões pelas terras de Jesus Cristo.

A desvalorização do livro na Inglaterra

por CHRISTINE BROOKE-ROSE

Não temos prémios, pelo menos aqueles que temos não causam drama algum, e só têm direito a três linhas nos jornais. O grande público, realmente, não se interessa por livros. O único prémio a que se dá alguma publicidade, é o prémio W. H. Smith (uma cadeia de livrarias-papelarias), atribuído este ano a Jean Rhys, uma redescoberta. Nascida nas ilhas Sotavento, semi-creoula, escrevia nos anos 30 romances «dilacerantes» acerca da mulher abandonada, alcoólica, perdida. Depois disso desapareceu.

O seu novo livro, *Wide Sargano Sea* (1966), é uma reconstrução fictícia da vida de Mme. Rochester, a esposa louca em *Jane Eyre*.

Mas o ano começou por um gesto iconoplasta estupendo: *cinquenta clássicos de língua inglesa que se podiam dispensar. Hamlet, Tom Jones, O Monte dos Vendavais. Wordsworth*, Galsworthy e muitos autros são condenados e espirituosamente executados pelos autores, a romancista Brigid Brophy, seu marido Michael Levey, um historiador de arte e o crítico musical Charles Osborne.

O romance de outrora sobrevive. Os nossos escritores que voltam as costas à Europa, há uns quinze anos, estudando quando muito a literatura americana, como única disciplina «estrangeira» pagaram caro a sua insularidade. Histórias de família, de infância, de escola, de correrias, bem feitas e banais. O próprio William Golding, depois de brilhantes começos, tornou-se pueril com *Pyramide*.

V. S. Naipaul, escritor hindu, nascido na Trindade, que teve até agora muito êxito, publicou *The Mimic Men*, belo título cujo livro não cumpre as suas promessas.

A crise do romance tradicional faz-se, todavia, sentir; há alguns remoinhos de insatisfação. Até mesmo Angus Wilson, decano do «galworthismo» moderno se aventurou em *No Lau ghig Matter:* esta história de família de 1912 a 1967, é desdobrada pela ironia do autor, que cria um segundo romance, escrito por uma das filhas, e cujo assunto é uma família fictícia que não consegue nunca fazer viver como vive a sua. A família criada por Angus Wilson é representada através de cenas de teatro.

Muriel Spark publicou um feixe de *Novelas*. A sua originalidade teve muita influência, nomeadamente sobre William Trevor.

Este ano, um novo escritor, Paul Bailey, levou muito mais longe o estudo *geriátrico* que primeiro Muriel Spark havia feito em *Momento Mori*, mas suprimido o elemento sobrenatural.

Quanto ao romance experimental, anda mal orientado, e é puramente formal, como *Doubtfire* de Robert Nye, representação pseudo-surrealista do estado adolescente sob forma de colagem (?).

Houve, evidentemente, as curtas peças de Beckett, mas estão traduzidas em francês: este escritor é, aliás, irlandês como Flann O'Brien, autor de *At swim two birds*, falecido em 1966, o maior escritor depois de Joyce e Beckett.

Em *The third policeman*, aparecido este ano, conta ele a história de um homem morto que se encontra numa região extraordinária onde os homens são metade bicicletas, metade seres humanos.

À parte isto, o melhor romance do ano é *The Hen's House*, de Peter Israel. O *le* do romance vive num instituto com intermináveis corredores e discute, todos os dias, o seu caso com um homem a quem ele chama «the Hen» (isto é, «a galinha»).

Pouco a pouco, aceita-se a si mesmo. O importante é ser julgado culpado no fim do tratamento.

Alegoria da vida, do inferno, da morte, do Paraíso?

Israel, o escritor, evoca sobretudo o terror do desconhecido, que tanto nele como em Kafka, tem um valor por si, independentemente do seu objecto. Mas de facto Israel, que vive em França, é americano. Então o balanço inglês... talvez venha a ser preciso voltarmo-nos, finalmente, para a Europa.

C. B. R.

O contrato de Zola com o seu editor

Na «História da Livraria», de Maurice Chavardès, agora publicada, se contam as relações de Zola com os seus editores. E vem, entre outros, o montante da sua primeira mensalidade.

No final do século XIX, as relações entre livreiros e escritores fixam-se numa base mais pessoal. «Já se não trata apenas de um livro, mas muitas vezes se transaccionam obras a publicar e ainda não escritas. Quando o escritor parece ter êxito, obtêm do próprio editor uma pensão. A Georges Charpentier, Zola solicitou uma nos seguintes termos: «Preciso de quinhentos francos por mês. Se eu os tiver, penso escrever a minha obra e poderei dar-vos dois livros por ano...». O editor aceitou.

«Nos primeiros tempos pareceu que o editor se arruinaria. Os «Rougon-Macquart» tiveram pouco êxito. Foi o próprio Zola que lealmente ofereceu a Charpentier a anulação do contrato, mas ele recusou. «L'Assomoir recompensará o editor de tal maneira que foi o próprio Charpentier quem rasgou o mesmo contrato para propor outro, bem mais favorável, ao romancista. Esses assaltos de correcção hão-de ter continuidade depois, por altura da venda dos fundos de Charpentier a Fasquelle, a exigir deste que dê uma pensão vitalícia áquele.»

ACABA DE SAIR NA

ANTOLOGIA DA TERRA PORTUGUESA

a segunda edição revista e aumentada de

O MINHO

Introdução, selecção e notas por

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

Recolha de textos de autores do século XIII aos nossos dias sobre a paisagem e os costumes do Minho. Ilustrado com numerosas fotografias de várias épocas

VOLUME DE 244 PÁGINAS — 40$00

LIVRARIA BERTRAND

POESIA P

por

Afonso L

AFONSO L

NÃO anda actualmente muito lembrado o nome de Afonso Lopes Vieira. A sua poesia, no entanto, é de mais significativas de entre a obras poéticas imediatamente anteriores ao modernismo — para não falarmos, por agora, da sua acção exemplar de homem de letras, constantemente empenhado no ressurgimento e na valorização do nosso património literário, quer incutido, através da sua «campanha vicentina», o gosto pelo teatro de Gil Vicente, quer traduzindo para vernáculo (ou melhor, como ele entendia, restituindo à sua forma genuína) algumas obras fundamentais da sensibilidade portuguesa, tais como O Amadis de Gaula *ou* A Diana *de Jorge de Montemor, que apenas corriam, e por diferentes circunstâncias, em versões castelhanas.*

Como poeta, Afonso Lopes Vieira — que nasceu, em Leiria, em 1878 — estreou-se, em 1897, com o livro Para Quê?, *bastante típico do estado de espírito finissecular, nas suas decadentes manifestações de derrotismo, mas muito longe de corresponder, por isso mesmo, aos aspectos positivos que ulteriormente se afirmariam na sua obra. A este respeito, o segundo livro —* Náufrago *—, publicado no ano seguinte, já será incomparàvelmente mais representativo. Como viria a dizer Agostinho de Campos, «o intérprete sonoro, consciente e estudioso da alma nacional e da tradição popular; o bardo-cidadão, apostado em pôr sempre a sua arte ao serviço das ansiedades, esperanças e melhorias espirituais da nossa grei; o infatigável e infalível mineiro dos grandes veios líricos lusitanos; o buscador magnético da remota e invisível Estrela que governa o nosso* ethos *colectivo (...) — todos estes aspectos da alta e defini-*

tiva figura d Lopes Vieira poeta futuro Náufrago. *A -se-ia, de p 1940, mais d volumes de v que mais c plena afirma riam, decerto (1917),* Pai Azul (1922) *acaba e o M M. Teixeir -o como «alf lidades intel Agostinho de «gentil-home por fora»; chamou-lhe ciência lusi figuras de Jaime Cortes gio, Raul P Gomes, emb rios na quest pes Vieira f quico), em*

A SENHORA MARIA LARA
DA PRAIA DA NAZARÉ

Minha boa Amiga senhora Maria Laranjo, da praia da Nazaré,
em quem tanto admiro essa fidalg
de um povo que na Europa o mais
muito agradecido pelo almoço Rea
que aí me deu junto às ondas do
tivera Camões comido um igual,
fazia-lhe versos, mas não a zomba

Minha boa Amiga senhora Maria Laranjo, da praia da Nazaré,
por minha mulher a receberia
(se a minha Amiga quisesse, já se
se acaso a conheço quando era sol
para ser agora — ventura tamanh
em vez de pobre — ai, marinheiro
mendigo do mar, mais de compan

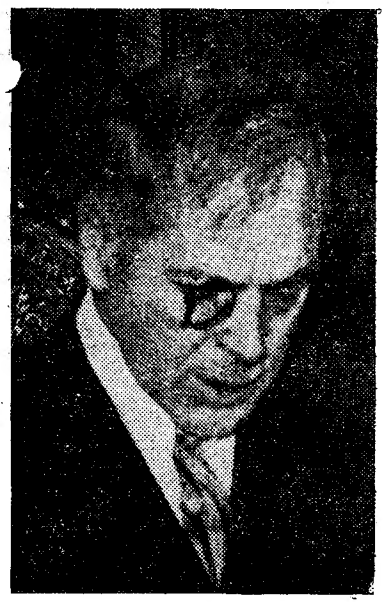
Estando da banda dos pobres do m
já eu não teria, como tenho às vez
remorsos tamanhos e tão graves fe
de ver tantas dores em roda a pena
assim penaria e acreditaria
como eles, por lindo milagre da fé,
que depois no mar do Paraíso seria
o pescador mais feliz da Nazaré!...

Mas já que eu errei, por destino fa
o que era a mi[illegible]ura, certa vo
saiba que em si [illegible] admiro Port
no que tem de belo — alma e cora
E saibam as altas senhoras princes
que há uma fidalga aí na Nazaré
com quem elas podem aprender fin
e a dar um almoço que tão fino é.

ESIA PARA TODOS

por DAVID MOURÃO-FERREIRA

fonso Lopes Vieira



AFONSO LOPES VIEIRA

ulmente mui-
o nome de
oes Vieira. A
tanto, é di-
vas de en-
as imediata-
ao modernis-
alarmos, por
ção exemplar
ras, constan-
lo no ressur-
lorização do
literário, quer
la sua «cam-
o gosto pelo
te, quer tra-
rnáculo (ou
ntendia, res-
ma genuína)
undamentais
portuguesa,
dis de Gaula
rge de Mon-
s corriam, e
rcunstâncias,
anas.
fonso Lopes
ceu, em Lei-
streou-se, em
Para Quê?,
o estado de
r, nas suas
festações de
muito longe
or isso mes-
positivos que
firmariam na
espeito, o se-
frago —, pu-
quinte, já se-
ente mais re-
o viria a d
Campos, «o
consciente d
nacional e da
o bardo-ci-
em pôr sem-
o serviço das
anças e me-
s da nossa
l e infalível
des veios li-
o buscador
ota e invisí-
verna o nos-
(...) — todos
alta e defini-

tiveram como companheiro na luta contra inúmeras formas de prepotência e de obscurantismo. «Construtor de nuvens», como ele a si mesmo se apelidava, sentindo constantemente «o exílio na amada pátria», Afonso Lopes Vieira sempre «buscou contribuir para reaportuguesar Portugal tornando-o europeu» — e bem merece, por tudo isso, a nossa mais grata admiração. O seu nacionalismo *nunca foi o de muitos outros que pretendam agora aproveitá-lo: foi antes, preponderantemente, um nacionalismo literário, um nacionalismo linguístico.*

Os momentos mais fecundos da sua vida viveu-os numa casa que possuía em São Pedro de Muel — «numa casa que está rezando ao mar» — e bem pode dizer-se que aí sempre o visitaram — até á hora da morte, ocorrida em 1946 — as vozes mais representativas do lirismo português, de D. Dinis a Bernardim, de Camões aos autores obscuros dos romances populares. Era uma permanente assembleia, de que a todo o momento Afonso Lopes Vieira se sentia acompanhado; eram os eternos «fala-sós» da arte e da quimera, evocados por ele numa poesia das Ilhas de Bruma: *«Meu Portugal de almas na lua, inquietas, / Que balbucia tanta incerta voz? / Minha pátria, coitados dos teus poetas, / Que são cá sempre os grandes fala-sós!». Tão importante como esta presença da poesia do passado — como esta presença de múltiplos* tempos *dentro do seu* tempo — *se revela também, na sua obra, a presença dos* lugares *onde as suas raízes mergulham ou onde a infância lhe decorreu: os «lugares», em suma, do termo de Leiria, da província da Estremadura, dessa «província bem amada / e toda toda toda povoada / de mosteiros, castelos e Memórias.» Esta foi sempre, para Lopes Vieira, «a pequena pátria que adoramos / na grande, a de confins ilimitados.» Sob este aspecto, a sua atitude assemelha-se bastante à de Valery Larbaud na permanente valorização do seu Bourbonnais natal, sem prejuízo, em nenhum deles, da constante apetência cosmopolita e da visão universalista dos problemas culturais. Mas não eram apenas os «lugares» da sua Estremadura bem amada que interessavam ao poeta Afonso Lopes Vieira: eram também as* pessoas, *os naturais e os habitantes desses lugares, desde um Mouzinho de Albuquerque (que ele evocaria, por mais de uma vez, em verso e prosa) ao mais humilde pescador ou à obscura senhora Maria Laranjo da praia da Nazaré, que lhe serviu um excelente almoço — almoço que ele não esquece e que procura retribuir com um encantador poema de circunstância, que é, sem dúvida, dos mais belos exemplos de poesia populista de toda a nossa literatura e até um curioso documento do sentimento de culpa de uma classe privilegiada perante a elegância natural e a dignidade insubornável de uma limpida figura do povo.*

tiva figura literária de Afonso Lopes Vieira alvorecem para o poeta futuro, nas páginas do Náufrago. *A este livro seguir-se-ia, depois, desde 1899 a 1940, mais de uma vintena de volumes de versos; mas aqueles que mais contariam para a plena afirmação da sua voz seriam, decerto,* Ilhas de Bruma *(1917),* País Lilás, Desterro Azul (1922) *e* Onde a Terra se acaba e o Mar Começa (1940). *M. Teixeira-Gomes retratou-o como «alfobre de raras qualidades intelectuais e morais»; Agostinho de Campos definiu-o «gentil-homem por dentro e por fora»; Aquilino Ribeiro chamou-lhe «poeta da subconsciência lusitana»; e grandes figuras de democratas como Jaime Cortesão e António Sérgio, Raul Proença e Azevedo Gomes, embora seus adversários na questão do regime (Lopes Vieira foi sempre monárquico), em muitas ocasiões o*

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Auto-retrato inédito do tenor Caruso

Enrico Caruso (1873-1921) foi um dos grandes tenores de sempre e os raros que ainda restam de entre os seus ouvintes lembram-no sempre com saudosismo e verdadeiro desvanecimento. Foi dos nomes mais altos da ópera lírica e dramática de todos os tempos e desde o «Othelo» ao «Rigoleto» o seu repositório era o dos grandes cantores.

Enrico Caruso esteve várias vezes em Portugal nos tempos áureos do teatro e da ópera no nosso País. A plateia de São Carlos encheu-se sempre para o ouvir. É de uma dessas ocasiões o desenho inédito que hoje damos aos nossos leitores. Caruso era um tenor de cultura literária e artística e desenhando a primor, em traços firmes. Alguns dos seus auto-retratos são conhecidos. O que hoje publicamos foi feito pelo tenor no álbum de D. Leonor de Castro Guedes Rosa, esposa de Augusto Rosa, em 1903, durante a época de ópera de São Carlos.

Caruso desenhou-se tal como aparecia na ópera «Rigoleto». O tenor tinha na altura 30 anos, nascido que fora em Nápoles em 1873.

TERREIRO DAS LETRAS

Esse Pedro Hispano que em Lisboa nasceu, que foi médico e filósofo, cardeal, e ascendeu ao Papado sob o nome de João XXI, morrendo com uma telha na cabeça no seu palácio de Viterbo, tem suscitado estudos sem conta. É um dos grandes lisboetas de todos os tempos. Ainda agora o dr. J. M. da Cruz Pontes publica, em separata de «Revista Portuguesa de Filosofia», o estudo que realizou «Para situar Pedro Hispano Portugalense na história da Filosofia». **O único português que Dante nomeia na «Divina Comédia» exerceu acção preponderante na filosofia do seu tempo, não apenas pelos seus livros que se universalizaram, como as «Sumulae Logicales» e o «Thesaurus Pauperum», mas também por medidas durante os breves oito meses do seu pontificado. No seu estudo, o dr. Cruz Pontes, com uma bibliografia e notas a atestar o recheio de erudição, fixa cada um dos elementos que serviram para universalizar o nome de Pedro Hispano e dar-lhe a grande influência que, de facto, exerceu nas ciências filosóficas.**

A função de traduzir não é, apenas, contra o que muitos pensam, uma função mecânica de conhecimento de duas línguas. Exigências culturais e conhecimentos são precisos para verter a um idioma o que outrém disse para outras gentes. Já se definiu a função de traduzir como sendo o dizer numa língua aquilo que nela teria dito o autor se nela tivesse escrito. Sendo assim, não são muito menores as exigências do bom tradutor do que as do autor. Como escritor, tanto faz ser-se autor como tradutor. O «Dom Quixote», de Cervantes, vertido em português por Aquilino, é tanto deste como daquele, e nele esplende a prosa de Aquilino como em qualquer dos seus livros originais. Não se compreende, por isso, que alguém se meta a traduzir uma obra sem conhecer sequer a língua para onde traduz. O que pensar, por exemplo, do conceito de responsabilidade de quem toma sobre si o encargo de uma tradução de obra de história e nos fala, em português, de «*Bavária*». Não se chega, sequer, a aperceber que em português há uma região chamada Baviera? Há, igualmente, «Bavária», mas não neste mundo de Cristo. Diz-nos o dicionário que é «o asteróide n.º 301 do catálogo».

Os estudos bibliográficos são indispensáveis para o estudo completo da obra de certos autores. A exemplo do que fez Neves Águas em Portugal para Jaime Cortesão, estando prestes a sair a parte brasileira relativa ao mesmo escritor, há que realizar bibliografias sistemáticas dos homens que têm influenciado o pensamento ou a arte portugueses. Está em curso, neste momento, a publicação da bibliografia de Thomas Mann. O primeiro volume, saído em 1955, registava nada menos de 3000 títulos. Foi publicado pela «University of Minnesota Press», Minneapolis. O segundo volume, abrangendo o período de 1955 a 1964, sairá em breve e compreende também à roda de 3000 títulos.

A grande camiliana que está a ser leiloada em Lisboa não tem o nome de quem a reuniu, embora muitos dos livros tragam ex-libris. Mas ela é bem significativa e representativa da paixão de um bibliófilo que um dia quis coleccionar o que lhe fosse possível sobre Camilo. Há livros que foram comprados e encadernados apenas porque, em cada página, trazem um pensamento de Camilo. Outros porque, em determinado local da exposição, o autor fala de Camilo e o cita. E o possuidor anotava, no começo do volume, essas páginas e esses pensamentos. Essa camiliana serviu de elemento de trabalho a alguns estudiosos. Lembremos que há pouco tempo ainda, o eng. Gustavo de Ávila Perez publicava, na Portugália Editora, um volume sobre «As Traduções do Amor de Perdição». **Em tiragem limitada, naturalmente. Os volumes que lhe serviram para análise vão ser vendidos agora, a quem mais dê.**

Na altura em que se multiplicam os estabelecimentos de ensino superior, com Estudos Gerais em Angola e Moçambique e se ergue a Universidade Católica, pode lembrar-se que uma única Universidade existiu em Portugal até à República. Escolas superiores em Lisboa e Porto, depois do Liberalismo, prenunciavam as respectivas Universidades que só seriam fundadas depois de 1911. E, contudo, já no século XVI, quando surgiu o conflito entre a Universidade de Lisboa e D. João III, foi enviada a este soberano uma carta por muitos dos lentes, entre eles Pedro Nunes, acentuando «Que muito proveito será a seus Reinos o haver hi duas Universidades, pois em outros Reinos há muitas mais». Mas D. João III pensava transferi-la para Coimbra e transferiu mesmo. Quase quatro séculos depois é que Lisboa voltaria a ter a sua Universidade. O movimento universitário português do século X◆[é lembrado e estudado, mais uma vez, no estudo que o dr. Jorge Alves Osório consagrou a Mestre João Fernandes, ao reeditar, traduzir e anotar «A Oração sobre a Fama da Universidade» (1548). **Editado pelo Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra depõe da cultura e qualidades de trabalho, investigação e inteligência do dr. Jorge Alves Osório, que o apresentou como tese de licenciatura.**

NHORA MARIA LARANJO
A PRAIA DA NAZARÉ

a boa Amiga enhora Maria
jo, da praia a Nazaré,
inha mulher a receberia
minha Amiga quisesse, já se vê)
aso a conheço, quando era solteiro,
ser agora — ntura tamanha —,
z de pobre[illegible], marinheiro,
igo do mar, ais de companha.

do da banda do pobres do mar
não teria, como tenho ás vezes,
sos tamanhos e tão graves fezes
r tantas dores em roda a penar;
penaria e acreditaria
eles, por lindo milagre da fé,
epois no mar de Paraiso seria
cador mais feliz da Nazaré!...

já que eu errei por destino fatal,
era a mis[illegible]oura, certa vocação,
que em si [illegible] admiro Portugal
e tem do belo — alma e coração.
oam as altas senhoras princesas
á uma fidalga aí na Nazaré
quem elas podem aprender finezas
ar um almoço que tão fino é.

EM TORNO DE UMA CONFERÊNCIA

A tradução literária e os seus problemas

por J. A. PENICHE ROSA

Admirável e oportuna a lição que o escritor Curt Meyer-Clason proferiu no Instituto Alemão no passado dia 4 de Dezembro sobre «O Elemento Criador na Tradução de Poesia e Prosa». Dominando perfeitamente o Português (em que se exprime elegantemente com sotaque brasileiro), tradutor experiente de poetas e prosadores tanto brasileiros como portugueses (incluindo Fernando Namora e Rúben A.) para o seu alemão materno, ninguém mais habilitado do que Meyer-Clason a dizer-nos o que uma boa tradução literária deve ser e a apontar-nos os escolhos que o tradutor honesto deve evitar no seu labor.

Embora referindo-se predominantemente ás suas soluções para determinados problemas da tradução literária (posto que, modesta mas também verazmente, não se esquecesse de frizar que cada tradutor tem a sua solução), da sua bem documentada conferência resultam diversas lições de aplicação genérica que todos os tradutores de obras literárias fariam bem em ter presentes.

Para aqueles (e são tantos) que consideram a tradução um ramo menor da actividade literária, a conferência de Meyer-Clason constitui uma reabilitação do tradutor. Que no trabalho de tradução entra (ou deveria entrar) um elemento criador na razão directa do conteudo estético do original, eis o que apriorísticamente se reconhece embora na prática tanto se descure.

Vozes autorizadas têm-se levantado para dizer que, salvo honrosas excepções, a tradução literária em Portugal deixa ainda muito a desejar. Chegou-se a sugerir (e bem) a atribuição de um prémio — a que se daria a designação de «Prémio Tomaz Kim», em memória do poeta recentemente desaparecido — ás traduções que o merecessem pelo seu brilho e qualidade.

De facto, traduz-se bastante em Portugal (a nossa produção livreira é predominantemente constituída por traduções), mas nem sempre se pode dizer que se traduza bem. Quantas vezes, mesmo sem acesso ao original, o leitor sente que há qualquer coisa que destoa, ou, pior ainda, que não faz, sequer, sentido. E, se se comparar o original com a tradução, não raro é a musicalidade que falta, a cadência que anda arredia, o conteudo que só é dado em parte (quando o é) e, por vezes, a batotazinha de cortar pura e simplesmente o que se afigura mais difícilmente traduzível.

Uma boa tradução não se deve contentar com a mera superficialidade do texto; tem de ser multidimensional. Há que reproduzir tanto quanto possível o conteudo recôndito dos vocábulos e das expressões, se necessário «desdobrando-os»; há que ecoar, mesmo que, por vezes, de forma algo diversa, a musicalidade e o ritmo do original; há que respeitar construções a que, por parte do autor, presidiu determinado intuito que o tradutor não pode escamotear de ânimo leve. Sobretudo, há que ser fiel ao espírito do original.

Cultura geral, sólido domínio das línguas em causa, preparação literária, perspicácia, estilo, intuição linguística (esse «Sprachgefühl» que, mais do que adquirido, é inato), flexibilidade de expressão — eis algumas das qualidades que, a par da honestidade imprescindível a todo o trabalho consciencioso, o tradutor deve possuir em alto grau.

Que, em muitos casos, traduzir é desafiar o impossível, eis outra realidade que Meyer-Clason não ocultou. Como traduzir o «Ulysses» de James Joyce se não muito aproximativamente? Num plano menos abstruso, como reproduzir numa língua estrangeira as elegantes subtilezas do nosso irónico, mordaz, incomparável Eça, ou a rudeza desse mestre enorme que foi Aquilino? Para nós, portugueses, quase qualquer tradução dos nossos prosadores, mesmo quando cuidadosamente feita, tem um sabor aguado, como bom vinho que alguém inexplicávelmente adulterou. O mesmo dirão os estrangeiros que leiam traduções dos seus mestres.

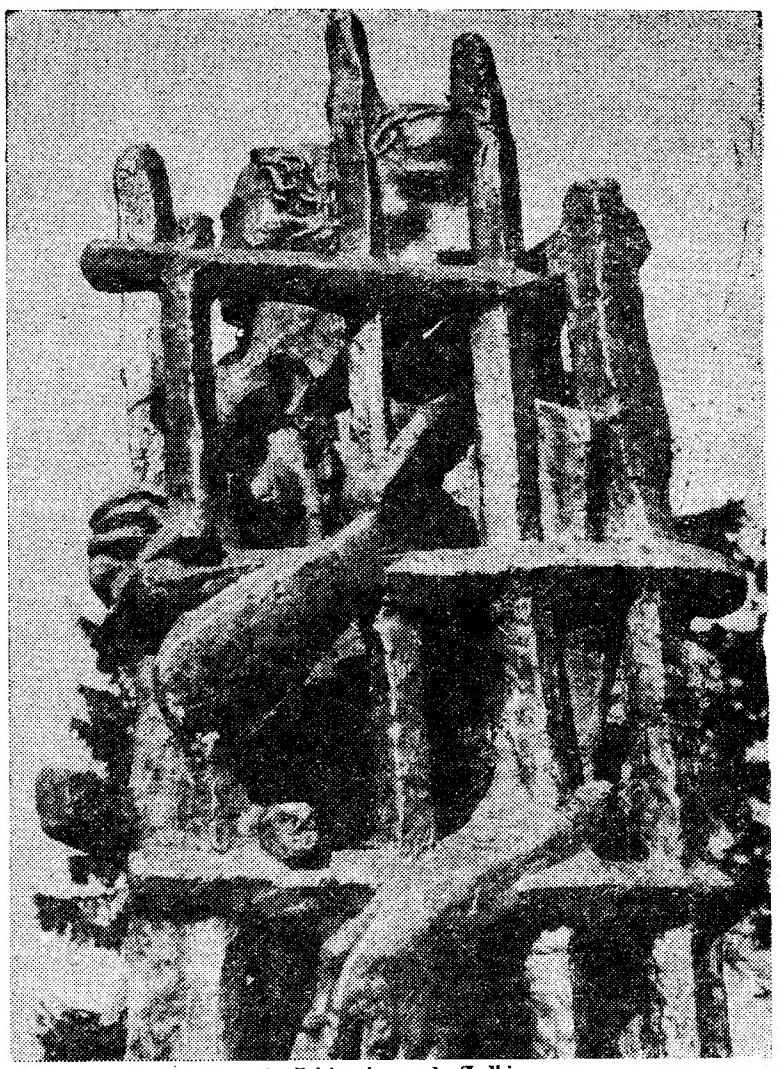
E, se formos para o campo da tradução poética, os problemas a resolver afiguram-se (e normalmente são) maiores ainda. Em inumeros casos, torna-se impossível fazer uma tradução fiel sem atraiçoar a rima, a métrica ou ambas; para as preservar, é a fidelidade que sofre. Isto não quer dizer que ocasionalmente não surjam traduções de rara felicidade; entre muitas outras, basta citar as de Luís Cardim e a notavel tradução de sonetos de Shakespeare por Maria do Céu Saraiva Jorge. Aqui, o tradutor joga com factores menos evidentes na tradução de obras em prosa; a tradução poética obedece a condicionalismos que a tornam sobremodo difícil dado o multidimensionalismo do poeta. E é nela também que o «traduttore» se revela, não raro, mau grado seu, mais do que nunca «tradittore», pela frequente impossibilidade de reproduzir cabal e fielmente a musica, o ritmo, a tensão e a economia estrutural do poema que pretende traduzir.

Há um factor, porém, que cumpre mencionar: se muitas traduções não são tão boas quanto poderiam ser, isso deve-se, em alguns casos, ás editoriais que, para cumprirem uma programação carregada, ou para não perderem a oportunidade de publicar no momento favorável a tradução de uma obra literária que causou sensação, obrigam o seu corpo de tradutores a um ritmo que desde logo diminui em grande medida, quando não exclui, a possibilidade de trabalho ponderado. Ora, as editoriais terão as suas razões, mas a actividade do tradutor literário (e seja-me permitido excluir desta categoria o tradutor de obras de valor mais informativo do que estético), para ser profícua, deve-se processar em câmara lenta (a expressão é do próprio Meyer-Clason). De facto, pode-se, talvez, exigir a um tradutor que em duas, três ou quatro semanas traduza um livro sobre a guerra do Vietnam ou sobre as actuais tendências políticas na América Latina; mas pretender que no mesmo espaço de tempo apresente uma tradução válida de Thomas Mann, Kafka ou Virginia Woolf seria, além de prova de inconsciência, um verdadeiro atentado literário.

Um problema curioso que se põe é este: será lícito o tradutor dar á sua tradução um brilho literário que o original não possui? Fê-lo, por exemplo, Eça de Queiroz com «As Minas de Salomão», é certo, mas aqui há uma traição ao invés: em «As Minas de Salomão» temos muito mais de Eça do que de Rider Haggard; em vez do caso mais usual de o tradutor não fazer justiça ao autor, é este, e não aquele, que surge largamente superado. O elemento criador é tão preponderante que o tradutor quase se substitui ao autor. Não se trataria, pois, próprimente de uma tradução, porquanto o tradutor, como porta-voz do autor, não pode pôr na boca deste o que ele não disse, ou, pelo menos, não disse de forma tão fulgurante.

A tradução literária, sendo, como é, um poderoso meio de difusão cultural, implica responsabilidades que seria criminoso ignorar. É confrangedor encontrarmos, por vezes, autores que reconhecemos esplenderosos na língua original vestidos na pelintrice do lugar comum vistoso, na sonoridade oca das frases feitas, no linguajar balofo que pouco significa para além do trivial, quando não no solecismo imperdoável. Acresce que uma má tradução amplamente divulgada, mormente se a língua original for pouco conhecida, pode prejudicar a reputação de um bom autor, prestando-lhe, ao fim e ao cabo, um péssimo serviço.

Em 1736 dizia o crítico e escritor alemão Johann Christoph Gottsched na sua obra «Ausführliche Redekünst» que considerava o trabalho de tradução literária um bom treino para o aspirante a escritor. É verdade, mas é pouco; traduzir, mais do que simples treino, deve e pode ser uma actividade eminentemente criadora, como muito bem salientou Curt Meyer-Clason. Que os nossos tradutores literários nunca o esqueçam.



«Os Prisioneiros», de Zadkine

«OS PRISIONEIROS» DE OSSIP ZADKINE

Desapareceu há poucos meses, para sempre, o grande escultor Ossip Zadkine, que nascera na Smolensk, de nome na história, e deixara a sua Rússia nevada para estudar em Paris e Londres, no começo do século. Em Paris se fixaria depois e se nacionalizaria até francês. O grupo intitulado «Os Prisioneiros», que hoje reproduzimos e se encontra na cidade de Colónia, na Alemanha, documenta bem a forma de trabalhar de Zadkine, de talhe directo na matéria e procurando seus efeitos plásticos numa série de jogos de planos convexos e côncavos, em arestas vivas, procurando mais sugerir do que dar-nos a realidade completa

A Escola de Gramática do Cabido da Sé de Lisboa

No seu estudo sobre «As Escolas Capitulares no primeiro século da Nacionalidade Portuguesa», aparecido nos «Arquivos de História da Cultura Portuguesa» (vol. 1, n.º 2), o dr. Francisco da Gama Caeiro trata do problema da localização da primeira Escola de Gramática do Cabido de Lisboa. Muitos a localizaram já em Alfama, no sítio da Cruz, quando o costume era ter essas escolas junto à Sé.

O dr. Francisco da Gama Caeiro diz parecer-lhe que, ainda nesse caso, não houve excepção: «...a escola episcopal funcionava como as demais deste género *junto à Sé*, ainda no fim do século XII e princípios do século XIII, quando a frequentou um jovem escolar, Fernando Martins, que viria a ser Santo António de Lisboa; e, ao que parece, lá se conservava também quando, depois de 13 de Junho de 1231 (data em que o Santo morreu) o quarto bispo de Lisboa, D. Soeiro II, forneceu alguns elementos biográficos ao legendista da *Vita Prima* de Santo António (entre os quais a existência dessa escola anexa à Sé), não havendo qualquer prova da transferência da escola episcopal para as casas da Confraria dos Clérigos, nem indicação de que a mesma escola precisasse de nova instalação ou de algum desdobramento.

«A escola episcopal de Lisboa não era, aliás, pròpriamente só uma *escola de gramática*, porque era uma escola para instrução ampla, sobretudo religiosa, base da formação dos candidatos ao sacerdócio, embora entre as disciplinas ali ensinadas figurasse também, certamente, a da gramática.»

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

Concurso para a exploração de lojas nas estações do Cais do Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril

1 — Até às 16 horas do dia 11 de Março próximo, aceitam-se propostas, em separado, para a exploração por 5 anos, com opção nos seguintes, de lojas nas estações do Cais do gabinetes dos chefes das estações do Estoril e Cascais.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1968
Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente, das 8 às 24 horas, na Consigne da estação do Cais do Sodré e nos

Vésperas

Ergui-te em contra-luz de poentes opressivos
o mar roxo e doirado pelos cancros do sol
as florestas em baixo uivavam salmos vivos
e então mostrei-te o mundo e disse-te — escolhe

de pedra argila e lua a tua face recta
e os teus olhos de oiro em laranjais nocturnos
a mágoa dum sorriso na boca entreaberta
permanecemos dois passados e futuros

foram nascendo aos poucos estrelas e silêncios
nem pálpebras cintilam no teu rosto cera
apenas os dois fios de lágrimas extensos
nos rios dessa noite ó minha loira eva!

JORGE GUIMARÃES

JOSÉ MARMELO E SILVA

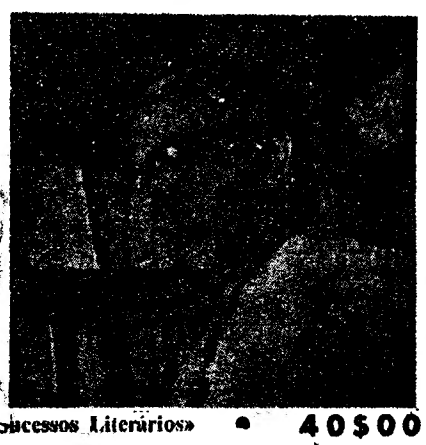
«Querem uma obra profundamente moderna e autênticamente nossa? Querem um escritor de ficção genuinamente português? Porque esperam: aqui o têm.» JOÃO GASPAR SIMÕES

O SER E O TER

SEGUIDO DE

ANQUILOSE

Um novo livro do autor de «Sedução» e de «Adolescente Agrilhoado» que rompe um silêncio de vinte anos e confirma a capacidade de um grande escritor da moderna literatura portuguesa.



EDITORA ULISSEIA • Colecção «Sucessos Literários» • 40$00

LIVROS E EXPOSIÇÕES

RONDA DAS GALERIAS

BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — Angelo de Sousa (pintura).
111 (Campo Grande, 111) — João Hogan (gravura), desde o dia 16.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Rua António Maria Cardoso) — Lud e Martins de Oliveira (desenho e pintura).
DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — Pintores portugueses.
DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — António Botelho (guaches).
GALERIA DE ARTE MODERNA (Rua Mouzinho da Silveira, 1) — Fernando Conduto (escultura).
GRAVURA (Travessa do Sequeiro) — Isabel Pons (gravura).
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL (Arcadas do Estoril) — Maria Brígida Gonçalves (pintura).
QUADRANTE (Avenida Luís Bivar, 85, c.) — Eurico Gonçalves (pintura).
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Palácio Foz — Restauradores) — Avelino Rocha (pintura).
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — Carlos Ramos (pintura), depois do dia 1. Man (pintura), depois do dia 1. Cartazes de Mathieu, no salão, só depois do dia 5.

ESCAPARATE

(De 9 a 26 de Fevereiro de 1968)

Autores portugueses

Título — Novos Temas Velhos Temas.
Autor — João Gaspar Simões.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Colecção Problemas, n.º 22.
Numero de páginas — 374.
Preço — 50$00.

Título — O Ser e o Ter Seguido de Anquilose.
Autor — José Marmeio e Silva.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Colecção — Sucessos Literários, n.º 49.
Número de páginas — 206.
Preço — 40$00.

Título — Novelas Históricas Portuguesas — Antologia.
Autor — Vários.
Editora — Estudios Cor — Lisboa.
Colecção — Colecção de Bolso, n.º 27.
Numero de páginas — 283.
Preço — 25$00.

Autores estrangeiros

Título — Blow-Up e Outras Histórias.
Autor — Julio Cortázar.
Tradutor — Maria Manuela Fernandes Ferreira.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Colecção — Nova Literatura, n.º 1.
Numero de páginas — 208.
Preço — 45$00.

Título — Os Dois Gigantes — História Paralela dos Estados Unidos e da U. R. S. S.
Autor — André Maurois e Louis Aragon.
Tradutor — José da Cruz.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Colecção — História dos Estados Unidos, n.º 1.
Numero de páginas — 232.
Preço — 40$00.

Título — Shakespeare Nosso Contemporaneo.
Autor — Jan Kott.
Tradutor — Norberto Ávila.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Presença do Homem, n.º 2.
Numero de páginas — 385.
Preço — 90$00.

«FILHO DE HOMEM»

de Augusto Roa Bastos

É da «Colecção Século XX», lançada pelas Publicações Europa-América este romance que tamanho êxito obteve em toda a América Latina e em que se focam acontecimentos de história do nosso tempo no Paraguai.

Augusto Roa Bastos no «Filho de Homem» dá o ambiente da vida paraguaia, entre a catástrofe de Sapukai e a guerra do Chaco. É romance, sem duvida, mas a vida paraguaia lateja nas páginas todas do livro que um juri sul-americano, presidido por Miguel Angel Asturias, premiou.

Boa edição com uma sugestiva capa dos estudios Europa-América.

SINTRA ESPERA-O
Para sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

As próximas edições da Portugália Editora

A Portugália Editora vai editar proximamente, na colecção «Romances Universais», o «Adolfo», de Benjamim Constante, «Cecília», de Thomas Hardy. Em «Livros de Bolso, sairão «O Destino Humano» de Cholokov, «O Cachimbo da Comuna» de Ilya Ehrenbourg e «Historia do meu Pombal» de Isaac Babel.

De Júlio Dantas sairão «Páginas de Memórias» e de João de Araujo Correia a reedição das «Folhas de Xisto».

Em «Documentos Humanos» vão aparecer «O Homem que não quiseram deixar morrer» de Alexander Dorozynski, o «Oficio de Viver» de Cesare Pavese, e a 3.ª edição das «Confissões» de Jean Jacques Rousseau.

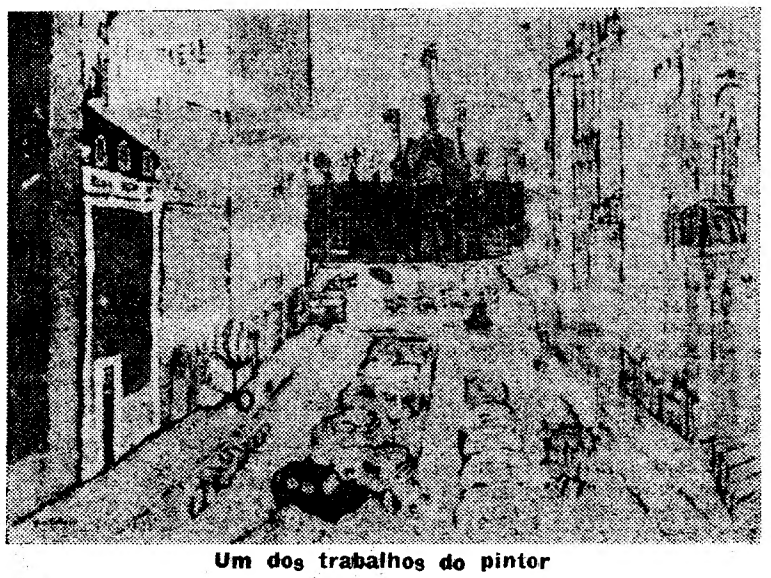
Entre outras reedições salienta-se a biografia de «António Nobre», por Guilherme de Castilho. E, nas Obras Completas de José Régio, «Histórias de Mulheres».

Empreendimento grande é a reedição das obras de Basílio Telles, o grande doutrinador da República. Começarão elas com «Do Ultimatum ao 31 de Janeiro».

ENSINO LICEAL A ADULTOS
1.º, 2.º e 3.º CICLOS
Rua do Alecrim, 47, 2.º — Tel. 32 69 57

ANTÓNIO BOTELHO

Guaches de António Botelho



Um dos trabalhos do pintor

António Botelho é um pintor que se tem assinalado em diversas exposições e numa actividade constante.

Cenografista de mérito comprovado, a pintura de António Botelho, que ora expõe na Galeria Divulgação, à Estefânia, tem essa característica fundamental. Mas a cenografia não tira solidez à obra, quando ela é realmente uma obra de arte e tem a escola que tudo o que quer resistir tem de ter.

Os guaches de António Botelho, vibrantes, decorativos, com uma preferência pelas cores fortes e berrantes, tiram seus temas da cidade, de suas ruas e praças. O movimento faz parte deles, sendo quase que a sua essência. Haja em vista aquele dos «Restauradores», com os cartazes a gritarem e, em baixo, toda a vida do centro de uma capital.

Noutras ruas, António Botelho tem a mesma cor, mas a tranquilidade provinciana do ambiente, o sossego e tranquilidade quase que repousam o espectador.

Pintor de cor e luz e vibração, António Botelho obteve merecido êxito na sua exposição. Reproduzimos um dos seus guaches, tendo por fundo a Praça do Campo Pequeno.

«NERO» por Emilio Radius

Na série de «Grandes Biografias» da Editorial Aster, foi agora publicada a de «*Nero*», de Emilio Radius, aparecida há tempos em Itália, sob o título de «*Vita di Nerone*». Foi vertida a português por Maria Eugénia Sá da Bandeira e com a sugestiva capa de Geraldes Sobreiro está, por certo, destinada a êxito certo.

Emilio Radius soube enquadrar Nero no seu tempo e aquela encruzilhada de civilizações, personalidades, povos e religiões. Procura interpretar o seu personagem mais misterioso do que muitos autores o consideram, atirando com ele para uma classe sem cambiantes. O imperador tem encontrado ultimamente certos reabilitadores que acham deixar o crime de ser crime quando o inspira a razão de Estado. Emilio Radius procura sobretudo não se deixar levar por qualquer preconceito perante a figura daquele que para milhões de homens tem sido o símbolo dos monstros na história.

«A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)» de Mestre JOÃO FERNANDES

«Ao terminar a revisão do texto que foi apresentado em Julho de 1963 como tese de licenciatura em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ficou mais avivada a impressão do muito que resta indagar em volta de figuras e acontecimentos de uma época ainda tão pouco estudada entre nós.»

Estas palavras do dr. Jorge Alves Osório, que tomou para sua tese «A Oração sobre a Fama da Universidade», do velho mestre conimbricense João Fernandes, traduzindo-a, anotando-a e prefaciando-a com uma introdução notável, justificam-se inteiramente. Para tal basta contar pelos dedos de uma mão as monografias consagradas a esses mestres do Renascimento em Portugal, investigando-lhes a vida e estudando-lhes a obra. Homens como este João Fernandes, André de Resende, Diogo de Teive, Buchanan, Aspilcueta Navarro, Cataldo Sículo, e tantos mais, esperam o biógrafo consciente, paciente, erudito e carinhoso que os arranque à poeira dos arquivos. Teve Nicolau Clenardo a sorte de encontrar um Manuel Gonçalves Cerejeira, António de Gouveia encontrou há pouco um Verissimo Serrão, depois de ter merecido a atenção de um comentador da categoria de Joaquim de Carvalho e de ter sido traduzido por um mestre da língua como Aquilino. De Damião de Góis publicou-se há meses uma biografia, na Holanda. Mas até homens como Jerónimo Osório, com projecção intelectual, moral e política, são deixados ao deus-dará.

Os estudos de conjunto sobre essa época têm ficado quase todos como colunas truncadas ou edifícios sem cobertura nem conclusão. Que mágoa o inacabado do «Colégio das Artes» e de «A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes», de Mário Brandão!

O dr. Jorge Alves Osório reedita agora a «Oratio de Celebritate Academiae», publicada em 1548, em Coimbra, pondo-lhe em face a tradução. Aproveitando as investigações para essa tese de licenciatura dá-nos, nas cem páginas da introdução, a carreira desse reitor da Universidade e o ambiente académico quinhentista, bem como as desinteligências da Universidade de Lisboa com o rei, que levaram à sua transferência para as margens do Mondego de onde não volveria, e ainda os precedentes dessas orações «Pro Rostris» que hoje classificamos de «Orações de Sapiência» ainda quando esta nelas escasseie.

Esta obra de João Fernandes é de grande importância para o conhecimento do ambiente renascentista coimbrão e português, pela quantidade de mestres que cita e informes que sobre eles dá.

João Fernandes afastou-se de Coimbra depois de 1548, tendo sido dispensado do ensino universitário em 25 de Maio de 1549. Iria para o paço de Vila Viçosa e na corte ducal se conservaria até 1578, ano em que morreu, comendatário que era de Santiago de Parada. Em Vila Viçosa traduziu para latim a «Crónica de Condestabre», mas dessa tradução se perdeu o rasto como de tantas e tantas outras produções do engenho, neste País.

A edição é do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra. — R. R.

CRÍTICA LITERÁRIA

«CARNAVAL NEGRO»

conto de Urbano Tavares Rodrigues (Movimento)

«DESPEDIDAS DE VERÃO»

escorço cinematográfico de Urbano Tavares Rodrigues (Bertrand)

«A NOITE ROXA»

novelas e contos de Urbano Tavares Rodrigues, 2.ª edição revista e com prefácio de Baptista-Bastos (Bertrand)

«Carnaval Negro»

Porque tudo é «metamorfose» humana, neste Carnaval Negro, *ocorre-me a seguinte frase do diário de Kafka: «A falta de espaço oprimir-me-á sempre». A literatura kafkiana é claustrofobia irreparável. Por mais amplos que sejam os espaços sociais e físicos a que se reporte, há uma existencial Muralha da China a oprimi-la, a obsidi-la, a tolher-lhe a efusão ôntica. Daí o símbolo inexcedível que* A Metamorfose *é: ela reduz o humano à regressão bestiária que descondiciona a ilusão do optimismo pseudo-humanista. Se Kafka suprime sempre, como tem sido notado, uma faculdade que, a estar presente, deitaria por terra a narrativa, é porque os escombros que assim gera não são para ele intuitivamente diferentes dos que a apreensão do que nos falta precipitaria sobre o que somos. Ele próprio chamou a isso o «salário do Diabo».*

É de uma claustrofobia semelhante que tentam evadir-se os mascarados de Carnaval Negro. *Mas apenas baralham as cartas: há barreiras para o eu-mítico, como as há para o eu-social! Mais artista que poeta, Urbano Tavares Rodrigues enebria-se e enebria-nos com o esplendor desse espectáculo. A plasticidade quase indimensional do seu verbo de tudo sabe tirar encanto e estesia, do mesmo passo que agrupa em significações estratificadas o alcance do que diz. Nesse duplo sentido, este conto é inexcedível. Ao* charivari *barroco da primeira parte sucede-se a descida aos Infernos da segunda. Ao estilo que estralejava, o que cadaveriza. Contexto social, contexto psicológico, contexto existencial, contexto histórico, contexto essencial são outras tantas estruturas que repartem entre si os nexos da unidade literária em cuja realização concorrem.*

E, todavia... E, todavia, este universo de motivações decifradas, explícitas, abertas, tem o quer que seja do já visto. Faz coincidir plenitude estética com verdade estética, recusando, assim, que haja um limiar de insignificação a transpor, como a grande obra de arte sem cessar nos aponta, compelindo-nos a uma recondição do que somos. Sem o salário-do-Diabo, a que Kafka se referiu, não há poeta. E, sem este, o artista é um cicerone magnífico, mas a quem falta a chave do logis.

Aceitando que se possa e deva criar uma ciência da literatura, como a que o estruturalismo está procurando, eu pergunto-me, abrindo um parêntesis aqui, se alguma ciência pôde ou poderá algum dia esgotar *o seu objecto. Certo de que não, ponho ante mim a distinção que Todorov fez entre as «virtualidades do discurso literário» que tal ciência analisa e a* obra *que o contém. E concluo que uma obra é tanto mais acessível a um tal exame quanto menos rica e criadora for (o que me recorda, por exemplo, o estudo que*

«Despedida de Verão»

Umberto Eco fez dos ingredientes *com que Ian Fleming cozinhou o seu James Bond): a literalidade de tal análise está para a literatura como a musicologia para a música.*

A ser assim, a obra que mostre sem que descubra, a obra que componha sem que inove, a obra que seja superficie e não fundo insondável, joga-se no pressuposto de idênticas regras. É, por isso, um divertissement, *como Urbano Tavares Rodrigues expressamente reconhece, o texto que escreveu para o filme gorado* Despedidas de Verão. *Mas que denota o talento que tem esbanjado pelas mil escarpas da sua dádiva. E manda represá-lo, como de outras vezes já sugeri.*

Queiramo-lo ou não, é impossível fugir contudo, salvo nos casos de excepção, ao condicionamento da vida literária portuguesa. O que me leva a perguntar, muitas vezes: para quê a crítica, afinal? Para trazermos, uns e outros, o nome no jornal?! Mas não era mais simples, para isso, roubarmos uma carteira ou derraparmos o automóvel!, — eis a palavra que resume e nos faz aquiescer. Carnaval Negro *da praça pública!... Isso mesmo o diz Baptista-Bastos no prefácio que escreveu para a reedição de* Noite Roxa *: «Há coisas, factos, pessoas a que*

URBANO TAVARES RODRIGUES

— que é o acto de tomar o peso do que nos rodeia e, estamos ligados por sentimentos de honra. Quando chegamos a uma certa estação da vida e fazemos as opções necessárias à nossa própria viagem no tempo entendemos que essas coisas, esses factos, essas pessoas, nos ensinaram a existir mais *Tavares Rodrigues, sem dúvida. A parte que lhe tem fundamentalmente, explica».*

Assim se passa com Urbano cabido na consciencialização da nossa problemática europeia não pode subestimar-se: bastaria Noite Roxa *para a reputarmos fundamental.*

Eis aí a Europa, numa encruzilhada de Escombros *de que só na aparência se ressarciu ainda! Encruzilhada, todavia, ante a qual nos situámos (nos situamos) como se de outro continente a olhássemos. Só quem a tivesse calcorreado, na época, poderia dar-nos o «nosso» sentimento dela.*

E isso fez Urbano Tavares Rodrigues. Chama-se Jacinto, o protagonista da novela. E, como o do Eça, é uma «inteligência inútil» e sem norte. Um único escopo, a aventura: «a aventura pela aventura, pelo risco, pela experiência, pela emoção, por um sorriso, por uma rosa, por coisa alguma, ocmo D. Quixote contra os leões».

Situado entre dois grandes sistemas económico-sociais, que considera figurações diferentes dum mesmo mal, não opta — e cai na terra-de-ninguém da Berlim do após-guerra, afundando-se no erotismo e no expediente videirinho. A triangulação em que é posto com uma mulher frígida e outra sexualmente obsidiada põe ao donjuanismo que toda a obra de Urbano Tavares Rodrigues glosa um sinal reflexivo de ser-e-nada *que, a meu ver, é o seu contexto mais fecundo: o dum franciscanismo do amor físico — repartido em esmolas Como fundo de tudo, a cidade e a vida truncadas, mendicantes.*

Para Wolfgang, ex-militar e escroque, companheiro de Jacinto, a única saída é despolizitar tudo. Sem a anotação disto, a novela não teria o significado, a data e o alcance que tem. Despolitizar tudo é desumanizar tudo: é cair de boroo na alienação histórica do no man's land! *Eis assim que Urbano não só põe o dedo na ferida do jacintismo destes dois séculos, mas no do cosmopolitismo insolvente e* outsider. *«Alagado de culpa e de tédio», o seu protagonista percorre todos os escapes da má-consciência e adia para a «osmose dos dois mundos» a solução de uma conjuntura que aliena. A sua «imitação do amor» é já uma «imitação da felicidade», — uma imitação da vida. O refrigério de castigo «moral» que a prisão derrama sobre ele repõe o jacintismo na «solução» dum regresso à infância: «nada havia no mundo mais lindo que uma criança — pensou —, nada mais digno de amor que um defeito», são as últimas palavras da novela.*

Falta, claro está, a ironia com que o Eça negava o que dizia e afirmava o que negava. Que ironia pode haver sobre escombros?! — Sim, uma: a do humor negro. A dos parodiantes que, no cabaret, *imitam Goering, Goebels, Hitler... A do* Carnaval Negro, *afinal: a dum mundo que come gerações como Saturno comia os filhos.*

por MÁRIO SACRAMENTO

«Noite Roxa»

RENÉ LÚCIO

Os seus trabalhos correm mundo. Levam ao mundo as figuras, o ambiente, a maneira de ser brasileira. Além de várias exposições na sua Pátria, enviou vários trabalhos á Argentina, Uruguai, Paris, Roma, Milão.

Esteve há pouco entre nós, presente na «Galeria Nacional de Arte». Chama-se René Benjamim Lúcio. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1946. Iniciou os estudos em Nova Friburgo e no Rio de Janeiro. Em 1959 ingressou no Atelier Livre de Pintura do Museu de Arte Moderna, do Rio. A partir de 1960 dedicou-se á xilografia. No mesmo ano foi convidado pelo Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, para assistente no Curso de Pintura Infantil daquele Museu.

«Para além do êxito da exposição na capital portuguesa — diz-nos René Lúcio — acontece que a estadia na vossa terra abriu novas perspectivas á minha arte. A estadia em Portugal revela-se-me fecunda — é como se eu ganhasse novas forças...»

René Lúcio: um artista que pode servir de traço de união entre duas artes.

LIVROS PELICANO

o homem e o mundo explicados cientificamente na mais célebre colecção do nosso tempo

GEORGE PENDLE 40$00

HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA

Uma introdução objectiva e autorizada feita por um especialista que, nos últimos trinta anos, se tem dedicado profundamente ao estudo dos problemas do continente latino-americano.

LIONEL KOCHAN 50$00

A FORMAÇÃO DA RÚSSIA MODERNA

«Não creio que exista melhor resumo para familiarizar o leitor comum com a vastidão da história da Rússia».

Edward Cranshaw — Observer

R. B. WYE e J. E. MORPURGO 75$00

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

Visando dotar todos os leitores com uma compreensão actualizada do passado americano, esta história dos Estados Unidos, em dois volumes, acentua com destaque o progresso da ideologia americana na política, nas artes, na religião e na vida social.

ULISSEIA • Rua da Misericórdia, 125-1.º — Lisboa-2